



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Flávia Seregati

Léxico tabu na obra “Milenio” de Manuel Vázquez Montalbán:
fatores pragmático-comunicativos na tradução do espanhol para o
português

São José do Rio Preto
2018

Flávia Seregati

Léxico tabu na obra “Milenio” de Manuel Vázquez Montalbán:
fatores pragmático-comunicativos na tradução do espanhol para o
português

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angélica Karim
Garcia Simão
Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia
Zavaglia

São José do Rio Preto
2018

Seregati, Flávia.

Léxico tabu na obra "Milenio" de Manuel Vázquez Montalbán: fatores pragmático-comunicativos na tradução do espanhol para o português /Flávia Seregati. – São José do Rio Preto, 2018
151 f : il.

Orientador: Angélica Karim Garcia Simão

Coorientador: Claudia Zavaglia

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Lexicologia. 2. Tradução e interpretação. 3. Língua espanhola. 4. Língua portuguesa. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 8.035

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Flávia Seregati

Léxico tabu na obra “Milenio” de Manuel Vázquez Montalbán:
fatores pragmático-comunicativos na tradução do espanhol para o
português

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Angélica Karim Garcia Simão
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva
UNESP – Araraquara

Prof^a. Dr^a. Vivian Regina Orsi Galdino de Souza
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
09 de março de 2018

A minha mãe que me ensinou desde pequena
o valor dos livros e do amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos

às minhas orientadoras, Angélica e Claudia, que me guiaram, orientaram e aconselharam durante esses anos. Pela paciência e amizade tão importantes nessa caminhada.

à minha família que me sustenta em todas as horas.

aos professores que contribuíram, direta ou indiretamente, para que este trabalho se tornasse realidade, seja em conversas cotidianas, seja no debate e na qualificação.

à CAPES, pela bolsa concedida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a investigação do léxico em romances policiais, com vistas a detectar e analisar a incidência de fatores pragmáticos na tradução (espanhol-português) de lexias simples e complexas, especificamente as consideradas tabus linguísticos. Como *corpus* de pesquisa elaboramos o MVM 4 composto pelas obras em espanhol, *Milenio Carvalho I. Rumbo a Kabul* e *Milenio Carvalho II. Rumbo a las antípodas* de Manuel Vázquez Montalbán e sua tradução para o português *Milênio*. Tendo como base a Lexicologia e a Pragmática, nosso estudo foi fundamentado no contexto do romance policial em que as lexias tabus foram encontradas. Assim, para o levantamento das unidades lexicais tabus (ULTs) utilizamos o método manual, dado que se fez necessário compreender o âmbito em que a lexia está inserida para que fosse possível classificá-la em uma das esferas de motivação de uso propostas. Desse modo, a análise das ULTs, iniciou-se após a separação das lexias conforme as cinco esferas de motivação de uso, de maneira que pudéssemos estabelecer uma relação entre as obras em espanhol e sua respectiva tradução para o português, atentando para as relações eufemísticas e disfemísticas presentes na tradução. Com foco nas ULTs e com base no modelo de divisão por esferas, proposto por Simão e Seregati (2016), foram examinadas as motivações de uso mais frequentes das ULTs, os recursos eufemísticos e disfemísticos utilizados na tradução das lexias tabu, as relações entre os eufemismos e os disfemismos e as esferas em que estão inseridas e, por fim, discutimos e propusemos a ampliação do modelo de divisão por esferas proposto por Simão e Seregati (2016).

Palavras-chave: Lexicologia. Tradução. Lexias tabus. Romance Policial. Língua Espanhola. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This research aims to study the taboo lexicon in detective novels in order to observe and analyze the incidence of pragmatics factors in the translation (Spanish-Portuguese) of simple and complex words, specifically the ones that are considered linguistic taboos. For this purpose, the MVM 4 has been created as a research corpus, being composed by the Brazilian Portuguese translation of the following Manuel Vázquez Montalbán's works: Milenio Carvalho I. Rumbo a Kabul and Milenio Carvalho II. Rumbo a las antípodas. Based on Lexicology and Pragmatics, this study was founded on the context of the detective novel in which the taboo lexicons were observed. Thus, a manual method was used for the taboo lexicons (ULTs) assessment, since it was necessary to understand the scope in which the lexicon was inserted, so that it could be classified in one of the proposed categories. Therefore, the analysis of the ULTs began after the lexicons were classified according to the taboo lexicon division of the use motives into five categories and in such a way that a relation between the novels in Spanish and their respective translations in Portuguese was established, highlighting the euphemistic and dysphemistic relations in the translation. Focusing on the ULTs and based on the division model proposed by Simão and Seregati (2016), the most frequent motives for the use of ULTs have been investigated, as well as the euphemistic and dysphemistic strategies used in the translation of taboo lexicons, the relation between euphemisms and dysphemism, and the categories in which they are inserted. And finally, after a discussion, an increase of the motives division model proposed by Simão and Seregati (2016).

Keywords: Lexicology. Translation. Taboo Lexicon. Detective Novel. Spanish Language. Portuguese Language.

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 1 – Capas das obras estudadas em espanhol.....	11
Figura 2 – Capa da obra estudada em português.....	12
Figura 3 – Distinção entre os dicionários.....	35
Figura 4 – Verbetes 1 “coño”.....	59
Figura 5 – Verbetes 2 “coño”.....	60
Figura 6 – Verbetes 1 “boceta”.....	61
Figura 7 – Verbetes 2 “boceta”.....	61

TABELAS

Tabela 1 – Diferenças entre os eufemismos e os disfemismos.....	34
Tabela 2 – Exemplo do primeiro levantamento das unidades lexicais tabus.....	57
Tabela 3 – Modelo de tabela usada para classificação das unidades lexicais tabus em cada esfera.....	58
Tabela 4 – Apresentação dos dados coletados.....	63
Tabela 5 – Unidades lexicais tabus pertencentes à esfera I.....	64
Tabela 6 – Unidades lexicais tabus pertencentes à esfera II.....	69
Tabela 7 – Unidades lexicais tabus pertencentes à esfera III.....	81
Tabela 8 – Unidades lexicais tabus pertencentes à esfera IV.....	83
Tabela 9 – Unidades lexicais tabus pertencentes à esfera V.....	99
Tabela 10 – Resultado dos dados coletados.....	110

QUADROS

Quadro 1 – Definição Esfera I.....	48
Quadro 2 – Definição Esfera II.....	50
Quadro 3 – Definição Esfera III.....	52
Quadro 4 – Definição Esfera IV.....	53
Quadro 5 – Definição Esfera V.....	54
Quadro 6 – Nova proposta de esferas de motivação de uso.....	108

LISTA DE SIGLAS DOS DICIONÁRIOS

DUE	Diccionario de uso del español/ María Moliner
DLE	Diccionario de la Real Academia Española
WR	Diccionario de la lengua española del Espasa Calpe ¹
CA	Dicionário Caldas Aulete
DH	Dicionário Houaiss
DC	Dicionário Bilíngue Collins
DR	Dicionário Reverso
DS	Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños/Señas

¹ A base do dicionário Espasa Calpe está disponível no site <http://www.wordreference.com>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
1.1. Sobre o <i>corpus</i>	11
1.2. Traçando algumas considerações entre a Pragmática e a Lexicologia.....	15
1.3. Lexicologia.....	16
1.4. Tabus sociais e morais.....	20
1.5. Tabus linguísticos.....	26
1.6. Eufemismos e disfemismos.....	32
1.7. Pragmática.....	37
1.8. Modelo de divisão das motivações de uso do léxico tabu por esferas.....	43
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	55
2.1. Procedimentos de seleção e análise proposta para o léxico tabu.....	55
2.1.1. Seleção das ULTs.....	55
2.1.2. Levantamento das ULTs.....	56
2.1.3. Análise das ULTs.....	57
2.1.3.1. Problemática em relação às marcas de uso.....	58
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS.....	63
3.1. Esfera I – Motivações psicológicas individuais.....	63
3.2. Esfera II – Motivações sociais de descortesia.....	68
3.3. Esfera III – Motivações sociais de anticortesia.....	81
3.4. Esfera IV – Motivações discursivas.....	82
3.5. Esfera V- Motivações biológicas.....	99
3.6. Resultados.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
--	------------

ANEXO I – <i>Corpus</i> relativo à esfera I.....	122
---	------------

ANEXO II – <i>Corpus</i> relativo à esfera II.....	124
---	------------

ANEXO III – <i>Corpus</i> relativo à esfera III.....	132
---	------------

ANEXO IV – <i>Corpus</i> relativo à esfera IV.....	133
---	------------

ANEXO V – <i>Corpus</i> relativo à esfera V.....	138
---	------------

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata do desdobramento da pesquisa de Iniciação Científica “Procedimentos de tradução (espanhol/português) do léxico tabu presente na obra *Los mares del Sur*, de Manuel Vázquez Montalbán”². Nosso foco, neste artigo, foi relacionar a incidência de fatores pragmático-comunicativos na tradução de lexias simples e complexas do léxico tabu, a fim de estabelecer relações com a tradução (espanhol-português), utilizando os conceitos de técnicas e estratégias (HURTADO ALBIR, 2001). Para tanto, utilizamos como *corpus*, denominado MVM 1, o texto original em espanhol *Los Mares del Sur*, de Manuel Vázquez Montalbán, e sua respectiva tradução para o português brasileiro, realizada por Cid Knipel Moreira.

Essa pesquisa nos forneceu os parâmetros para que pudéssemos propor, nesta dissertação, um aprofundamento de nossas considerações, reflexões e análises com relação ao léxico tabu e aos fatores pragmático-comunicativos envolvidos na tradução dessas lexias. Desse modo, continuamos a trabalhar com uma das obras da *Serie Carvalho* de Manuel Vázquez Montalbán, a saber, especificamente, os dois volumes em espanhol: 1) *Milenio Carvalho I. Rumbzeo a Kabul* e 2) *Milenio Carvalho II. Rumbo a las antípodas* e sua tradução em português intitulada 3) *Milênio*, realizada por Rosa Freire D’Aguiar.³ Esse livro foi pensado pelo autor como um projeto de conclusão da *Serie Carvalho*. A obra foi publicada em 2004, um ano após a morte do escritor e foi dividida em duas partes, conforme abordado anteriormente.

O *corpus* utilizado para essa pesquisa foi intitulado de MVM 4, dado que faz parte de um projeto maior no qual os *corpora* extraídos das obras *Los mares del sur*, *El laberinto griego* e *La rosa de Alejandría* foram intitulados como *corpus* MVM 1, MVM 2 e MVM 3, respectivamente.

Entendemos que a linguagem tabu permite que o falante de uma língua expresse diversos tipos de sentimentos, pois promove também a ênfase ou a matização da

² Processo FAPESP nº2015/07289-1, cujos resultados estão publicados na revista Letras & Letras, intitulado “Léxico tabu em Los Mares del Sur, de Manuel Vázquez Montalbán, disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33089/18710>.

³ As obras originais em espanhol, *Milenio Carvalho I. Rumbo a Kabul* e *Milenio Carvalho II. Rumbo a las antípodas*, ao serem traduzidas para o português do Brasil foram compiladas em apenas um volume.

linguagem oral em algumas situações, e, em muitos casos, fortalece a identidade entre os grupos. Por léxico tabu entendemos os disfemismos na forma de insultos, lexias obscenas, como palavrões ou palavras vulgares utilizadas para designar o ato sexual ou as partes pudendas do corpo, o léxico referente ao âmbito escatológico e grosseiro, considerado vulgar e de uso pejorativo ou depreciativo, além de todas as lexias envoltas em superstição e censura. Essa linguagem, tradicionalmente, é considerada marginalizada, e em alguns contextos, ao ser enunciada, é capaz de criar situações desagradáveis e incômodas. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, essas unidades lexicais estão envoltas em proibição.

Partimos do pressuposto de que a linguagem tabu seja um reflexo do ambiente em que o falante está inserido. Utilizamos como referência, neste caso, o texto literário, mais especificamente o romance policial, já que possibilita que o autor de uma obra expresse conteúdos ideológicos aos seus leitores e, por meio da fala dos personagens, permite que nesses conteúdos esteja refletido o repertório lexical presente nesse microsistema de representação social. O submundo marginal do romance policial busca representar, segundo Kobayashi (2013), a realidade cotidiana de uma camada social que vive à margem da sociedade, a qual se encontra inserida em um contexto associado à violência, ao submundo e ao crime. Assim, a linguagem, segundo essa autora, será coloquial e vulgar, repleta de gírias e palavrões, com descrições dotadas de frieza e realismo.

Cada vez mais, no ambiente em que vivemos, a sociedade tem aceitado o contato com unidades lexicais do universo marginalizado. De acordo com Preti (2003), podemos verificar que a circulação desse léxico está mais presente em obras literárias e cinematográficas. De fato:

Podemos afirmar que a linguagem da *mídia* impressa está na linha de frente das transformações e das mudanças de aceitabilidade social das palavras, o que pode ser observado em relação à gíria e aos vocábulos ou expressões obscenas. Estes ganham maior aceitabilidade em gêneros jornalísticos, como os *cartuns* e seções humorísticas, ou em programas televisivos, em que se procuram representar certos tipos populares, aliando sua imagem e situação de comunicação a seu vocabulário de fundo expressivo e emocional. Tanto a gíria como vocábulos obscenos ganharam um trânsito absolutamente normal, com plena aceitabilidade social, nos diálogos do cinema, quer em filmes falados em português, quer em legendas traduzidas (PRETI, 2003, p. 56).

As obras que compõem nosso *corpus* de pesquisa são do escritor Manuel Vázquez Montalbán (Barcelona, 1939-2003), um dos dez autores mais traduzidos da literatura espanhola, de acordo com o Index Translationum da UNESCO. Esse autor teve uma longa carreira literária, na qual conseguiu abranger todos os gêneros, desde o ensaio até o romance policial, passando pela crônica e pela poesia.

Nesta dissertação, analisamos o uso de *lexias tabus* nessa obra pertencente ao gênero policial justamente pelo emprego recorrente desse léxico, uma vez que o romance policial trata em suas narrativas de contextos sociais marginalizados nos quais encontramos personagens de diferentes classes sociais. Os personagens que figuram nessa obra são mafiosos, narcotraficantes e detetives que fazem parte do submundo. E em relação ao uso que fazem da linguagem, entendemos que Vázquez Montalbán emprega o léxico tabu como um recurso estilístico para inserir sua obra no universo *underground* em que seus personagens transitam.

Este estudo tem por objetivo geral detectar e analisar a incidência de fatores pragmático-comunicativos na tradução de *lexias* simples e complexas consideradas tabus linguísticos. Esta pesquisa orienta-se ainda pelos seguintes objetivos específicos:

- 1) estabelecer quais as motivações de uso mais frequentes do léxico tabu no *corpus* MVM 4;
- 2) estabelecer quais os recursos eufemísticos e disfemísticos utilizados na tradução das *lexias* tabu;
- 3) estabelecer as relações entre os eufemismos e os disfemismos e as esferas em que estão inseridas;
- 4) discutir o alcance e a efetividade do modelo de classificação de motivação de uso do léxico tabu por esferas, proposto por Simão e Seregati (2016).

Acreditamos que nossa pesquisa, por se tratar de uma nova proposta de esferas de motivações de uso do léxico tabu em romances policiais, bem como dos recursos utilizados na tradução dessas *lexias*, justifique-se plenamente dado o ineditismo e a contribuição teórica e metodológica que pretendemos oferecer à comunidade de estudiosos que trabalham com esses argumentos.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O capítulo I discute a fundamentação teórica que embasou a pesquisa. Inicialmente, apresentamos algumas

informações sobre *corpus* MVM 4 estudado, com uma breve explicação em relação ao autor, Manuel Vázquez Montalbán, os dois volumes da obra *Milenio* em espanhol e sua tradução para o português. Logo após, são traçadas algumas considerações entre a Pragmática e a Lexicologia e em seguida discutimos algumas considerações teórico-metodológicas sobre a Lexicologia. Na sequência, focalizamos as questões referentes aos tabus sociais e morais e os tabus linguísticos, integram esse tópico também algumas considerações acerca do preconceito e da intolerância linguística. Posteriormente, trabalhamos com os conceitos de eufemismos e disfemismos, seguidos por questões da Pragmática, como a cortesia, a descortesia e a anticortesia. Por fim, discutimos as questões relativas às esferas de motivações de uso.

No capítulo II discutimos a metodologia utilizada para a seleção e a análise do uso de lexias tabus no *corpus* MVM 4 e a problemática em relação às marcas de uso dos dicionários utilizados como base na análise. No capítulo III nos dedicamos à análise do *corpus* MVM 4, tentando responder aos questionamentos propostos nos objetivos: quais as motivações de uso são mais frequentes do léxico tabu; quais os recursos eufemísticos e disfemísticos utilizados na tradução dessas lexias; quais as relações entre os eufemismos e os disfemismos e as esferas em que estão inseridos. Ao final, apresentamos os resultados obtidos. E, nas considerações finais, expomos as conclusões relativas à análise do *corpus* MVM 4 e sua relação com as esferas de motivações de uso.

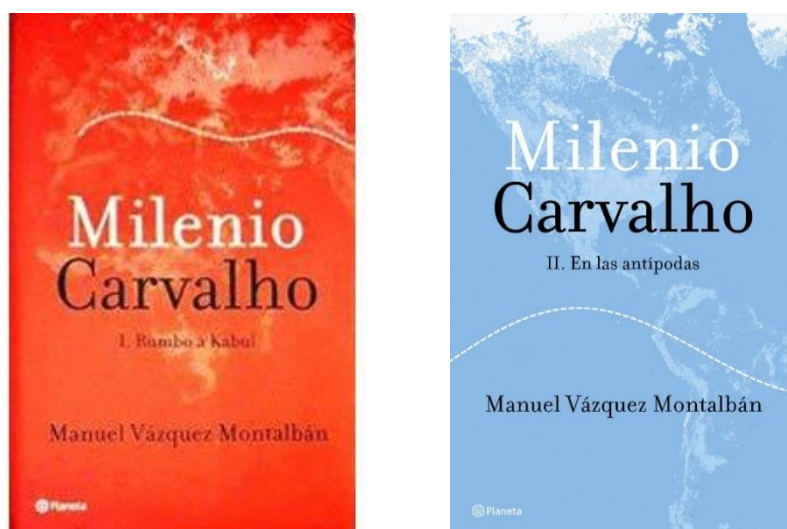
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo trata, primeiramente, de informações relativas ao *corpus* MVM 4 e sobre o autor das obras estudadas. Em seguida, expomos as questões teóricas relacionadas às ciências que se ocupam do léxico, focalizando pressupostos teóricos acerca da Linguística e a relação da Lexicologia e a Pragmática. Também são tecidas considerações acerca dos tabus morais e sociais e, conseqüentemente, dos tabus linguísticos. Em seguida, evidenciamos a questão dos eufemismos e disfemismos e a relação da Pragmática com a cortesia, a descortesia e a anticortesia. Ao final, discutimos, detalhadamente, o modelo de divisão das motivações de uso do léxico tabu por esferas, do qual partimos para estabelecer a classificação do léxico tabu nesta pesquisa.

1.1.Sobre o *corpus*

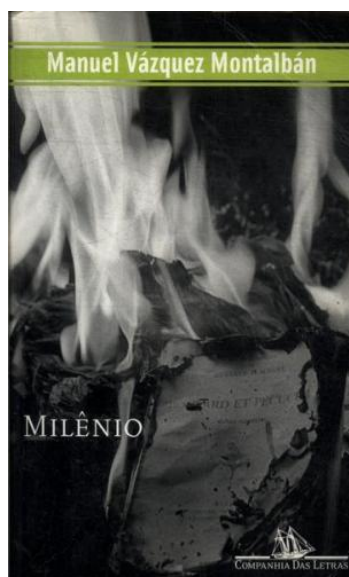
Nosso *corpus* de pesquisa é constituído por duas obras do autor espanhol Manuel Vázquez Montalbán, 1) *Milenio I. Rumbo a Kabul* e 2) *Milenio II. En las antípodas* (figura 1), e sua respectiva tradução para o português, *Milênio*, feita por Rosa Freire d'Aguiar e veiculada em volume único (figura 2).

Figura 1 – Capa das obras estudadas em espanhol



Fonte: Google images

Figura 2 – Capa da obra estudada em português



Fonte: Google images

Manuel Vázquez Montalbán nasceu em Barcelona em 1939 e faleceu em Bangkok em 2003. Vázquez Montalbán era graduado em Filosofia e Letras, tendo cursado a *Escuela Oficial de Periodismo*. Foi escritor, jornalista, poeta e romancista. Esse autor foi primeiramente reconhecido como poeta em 1967, ao publicar a seleção de poemas *Una educación sentimental*, que o introduziu ao movimento poético renovador denominado *Los nueve novísimos*.

Esse autor possui uma vasta produção literária que inclui narrativas, poesias, textos experimentais e ensaios. Em relação à sua obra poética, podemos citar o livro *Memoria y deseo* (1986) que reúne a poesia completa do escritor, ficando conhecido pelo empenho em conciliar a vanguarda, a experiência e a consciência crítica. Como ensaísta, destacou-se com *Manifiesto subnormal* (1970), peça que deu início a etapa de *Escritos Subnormales*, são eles: *Yo maté a Kennedy* (1972), *Happy end* (1974) e *Guillermota en el país de las Guillerminas* (1973).

A partir de 1974, o autor supracitado deu início a um ciclo de romances realistas. Esses romances compunham uma crônica da Espanha contemporânea vista através dos olhos de um personagem que alcançaria fama internacional e se tornaria o personagem mais conhecido do autor, o detetive Pepe Carvalho.

Esses romances fazem parte da *Serie Carvalho* que conta com 24 livros, sendo que desses, somente oito foram traduzidos para o português do Brasil, publicados pela editora Companhia das Letras, a saber: *Los mares del sur* (1979)/*Os mares do sul* (2001); *La rosa de Alejandría* (1984)/*A rosa de Alexandria* (2006); *El balneario* (1986)/*O balneário* (2007); *El laberinto griego* (1991)/*O labirinto grego* (2001); *Quinteto de Buenos Aires* (1997)/ *O quinteto de Buenos Aires* (2000); *El hombre de mi vida* (2000)/*O homem da minha vida* (2003); *Milenio Carvalho I. Rumbo a Kabul/Milênio* (2007); *Milenio Carvalho II. En las antípodas* (2004) /*Milênio* (2007). O último livro da série Carvalho, *Milenio* (2004), objeto desta pesquisa, era um projeto do escritor para que fosse a última parte da *Serie Carvalho*. A obra foi publicada, postumamente, em 2004, um ano após a morte do autor.

Vázquez Montalbán alcançou sucesso com o *Premio Planeta* em 1979, com uma das histórias do detetive, *Los mares del sur*, a que se seguiriam outras aventuras com Carvalho como protagonista que elevariam o autor a um dos primeiros lugares do romance policial mundial. Em 1991 recebeu o *Premio Nacional de Literatura* pela obra *Galíndez* (1990). Quatro anos depois recebeu o *Premio de la Crítica* por seu romance *El estrangulador* (1994) e o prêmio *Nacional de Letras Espanholas* pelo conjunto de sua obra.

No prólogo do livro *La rosa de Alejandría* (1984), o autor é descrito como o Hamlet espanhol, o Chandler catalão, dentre outros adjetivos que lhe são atribuídos devido ao seu estilo. Este reconhecimento ocorre devido à sagacidade em sua escrita. Seus escritos também são descritos como mordazes, inteligentes, sarcásticos e lúcidos.

Em relação à *Serie Carvalho*, temos contato com o detetive Pepe Carvalho, caracterizado por ser um personagem pouco comunicativo que, na maioria das vezes, prefere escutar a falar, em alguns momentos podemos descrevê-lo como um personagem contraditório, visto que é um personagem extremamente culto, porém, em muitas passagens, queima seus livros por motivos banais. Portanto, preza e destrói conhecimento. Ele, em uma de suas entrevistas, chegou a afirmar que Carvalho seria um personagem com características arbitrárias, sendo, portanto, inverossímil, dado que carece de qualquer reflexão em relação à realidade. Os reflexos dessa personalidade contraditória podem ser percebidos em gestos antagônicos com os quais se identifica a

um homem culto que queima seus livros e um antigo comunista que é também ex-agente da CIA.

A partir da figura do detetive, percebemos que a *Serie Carvalho* faz parte do gênero romance policial, um dos mais populares do mundo. Brevemente, percebemos que a origem do romance policial não poder ser demarcada com precisão. Assim, é consenso que “tenha surgido no século XIX, em decorrência do desenvolvimento da indústria cultural, época em que o crime passa a ser vislumbrado como *esteticamente* interessante e passa a objeto de pesquisas” (SANTOS, 2003, p.15). E é nesse momento que Edgar Allan Poe (1809-1849) publica os contos de mistério “Os crimes da Rua Morgue” (1841), com a figura do detetive Auguste Dupin, iniciando uma narrativa baseada na descoberta de um crime e repleta de enigmas.

De acordo com Reimão (1983, p.12), os romances policiais podem ser caracterizados como:

[...] dramas individuais, via de regra banais, ou então crimes raros e aparentemente inexplicáveis. O desafio do mistério aliado a um certo prazer mórbido na desgraça alheia e ao sentimento de justiça violada que requer então reparos são basicamente os elementos geradores da atração e do prazer na leitura desse tipo de narrativa (apud MASSI, 2015, p.21).

No entanto, a série de Vázquez Montalbán faz parte de uma categoria que se diferencia desse gênero porque inova em relação aos romances policiais de seu tempo, apresentando um romance policial mais centrado em “uma visão desestabilizadora do crime na sociedade, expondo os aspectos repressivos, o castigo e o controle social, e se concentra em deixar claro as causas sociais e políticas subjacentes à delinquência” (COLMEIRO, 2015, p.18).

É no contexto de mudanças políticas, conforme discutido brevemente acima, que Manuel Vázquez Montalbán situa seus romances, expondo, além da transição da ditadura de Franco para a democracia, também as mudanças provocadas pela globalização. Assim, na obra *Milenio*, objeto de estudo dessa pesquisa, Vázquez Montalbán apresenta a situação política de diversos países, passando por Israel, Turquia, Cabul, Argentina e Brasil. Por esse motivo, “um unânime consenso político reconhece que Vázquez Montalbán foi instrumental no desenvolvimento do romance policial como gênero

político na Espanha, e que seu exemplo exerceu grande influência no exterior” (COLMEIRO, 2015, p.18).

1.2.Traçando algumas considerações entre a Pragmática e a Lexicologia

Os estudos da linguagem contemporânea dividiram-se em diversas disciplinas com o objetivo de analisar um objeto, a língua. Em cada uma dessas disciplinas, podemos perceber que embora o objeto observacional seja, em um primeiro momento, o mesmo para todas as teorias linguísticas, os objetos teóricos são extremamente distintos. Pode-se aproximar do objeto linguístico a partir de diferentes perspectivas teóricas como, por exemplo, a Lexicologia, a Morfologia, a Sintaxe, a Semântica e a Fonologia. Cada uma dessas disciplinas tem por objetivo estudar especificamente um objeto teórico distinto, uma perspectiva diferente da língua.

Lançando um olhar sobre as correntes teóricas do século XX, pode-se notar a criação de recortes metodológicos que buscaram um objeto de estudo delimitado e definido. Esse é o caso dos estudos de Saussure em que a língua é entendida como “uma essência que representa exatamente a subordinação do objeto a uma determinada perspectiva metodológica” (CAMACHO, 1994, p.16). Com a intenção de homogeneizar a língua, Saussure prioriza o formal, uma vez que no objeto homogêneo estarão as maiores possibilidades de regularidade e leis do sistema linguístico.

Essa visão dicotômica da língua, tanto pelos estruturalistas quanto pelos formalistas, explicava os princípios da língua e o seu uso, excluindo a responsabilidade do sujeito enunciador na significação ou na elaboração de significados. Isso se reflete no significado e significante, *langue* e *parole* segundo Saussure, e estrutura profunda e estrutura de superfície, *competência* e *desempenho*, segundo Chomsky. Ambos os pesquisadores traçaram uma distinção fundamental e semelhante, em que o objeto de estudo da linguística se ocupava, principalmente, da forma, ou seja, da *langue*, de acordo com Saussure, e da *competência*, segundo Chomsky.

Segundo Weedwood (2002), também no século XX surgiram grandes campos de investigação da linguagem que ultrapassaram o chamado “núcleo duro”, que são os estudos que se preocupam com a “língua em si”, como a Fonética e Fonologia, a Sintaxe,

a Morfologia, a Semântica e a Lexicologia. Essas áreas de estudos representam os conjuntos iniciais e mais tradicionais dos estudos da linguagem. Os novos campos são marcados por uma interdisciplinaridade crescente, com intersecção em áreas como a filosofia, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a neurociência e a semiologia.

Por esse motivo, na segunda metade do século XX houve uma “guinada Pragmática”, uma vez que ao pensar a língua como parte da linguagem humana, deve-se considerar outros aspectos além da forma, como a língua em uso. Tais transformações motivaram a necessidade de se explorar novas disciplinas que estudem objetos linguísticos teóricos diferentes.

Os estudos pragmáticos “analizam, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática linguística; e, de outro lado, estuda as condições que governam essa prática” (PINTO, p.55, 2012).

Desse modo, nesta dissertação, estabelecemos um vínculo entre a Pragmática e a Lexicologia, uma vez que nosso objetivo é discutir os usos do léxico tabu em português e espanhol presentes na obra de Manuel Vázquez Montalbán. Observando essas duas disciplinas, podemos estabelecer relações entre o uso que se faz do léxico de determinada língua durante a interação social em função dos fatores pragmáticos, que analisam a língua com foco em seus usuários e na interação.

1.3.Lexicologia

A Lexicologia é a ciência que tem como objetivo estudar o sistema lexical, as características e os elementos que compõem determinada língua, analisando o signo linguístico em sua totalidade. Assim sendo, as ciências tradicionais que estudam o léxico, a Lexicologia e a Lexicografia, dedicam-se a um mesmo objeto de estudo, no entanto, de maneiras diferentes.

Segundo Dubois et al (1998, p. 372), “chama-se Lexicologia o estudo científico do vocabulário. Existem estudos de formas léxicas desde a Antiguidade, ficando, então, a noção de palavra um *a priori*”.

Picoche (1992), em seus estudos, cita os principais problemas que abarcam a Lexicologia, a saber: a definição da unidade lexical de base e a conservação da noção de

palavra; a possibilidade de produzir um inventário com o léxico total de uma língua, e os instrumentos utilizados para alcançar esse objetivo; o estabelecimento de uma relação entre o léxico e o universo, a mudança de uma realidade infinita para um número limitado de palavras, a divisão da realidade de acordo com o léxico de diversas línguas, os dados universais que permitem a tradução de todas as línguas, independente da língua de chegada; a relação entre palavras nos planos sintático e semântico e a ligação entre os contextos e cada palavra; a relação entre o significante e o significado no interior de uma palavra e as diferenças entre polissemia e homonímia; a classificação e relação entre os significados de palavras, a sinonímia e a antonímia; os parâmetros utilizados para definir a palavra, e o questionamento de sua definição.

Dessa maneira, a partir dos questionamentos de Picoche (op.cit.) a perspectiva adotada para respondê-los é, sobretudo, sincrônica – o estudo das palavras em um estado de língua dado, em determinada época –, no entanto, as questões também podem ser tratadas a partir de uma perspectiva diacrônica – o enriquecimento e o empobrecimento do léxico, evolução do sentido das palavras e suas relações, e variações na maneira que o léxico estrutura o universo. Nesse sentido, Biderman (1996) afirma que

a herança cultural é passada às novas gerações através da linguagem. A língua é o veículo por excelência da transmissão da cultura. E o léxico da língua constitui um tesouro de signos linguísticos que, em forma de código semiótico, permite esse milagre. De um lado, ele pode ser transmitido verbalmente pela interação humana e social no processo da educação informal e formal, via aprendizagem. E, de outro, ele pode ser armazenado em forma codificada de engramas na memória do indivíduo, para que ele possa recuperar as palavras nesse tesouro vocabular, quando delas precisar para se expressar ou para se comunicar (BIDERMAN, 1996, p.44).

Assim, o léxico pode ser identificado como um patrimônio da sociedade, porque nele estão concentrados os valores, os julgamentos e as crenças, ou seja, a vida e a constituição daquela sociedade. Foi, portanto, “esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. [...] A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1998, p.13).

Biderman afirma ainda que “sendo a língua um patrimônio social, preexistente aos indivíduos, classifica-se como uma realidade heterogênea, sujeita aos outros fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade” (BIDERMAN, 2001, p. 13). Assim, percebemos que a motivação das escolhas lexicais pelo falante está sujeita ao ambiente e a outros fatores sociais, visto que, de acordo com Biderman (2001), os usuários de uma língua

[...] funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Em síntese, Biderman (1996) esclarece que o léxico de uma língua depende dos falantes que o empregam, agem sobre ele e se identificam através dele, afinal “o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem” (1996, p. 27). Além disso, ela ainda explica que os usuários e os falantes de determinada língua não são capazes de captar o léxico em sua totalidade, visto que o léxico está em constante renovação e expansão, assim o problema de delimitá-lo e conhecê-lo reside nessa quantidade ilimitada de unidades lexicais. Em consonância com Biderman (2001), Ferraz (2006) explica que

uma das características mais marcantes das línguas naturais é a mudança. Dada a dinamicidade da linguagem humana, podemos verificar o fenômeno da mudança se manifestando em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático), mas de forma mais evidente no nível lexical. A renovação do léxico de uma língua é um fenômeno permanente, já que o léxico, refletindo a dinâmica da língua, considerando-se que esta, sociedade e cultura são indissociáveis, constitui uma forma de registrar a visão de mundo, o conhecimento do universo, a realidade histórica e cultural e as diferentes fases da vida social de uma comunidade linguística (FERRAZ, 2006, p.219).

Em relação a essa contínua expansão do léxico, Bizzocchi (1998) explica que cada língua apresenta um comportamento diferente quanto à criação e à renovação de suas

unidades lexicais, variando de acordo com as opções e preferências no processo de criação lexical. Assim sendo, esse autor esclarece que

essas opções e preferências obviamente mudam ao longo do tempo, de modo que o aspecto do léxico de uma língua numa determinada etapa sincrônica de seu desenvolvimento é o resultado de todas as tendências lexicogênicas verificadas nessa língua desde o início de sua história até aquele momento. Tais tendências, historicamente delimitadas, são responsáveis pela feição que o léxico apresenta a cada novo corte feito em sua história (BIZZOCCHI, 1998, p.33).

A fim de evitar qualquer confusão terminológica em relação aos termos utilizados para designar a matéria léxica, abordamos as definições dos termos: *palavra*, *vocábulo*, *unidade lexical*, *lexema*, *lexia simples* e *lexia complexa*, a fim de diferenciá-los. Entendemos que as formas e os elementos da língua que constituem o léxico, sempre considerados como palavras na tradição antiga e na linguagem corrente, são de diversos tipos: Saussure utiliza os termos palavras simples e compostas, unidades de sintagmas, Bloomfield morfemas e palavras, Ch. Bally de semantemas, Whorf lexemas e ainda o termo palavra. Essa abundância terminológica corresponde a uma dificuldade maior: a da definição da unidade lexical (REY, 1970).

Assim, conforme afirma Biderman (2000, p.45) “a definição de palavra levanta vários problemas teóricos com consequências práticas na sua identificação e tratamento ortográfico e lexicográfico”. Por esse motivo, de acordo com Biderman (1996), os linguistas utilizam os termos *lexemas* e *lexias*, dado que os termos *palavra* e *vocábulo* são utilizados na linguagem comum e por vezes levam a imprecisões e equívocos. Portanto, empregamos aqui a definição de Pottier (1974) de *lexia*, que segundo Silva (2006), pode ser resumida em “unidades funcionais significativas de comportamento linguístico que se opõem ao morfema e à palavra e que assumem o papel central na distinção das partes do discurso” (SILVA, 2006, p.11), por ser um termo técnico que apresenta menos ambiguidade que o termo *palavra*.

Entendemos que as lexias tabus, tais como insultos, palavrões, tabuísmos e as unidades lexicais que fazem referência aos órgãos sexuais, dentre outras formas de vulgarismos, podem ocorrer isoladamente, como lexias simples, ou fazer parte de uma unidade complexa do léxico, como uma unidade fraseológica. Segundo Corpas Pastor

(1996), as unidades fraseológicas são aquelas unidades lexicais compostas por mais de uma palavra cujo sentido não pode ser decomposto em outros elementos, apresentando diferentes graus de fixação, idiomaticidade, institucionalização, frequência e variação linguística. A definição acima, proposta por Corpas Pastor (op.cit.), abrange um infindável número de estruturas linguísticas de ampla categorização como locuções, colocações e fraseologias.

1.4.Tabus sociais e morais

Para Freud (1913/2015), a palavra “tabu” de origem polinésia, apresenta-nos dificuldades em sua tradução, uma vez que já não possuímos o conceito por ela designado. Assim, o significado de tabu é dividido em duas direções opostas, por um lado o santo e o sagrado, por outro, o impuro e o proibido, “o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente” (FREUD, 1913/2015, p.12). Dessa forma, “quanto mais tratamos do tabu, mais falamos de transgressão” (AUGRAS, 1989, p.59). Para Augras, o tabu faz com que haja distinções, além de criar diferenças e fixar limites na sociedade, enquanto Freud (1913/2015) afirma que desde o princípio a palavra “tabu” possui esse duplo sentido, sagrado e proibido, que indica certa ambivalência e tudo que se originou no terreno dessa ambivalência. A partir dessas definições, percebemos que o sentido predominante do tabu é a proibição, a repressão e a interdição, afinal, o homem desde os primórdios estabelece limites e regras para a vida em sociedade.

Freud (1913/2015) em seus questionamentos explica que os tabus, diferentemente das proibições morais e religiosas, valem por si mesmos, não são derivados de um mandamento de um deus, nem estão incluídas em um sistema de privações, as proibições derivadas dos tabus rejeitam qualquer fundamentação. No entanto, posteriormente, as religiões começaram a fazer uso dos tabus como uma ferramenta de controle da população, uma vez que passaram a moldar os valores éticos e morais de determinada camada ou classe social. Dessa maneira, várias características do tabu auxiliam a sua propagação sem questionamentos, como é o caso, conforme explica Freud (1913/2015), da origem por vezes desconhecida do tabu, dado que o que o qualifica não é sua

explicação e elucidação, mas sim seu caráter proibido. Além disso, para o autor, o início de uma interdição pode ser obscuro para aqueles que não estão inseridos em determinado círculo ou sociedade, porém para os indivíduos que fazem parte desse domínio essas interdições são evidentes, visto que estão habituados a conviver com aquelas proibições e julgamentos.

Dessa maneira, complementam Allan e Burrridge (2006), as interdições e as proibições também têm um papel importante nas diversas sociedades, visto que esses comportamentos em relação às *lexias tabus* fazem parte dos valores dos indivíduos pertencentes a uma comunidade, gerando uma percepção de união entre as pessoas envolvidas. Assim, esses autores complementam que as interdições e as proibições podem variar de acordo com os valores e crenças do grupo ou comunidade em que o indivíduo está inserido. Do mesmo modo, a importância dada a uma postura, um enunciado, um objeto pode ser desprezado por outro grupo. Allan e Burrridge (op.cit.) concluem que

os tabus compartilhados são, portanto, um sinal de coesão social. Além disso, como parte de um sistema de crença mais amplo, eles fornecem a base que as pessoas necessitam para funcionar/agir em um ambiente que de outra forma seria confuso e hostil. Os ritos e os rituais que acompanham os tabus geram um sentimento de controle sobre as situações em que os humanos têm pouco ou nenhum [controle] – como a morte, doenças, funções corporais e até mesmo o clima em comunidades que ainda praticam cerimônias de chuva (ALLAN; BURRIDGE, 2006, p.9).⁴

Gfrofer (1975) defende que, com a evolução das ciências e das sociedades, muitas mudanças sociais estão ocorrendo, dentre elas o abandono e o questionamento de tabus antigos. Esse autor defende que essas indagações podem ser interpretadas por alguns como um avanço, porém é necessário levar em consideração que ao examinar “a função do tabu na estrutura de uma sociedade percebemos que [o tabu] é um estabilizador cultural

⁴ *Shared taboos are therefore a sign of social cohesion. Moreover, as part of a wider belief system, they provide the basis people need to function in an otherwise confused and hostile environment. The rites and rituals that accompany taboos give the feeling of control over situations where ordinary mortals have little or none – such as death, illness, bodily functions and even the weather in those communities that still practice rain ceremonies.* (todas as traduções são de nossa autoria.)

necessário, um elemento íntegro de todas as culturas, não apenas daquelas que chamamos de “primitivas” (GFROFER, 1975, p. 93).⁵

Como exemplo para elucidar melhor as características dos tabus, podemos citar um tabu que está presente na maioria das culturas e um tabu regional, que só possui sentido no contexto de uma comunidade. Esse é o caso do incesto, um ato repudiado desde os primórdios da história da humanidade, uma vez que, conforme afirma Freud (1913/2015), a proibição ao incesto, inicialmente, precisou ser instituída a fim de preservar a comunidade, já que os desejos sexuais dividiam os homens e geravam discórdias nos grupos. Portanto, foi um tabu instaurado para garantir a sobrevivência da raça e que atualmente não gera discussões ou questionamentos, dado que a prática do incesto é algo inconcebível para muitos modelos de sociedades ocidentais.

No entanto, se pensarmos nos tabus em relação aos alimentos, conforme exemplifica Castro (1954), percebemos como algumas interdições são exclusivas de alguns grupos e sociedades, como é o caso de restrições alimentares a determinados tipos de carnes para algumas religiões. Como exemplo, podemos citar os tabus alimentares em relação à carne suína para os judeus, Fragoso e Paiva (2013) explicam que “o povo judeu tem dentro de seu cotidiano várias restrições e tabus alimentares religiosos. Esses hábitos alimentares religiosos judaicos são conhecidos como *kashut* que serve como marca de identidade, de código de valores e tradições” (FRAGOSO; PAIVA, 2013, p.2).

A partir dessas proibições, entendemos que

podem existir bons motivos para envolver partes específicas de nossas vidas em proibição. As regras contra o incesto parecem eminentemente sensíveis do ponto de vista evolutivo. As comunidades permanecem mais saudáveis se os resíduos humanos forem mantidos ao longe. Muitos preconceitos alimentares têm uma origem racional. [...] Obviamente que uma vez que os rituais do tabu estão inseridos, os motivos (sensatos ou não) geralmente se tornam obscuros. O significado original dá lugar a uma linguagem simbólica, embora posteriormente possam surgir outras histórias (ALLAN; BURRIDGE, 2006, p.9).⁶

⁵ [...] *La función del tabú en la estructura de una sociedad nos damos cuenta que es un estabilizador cultural necesario, un elemento íntegro de todas las culturas, no solamente de las que llamamos “primitivas”.*

⁶ *There can be sound reasons for putting specific parts of our lives out of bounds. Rules against incest seem eminently sensible from an evolutionary point of view. Communities remain healthier if human waste is kept at arm's length. Many food prejudices have a rational origin. Avoidance speech styles help prevent*

Freud (1913/2015), em suas reflexões sobre o tema, cita Wilhelm Wundt, estudioso que procurou chegar até as últimas raízes da ideia de tabu, esse autor reitera que “considera-se geralmente que o tabu é mais antigo que os deuses e remonta a épocas anteriores a qualquer religião” (FREUD, 1913/2015, p. 13). Portanto, percebemos que a origem dos tabus é intrínseca à origem dos homens, não sendo possível dissociá-las, uma vez que

“se entendemos por isso [por tabu], em correspondência com o sentido geral da palavra, toda proibição, estabelecida nos usos e costumes ou em leis expressamente formuladas, de tocar num objeto, reivindicá-lo para uso próprio ou utilizar certas palavras proibidas [...]”, então não existe povo e estágio de cultura que tenha escapado aos danos do tabu (FREUD, 1913/2015, p.17).

Freud e Wundt seguem a mesma direção ao afirmarem que os tabus são o mais antigo código de leis não escrita da humanidade. Podemos relacionar essa afirmação ao fato de que não é necessário proibir o que ninguém deseja fazer e que alguns desejos são reprimidos por diversos motivos históricos e sociais. Por isso, “pouco a pouco, então, o tabu torna-se um poder fundamentado em si mesmo. [...] Torna-se a coerção do costume e da tradição e, enfim, da lei” (FREUD, 1913/2015, p. 19).

Citamos em alguns momentos a construção do conceito de tabu nas diferentes culturas, portanto, é imprescindível discorrer sobre como os tabus influenciaram os povos primitivos. Em um primeiro momento, Wundt relaciona o tabu ao temor dos primitivos à ação de poderes demoníacos, o mandamento que está implícito por trás das proibições dos tabus é, originalmente, a ideia de não irritar o poder demoníaco. Gfroerer (1975) complementa que o conceito de tabu está relacionado a coisas religiosas, aspectos físicos, condições do corpo, doenças, nascimentos, cerimônias de puberdade e a morte. Assim, “para o homem ‘primitivo’ todas estas são coisas perigosas, influenciadas pela ação de espíritos sobrenaturais” (GFROFER, 1975, p.94).⁷

conflict in relationships that are potentially volatile. Of course, once the taboo rituals are in place, the motives (sound or otherwise) usually become obscured. Original meaning gives way to symbolic idiom, although different stories may later suggest themselves.

⁷ Para el hombre "primitivo" todas estas son cosas peligrosas, influidas por la acción de espíritus sobrenaturales.

A esse respeito, Arango (1991) reitera que não existe uma comunidade primitiva que não possua uma proibição, citando como exemplo, a surpresa ao descobrir que alguns povos primitivos eram proibidos de pronunciar certas palavras. Arango (op.cit.), corrobora sua ideia por meio da obra do antropólogo Sir James George Frazer (1854-1941), que afirma que

incapaz de diferenciar palavras de objetos, o selvagem geralmente imagina que o elo entre um nome e o sujeito ou o objeto nomeado não é uma mera associação arbitrária e ideológica e sim um vínculo verdadeiro e substancial [...] (ARANGO, 1991, p.9).

E, assim, percebemos que esse vínculo verdadeiro e substancial, conforme já abordado por Allan e Burridge (2006), se mantém até os dias de hoje com relação a muitos tabus, visto que o tabu é severo e obstinado, de maneira que se mantém além da razão com a proibição como seu único gesto (ARANGO, 1991).

Além da restrição com relação ao tabu, Freud (1913/2015) aborda também as consequências da transgressão, a punição que será atribuída ao descumprimento dessas regras pré-estabelecidas. Inicialmente, o autor afirma que os castigos ao violar um tabu eram deixados para o sujeito que o realizou, de modo que o tabu vingasse a si mesmo. Porém, conforme a evolução das sociedades, houve a associação dos tabus às ideias de deuses e espíritos, influenciados pela concepção das religiões, a partir desse momento, a punição não estava mais relacionada apenas com sujeito da ação, mas com poder divino, a transgressão passou a ter um caráter diferente, afetando as crenças dos sujeitos. Como já dito anteriormente, o tabu é uma proibição que remonta desde o início das civilizações, e é imposto do exterior, portanto são as regras e a posição que o indivíduo ocupa em determinada sociedade que ditam quais desejos do ser humano devem ser proibidos.

Assim, conclui Freud (1913/2015), os tabus são uma série de restrições a que se submetem a sociedade, os povos. Não há total compreensão do que motiva a proibição, apenas a assimilação como algo óbvio, sem maiores questionamentos. Além disso, a compreensão dos tabus será ainda mais diluída com o passar do tempo, uma vez que será passada de geração a geração, por vezes perdendo completamente a motivação dos tabus a que estão subordinados. Desta maneira, Freud (op.cit.) conclui que

[...] “tabu” é igualmente tudo, tanto as pessoas como os lugares, objetos e estados passageiros, que são depositários ou fonte dessa misteriosa característica. Também se chama tabu a proibição que deriva dessa característica; é denominado tabu, enfim, conforme seu sentido literal, algo simultaneamente sagrado, acima do habitual, e perigoso, impuro, inquietante (FREUD, 1913/2015, p.16).

No entanto, Allan e BurrIDGE (2006) não concordam totalmente com essa afirmação de Freud. Para esses autores, “parece óbvio que os tabus normalmente surgem devido a restrições do comportamento individual, em casos que os atos dos indivíduos podem causar desconforto, danos ou lesões para si mesmo ou outros” (ALLAN; BURRIDGE, 2006, p.9).⁸

Allan e BurrIDGE (op.cit.) acrescentam que essas proibições de comportamento vinculadas pelos tabus afetam o cotidiano das pessoas que estão inseridas em determinado grupo, visto que os tabus surgem a partir de restrições sobre o comportamento individual, conforme discutido anteriormente. Assim, infringir os tabus pode causar, em casos extremos, doenças ou morte, e normalmente penalidades inferiores, como castigos corporais, prisão, ostracismo social ou mera desaprovação. Até mesmo fazer uma contravenção involuntária do tabu gera o risco de condenação e censura, geralmente as pessoas podem e evitam os comportamentos tabus, a menos que tenham a intenção de violá-lo.

Portanto, a partir de Allan e BurrIDGE (2006), percebemos que os tabus vão além de rituais de proibição e repressão de determinadas palavras e comportamentos, afinal, somos seres sociais que fazem parte de pelo menos um grupo, uma família, uma geração. E esse pertencimento a um grupo faz com que o comportamento de um indivíduo esteja sujeito a sanções dentro desses grupos e pela sociedade. Assim, em todos os casos, as sanções contra determinados comportamentos surgem de crenças que supostamente são consenso entre todos os membros da comunidade ou que são decorrentes de um órgão autoritário. Os autores continuam afirmando que as restrições comportamentais são impostas por alguém ou por instituições que acreditam ter autoridade ou poder sobre os indivíduos daquela sociedade.

⁸ *It seems obvious to us that taboos normally arise out of social constraints on the individual's behaviour. They arise in cases where the individual's acts can cause discomfort, harm or injury to him/herself and to others.*

É importante também destacar que

em princípio, qualquer tipo de comportamento pode ser considerado tabu. Para que um comportamento seja proibido deve ser percebido como algo prejudicial para um indivíduo ou sua comunidade, mas o grau do dano pode variar em uma escala de quebra de etiqueta até uma fatalidade (ALLAN;BURRIDGE, 2006, p.11).⁹

Em vista disso, entendemos que compreender as particularidades dos tabus é uma tarefa complexa, dado que a concepção dos tabus sociais e morais é transitória e fluída, podendo adquirir matizes diversificados que variam em função das crenças, da política vigente, das religiões e da ideologia de determinada sociedade. Tais fatos que relacionam o indivíduo e o uso que este faz da linguagem em contextos sociais serão discutidos a seguir.

1.5.Tabus linguísticos

A partir dos autores citados anteriormente, percebemos diversas abordagens do conceito de tabu, seja como uma dicotomia entre sagrado e proibido, ou como uma violação que incita à transgressão (VANEIGEM, 2004). Assim, passamos ao estudo do tabu pelas ciências da linguagem que guardam uma ligação com os conceitos discutidos anteriormente.

Benke (2012) inicia suas discussões acerca dos tabus linguísticos, a partir de um ponto de vista antropológico. Segundo essa autora, “o estudo dos tabus linguísticos pode evidenciar aspectos relativos à maneira como um povo vê e concebe a realidade em que vive, isto é, suas crenças, seus valores e suas ideologias” (BENKE, 2012, p.18). Assim, conforme discutimos anteriormente, o léxico de uma língua é responsável por transmitir os valores e crenças de uma sociedade. A linguagem que determinado grupo utiliza evidencia características específicas, como, por exemplo, a realidade e a cultura em que esses indivíduos estão inseridos.

A comunidade linguística em que os falantes estão inseridos determina o comportamento e sua maneira de expressar-se, dado que são influenciados pelo meio em

⁹ *In principle, any kind of behaviour can be tabooed. For behaviour to be proscribed, it must be perceived as in some way harmful to an individual or to his/her community; but the degree of harm can fall anywhere on a scale from a breach of etiquette to downright fatality.*

que vivem. Sendo assim, devemos levar em consideração as mudanças que a sociedade e seus valores estão sujeitas no decorrer do tempo, pois o léxico de uma comunidade é representativo de seus costumes e hábitos. Preti (1983) explica que

como os costumes, submetidos a um processo competitivo de forças sociais opostas, em que se alternam e se equilibram leis da continuidade e da renovação, controladas pelo grau de aceitabilidade do povo, em diferentes épocas, assim também o estoque lexical sofre a influência das pressões sociais que ora o prendem à tradição de uma hipotética "boa linguagem", ora o libertam para a aceitação de novos vocábulos, novos conceitos, surgidos da necessidade de expressar ideias e atividades recentes (PRETI, 1983, p.60).

Dessa maneira, analisar o acervo lexical de determinada língua corresponde a explorar também sua cultura, visto que o léxico reflete e representa o pensamento, a vida social e o modo de percepção dos falantes dessa sociedade. Por isso, “esses hábitos linguísticos, com a força de uma convenção tácita, ligados de maneira indissolúvel ao modo de viver e encarar a vida numa sociedade, formam o que se convencionou chamar de *uso*” (PRETI, 1984, p.1). O estoque lexical é o melhor representante das implicações e mudanças culturais, uma vez que reflete a condição dinâmica da linguagem, assim como as relações sociais estão em constante mudança, o léxico também está sujeito a essas transformações que alteram os valores éticos e morais da sociedade.

A própria sociedade se encarrega (como o faz com as leis sociais) de preservar o *uso*, transformando-o em lei linguística, entidade abstrata admitida pela maioria e conservada, tradicionalmente, através das sucessivas gerações: é a *norma* linguística, “o que se disse e tradicionalmente se diz numa comunidade” como sinteticamente definiu Eugenio Coseriu (PRETI, 1984, p.1).

Preti (1983) situa os palavrões, os vocábulos obscenos, as blasfêmias e as gírias, no campo dos tabus linguísticos, já que, na maioria das vezes, são formas linguísticas estigmatizadas e de baixo prestígio social, sendo condenadas pelos padrões culturais impostos. De acordo com Guiraud (1976, p.9), o léxico tabu “pode definir-se pelo seu *conteúdo*, isto é, as coisas a que se refere, tais como a sexualidade, a defecação, a digestão; e pelo seu *uso*, isto é, as classes sociais” (apud PRETI, 1983, p.64). Usualmente, as palavras grosseiras e obscenas integram a face mais popular da linguagem tabu, e também são as mais estigmatizadas, dentro de uma perspectiva social do léxico. Ao analisar o

léxico tabu, devemos levar em consideração as dificuldades apresentadas em relação a sua classificação, já que essas lexias estão sujeitas às definições e limitações do julgamento da cultura e da época.

Arango (1991) reitera que os palavrões ou palavras obscenas são aquelas que violam as regras do convívio social, que explicitam e evidenciam aquilo que não deve ser visto e nem ouvido. Portanto,

a obscenidade e a pornografia são palavras que, frequentemente, andam juntas. São vocábulos afins. Pornografia vem do grego *pornógrafos* que significa literalmente “escrever sobre as rameiras”. Ou seja, a descrição da vida das prostitutas. E a obscenidade, a sexualidade impudica, é justamente o *métier* dessas mulheres. A obscenidade é, portanto, o gênero e a pornografia uma de suas espécies. E saber isso é, sem dúvida, fecundo para nossa investigação. Agora sabemos que os “palavrões” são palavrões porque são obscenos. E são obscenos porque nomeiam sem hipocrisia, eufemismo ou pudor o que nunca deve ser mencionado em público: a sexualidade luxuriosa e autêntica (ARANGO, 1991, p.14).

Podemos relacionar essa heterogeneidade do uso do léxico tabu ao uso cada vez mais frequente e a aceitação dessas palavras, que em outros momentos foram moralmente condenadas, em livros, músicas, seriados, filmes e etc. Assim, partimos do pressuposto de que “se a classe social não indica hoje uma *variável* segura na avaliação dessas palavras, pode-se considerar a *situação* como um elemento importante nessa distinção” (PRETI, 1983, p.41).

Guérios (1956) foi um dos primeiros autores no contexto brasileiro a discutir os tabus linguísticos, e a traçar um panorama sobre a concepção e a criação deles na sociedade, além de explorar seus campos de atuação. Esse autor classifica os tabus linguísticos em dois tipos: próprios e impróprios. Os tabus linguísticos próprios caracterizam-se pela proibição de dizer um nome ou uma palavra aos quais se atribui poder sobrenatural, uma vez que ao serem enunciados podem atrair infelicidade ou desgraça. Por exemplo, ao enunciar a lexia “diabo” a pessoa estará invocando um espírito do mal, segundo algumas crenças. Já os tabus linguísticos impróprios, segundo o autor, estão envoltos em proibição por serem expressões imorais ou grosseiras, como as lexias “porra” e “caralho”. Esse autor conclui que, se considerarmos as múltiplas e variadas interdições, teoricamente, constataremos a existência de quatro tipos de tabus: tabus

religiosos; tabus de simples crença, quando o caráter sagrado não é mais um indicador; tabus sentimentais; e tabus morais.

Os tabus linguísticos, de acordo com Guérios (1956), são um fenômeno universal e de todos os tempos, não são uniformes na intensidade e nem coincidentes, isto é, os tabus variam de acordo com o contexto em que estão inseridos e, portanto, podem variar de acordo com a sociedade em que forem enunciados. Segundo Krek (2010), é necessário aceitar a onipresença do léxico vulgar em nossa linguagem e tratá-lo como parte integral da língua sem a qual não podemos conhecer um idioma em sua totalidade.

Jay (2009) propõe uma divisão em categorias para as lexias tabus: referência sexuais (boquete, boceta); profano ou blasfêmia (maldito, diabo); referências escatológicas e objetos nojentos (merda, bosta); alguns nomes de animais (porco, vaca); insultos étnicos, raciais ou de gênero (latino, preto, veado); insultos a diferenças mentais, físicas ou sociais (retardado, fraco, gordo); e alusões em relação à família (filho da puta, bastardo). Apesar dessas categorias, Jay (op.cit.) esclarece que novas lexias tabu e categorias podem surgir, especialmente no caso das gírias.

Preti (1983) também sugere critérios para estabelecer quais lexias pertencem à linguagem grosseira e obscena, tais como: 1) os vocábulos que contém ideia ofensiva (injúria ou blasfêmia), comumente conhecidos por “palavrões”; 2) os que representam tabus sexuais ou escatológicos de forma mais direta, através de termos e expressões de uso popular ou imagens de fácil compreensão; 3) aqueles que aludem às partes pudendas, aos órgãos sexuais, aos atos e coisas tidos como grosseiros; 4) os que se referem diretamente ao ato sexual nos seus aspectos mais degradantes, particularmente aos vícios ou comportamentos sexuais de exceção; 5) os vocábulos que estão inseridos em contextos ou situações igualmente grosseiros ou obscenos.

Em relação a esses itens propostos, percebemos que na classificação do léxico tabu é essencial que façam parte as lexias relacionadas aos órgãos sexuais e à escatologia, dado há um grande julgamento sobre essas palavras em todas as sociedades. Essas são as principais lexias proibidas devido ao seu teor sexual e aos sentimentos de nojo e repulsa.

Assim, percebemos que “a proibição não vige com igual rigor para todos os ‘palavrões’. A condenação pesa sobre eles com diferente intensidade” (ARANGO, 1991, p. 39). Em nossos estudos anteriores e em nossas leituras, é possível notar que alguns

tabus sofrem mais modalizações, são mais evitados, enquanto outros já fazem parte da linguagem corrente sem maiores problemas. Nesse sentido, Arango (1991) acrescenta que as palavras obscenas que fazem referência a órgãos ou funções excrementícias são mais correntes e têm mais liberdade, conforme visto anteriormente em relação à classificação do léxico tabu de Jay (2009) e Preti (1983). Ao contrário, as lexias que representam o ato sexual e as práticas eróticas são as que dispõem de uma menor liberdade, já que a relação entre “léxico e costumes, muito maior se torna, quando se refere a certos vocabulários, (...) porque os juízos da sociedade sobre eles se transferem também para o léxico” (PRETI, 1983, p.61). Nesse sentido, Arango (1991) conclui que

e, assim, a diferente força dos termos-tabu dá origem a uma escala de valores entre eles. É uma escala evidente, embora não haja um instrumento capaz de medi-la, nem uma fórmula matemática capaz de expressá-la. Mas nós a intuímos. É, por certo, uma simples convicção afetiva, mas nem por isso menos valiosa (ARANGO, 1991, p.112).

Dessa maneira, notamos que as lexias tabus podem ser alteradas com o tempo, variando em relação a sua vulgarização. Devido às mudanças no comportamento e na moral da sociedade, essas lexias podem ser incorporadas à fala culta ou deixarem de fazer parte do vocabulário corrente.

A vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proíbem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de “bons” ou “maus” termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos. E tabus linguísticos aparecem como decorrência de tabus sociais (PRETI, 1983, p.61).

A adoção de lexias tabus é cada vez mais comum no cotidiano, conforme discutimos anteriormente, essa linguagem está presente em diversos meios de comunicação, músicas e, como no foco deste trabalho, na literatura. No entanto, esse léxico que faz referências a coisas e ideias proibidas e estigmatizadas provoca reações diversas nos ouvintes, que muitas vezes estão carregadas de preconceitos e intolerâncias. As unidades lexicais tabus são consequências dos valores que a sociedade atribui a ações, pensamentos e ideias, sendo assim, só há mudanças em relação à concepção das unidades lexicais quando os valores morais da sociedade também sofrem alterações.

Atualmente, conforme afirma Bagno (2015), há uma forte militância contra diversas formas de preconceito, no entanto, o preconceito linguístico é um fator que ainda não gera tanta discussão e combate na sociedade brasileira. Afinal, podemos ver através de vídeos no youtube, matérias de revista e outros meios de comunicação que esse preconceito ainda é muito difundido e, por vezes, o preconceito assume uma postura até mesmo engraçada, através de vídeos e textos que mostram o “certo” e o “errado” da língua portuguesa e que caracterizam a fala de pessoas com menos domínio da norma culta. Leite (2008) explica que

como a intolerância linguística passa quase despercebida pela opinião pública e não provoca sérios abalos sociais, da mesma forma que aqueles provenientes da intolerância religiosa ou política, parece nem existir. Contudo, a intolerância linguística existe e é tão agressiva quanto outra qualquer, pois atinge o cerne das individualidades. A linguagem é o que o homem tem de mais íntimo e o que representa a sua subjetividade. Não é exagero, portanto, dizer que uma crítica à linguagem do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as armas (LEITE, 2008, p.13).

O preconceito linguístico está tão enraizado que em muitos momentos os sujeitos repetem atitudes e falas preconceituosas sem questionar, uma vez que são parte integrante do cotidiano dos brasileiros. Além disso, a linguagem é uma ferramenta social, sendo, portanto, uma das maneiras que os falantes possuem de expressar sua ideologia, já que os preconceitos e intolerâncias do falante não serão apenas de ordem linguística, mas também de outras ordens, sejam elas sociais, políticas, religiosas, raciais e etc. (LEITE, 2008, p.14). A invisibilidade do preconceito linguístico contribui para que esse problema não seja questionado e siga influenciando e auxiliando na difusão de outros valores preconceituosos na sociedade.

Bagno (2015) pontua que, na sociedade brasileira, a existência de um grande abismo linguístico entre os falantes é decorrente das graves diferenças de status econômicos existentes, uma vez que o léxico e a fala mais estigmatizados são aqueles dos grupos sociais mais baixos e marginalizados. Portanto, Bagno (op.cit.) esclarece que “o problema não está *naquilo* que se fala, mas em *quem* fala o *quê*. Fica evidente que o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social” (BAGNO, 2015, p.67).

Sendo assim, é necessário esclarecer que há uma diferença entre falantes preconceituosos e intolerantes, uma vez que o preconceito é a opinião que levará o falante a uma atitude intolerante em relação à fala do outro, pois sua principal fonte são os costumes, as tradições e a autoridade.

À primeira vista, pode-se dizer simplesmente que as palavras *preconceito* e *intolerância* são sinônimas. Um exame um pouco mais detido, contudo, pode mostrar que *preconceito* é a ideia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir o indivíduo à *intolerância*, à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações. Isso indica uma primeira diferença: o traço semântico mais forte registrado no sentido de *intolerância* é o de ser um *comportamento*, uma *reação explícita* a uma ideia ou opinião contra a qual se pode objetar. Não constitui simplesmente uma discordância tácita. Um *preconceito*, ao contrário, pode existir sem jamais se revelar e, por isso, existe antes da crítica (LEITE, 2008, p.20).

Entretanto, as formas linguísticas, assim como os valores, sofrem modificações para atender às necessidades da comunidade em que estão inseridas, o que explica uma possível ascensão das variedades mais desprestigiadas em nossa sociedade. Percebemos que essas formas estão cada vez mais presentes nos meios de comunicação e que sua aceitação, em um contexto geral, pode ser atribuída às mídias, dado que ao utilizar essa linguagem promoveram a aceitação do léxico tabu.

1.6.Eufemismos e disfemismos

Para tratar mais especificamente dos eufemismos e disfemismos, entendemos que é necessário analisá-los no contexto em que ocorrem. No caso desta dissertação, ocupamo-nos de duas línguas, a espanhola e a portuguesa, e de dois contextos diferentes, a Espanha e o Brasil. Essa diferenciação faz-se necessária, dado que, conforme afirma Gfrofer (1975), muitos tabus são reconhecidos pelas diferentes culturas; no entanto, a maneira de tratá-los, por vezes, é muito distinta.

Primeiramente, partimos do pressuposto de que a Pragmática se ocupa “da relação entre as distintas formas linguísticas e seu uso” (PORTOLÉS LÁZARO, 2004, p. 28), e que essa disciplina, conforme discutiremos mais detalhadamente no próximo item,

considera a linguagem como ação, de acordo com Austin (1962). A partir dessa definição, entendemos que a interação entre os falantes ocorre dentro de um contexto comunicativo que é determinado por diversas motivações, podendo ser socioculturais e/ou situacionais. A perspectiva Pragmática é, dessa maneira, fundamental quando tratamos da situação e da motivação em que uma lexia tabu ocorre, isto é, esses dois fatores também serão os responsáveis por determinar se uma unidade lexical estigmatizada pela sociedade deve ser amenizada ou atenuada em determinados contextos.

Adotamos a perspectiva dos autores Allan e Burrridge (2006) em relação aos eufemismos e disfemismos. Segundo esses autores, o termo eufemismo é o mais conhecido e o mais recorrente na linguagem comum, visto que englobam expressões delicadas, polidas e até mesmo evasivas. Por outro lado, os disfemismos são menos recorrentes na linguagem cotidiana, dado que englobam as unidades lexicais descorteses e que, em muitos casos, são consideradas ofensivas. “Em termos gerais, o disfemismo é o oposto de eufemismo e, em geral, é considerado tabu” (ALLAN; BURRIDGE, 2006, p.31).¹⁰

Díaz Pérez (2012) esclarece que uma análise estritamente semântica ou gramatical não oferece todos os subsídios possíveis para ter acesso a determinados significados e sentidos, uma vez que “é necessário conhecer a vinculação dos disfemismos com o mundo que designam (campo da semântica) e com os emissores e receptores dos ditos usos linguísticos (campo da Pragmática), englobados em um contexto discursivo” (DÍAZ PÉREZ, 2012, p.76).

Allan e Burrridge (2006) complementam que os disfemismos são recursos utilizados pelo falante para expressar desagrado, irritação, entre outras coisas, que podem ter como causa pessoas ou objetos. Na maioria das vezes, as expressões disfemísticas são caracterizadas por xingamentos e por comentários depreciativos dirigidos a terceiros com a intenção de insultá-los ou feri-los. Os autores concluem que “para ser mais técnico: um disfemismo é uma palavra ou frase com conotações ofensivas em relação ao *denotatum*

¹⁰ Roughly speaking, dysphemism is the opposite of euphemism and, by and large, it is tabooed.

e/ou as pessoas à que se dirige ou às pessoas que estão ouvindo (ALLAN; BURRIDGE, 2006, p.31).¹¹

Em relação aos eufemismos, esses autores afirmam tratar-se de um recurso utilizado como alternativa para unidades lexicais ou expressões tabus. O uso desses recursos também pode ser de originado por uma autocensura do falante, podendo ser consciente ou inconsciente, uma vez que os eufemismos também podem ser utilizados para evitar que o enunciador sofra algum tipo de repressão ou preconceito de terceiros, devido ao seu vocabulário.

Allan e Burrige (2006) propõem uma tabela e uma figura que contrasta os eufemismos e os disfemismos para exemplificar melhor suas diferenças. Abaixo apresentamos a tabela e a figura traduzidas com os equivalentes em português.

Em relação à tabela 1, em inglês os autores utilizam as lexias “poo”, “have a period” e “Lord” como exemplo de eufemismos em contraste com as lexias “shit”, “bleed” e “Christ! [blasphemy]”. A partir desses exemplos, entendemos que essas unidades lexicais terão um valor pejorativo, ou não, de acordo com o contexto em que estiverem inseridas, dado que descontextualizadas não é possível inferir qual a motivação do interlocutor ao utilizá-las. Assim, Allan e Burrige (2006, p.32) enfatizam a importância do contexto extralinguístico, isto é, dos fatores pragmáticos envolvidos na interação social, ao afirmar que “o significado afetivo, a informação social e expressiva sobre o sentimento do falante é o mais significativo. A conotação difere de acordo com o contexto, de uma comunidade para outra e eventualmente de um indivíduo para outro” (ALLAN; BURRIDGE, 2006, p.32).¹²

Tabela 1 – Diferenças entre os eufemismos e os disfemismos

Eufemismo	Disfemismo
Cocô/caca	Merda/bosta
Estar de chiko/naqueles dias	Sangrar
Senhor	Cristo (blasfêmia)

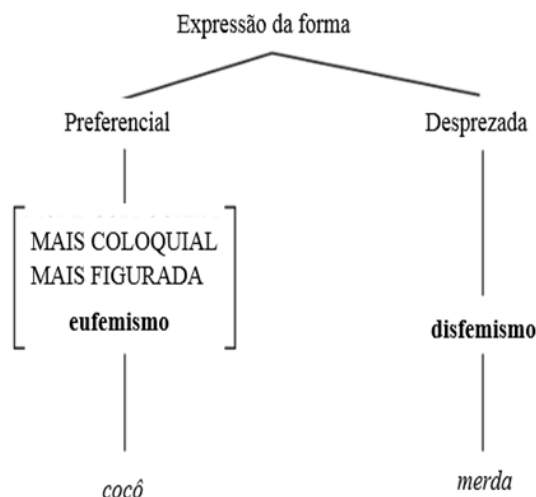
Fonte: Adaptado de Allan e Burrige (2006, p.32)

¹¹ To be more technical: a dysphemism is a word or phrase with connotations that are offensive either about the denotatum and/ or to people addressed or overhearing the utterance

¹² The affective meaning, social and expressive information about the speaker's feelings, is what is most significant. Connotations differ from context to context, from one community to another, and occasionally from one individual to another.

Na Figura 3, a seguir, os autores dão prioridades às diferenças existentes entre os dois recursos, apresentando as características de cada um e por último uma lexia como exemplo.

Figura 3 – Distinção entre os diferentes recursos



Fonte: Adaptado de Allan e Burridge (2006, p.33)

Em síntese, Gonzalez (2016) aponta os pontos fundamentais convergentes em relação aos eufemismos e disfemismos, citando os principais pesquisadores desta área, Allan e Burridge (2006) e Chamizo Domínguez (2004). De acordo com esse autor,

Chamizo Domínguez, seguindo Allan e Burridge, entende por *eufemismo* o seguinte: “O eufemismo é usado como alternativa em relação a uma expressão malvista, a fim de evitar uma possível perda da imagem [do falante] ou, devido à ofensa, do público ou de uma terceira parte”. Ao contrário, “Um disfemismo é uma expressão com conotações que são ofensivas com aquele que é denotado ou com o público, ou ambos, e é substituído por uma expressão neutra ou eufemística por essa razão” (GONZALEZ, 2016, p.201-202).¹³

¹³ Chamizo Domínguez, siguiendo a Allan y Burridge, entiende por eufemismo lo siguiente: “A euphemism is used as an alternative to a dispreferred expression, in order to avoid possible loss of face either one’s own face or, through giving offense, that of the audience, or of some third party”. Por el contrario, “A dysphemism is an expression with connotations that are offensive either about the denotatum or to the audience, or both, and it is substituted for a neutral or euphemistic expression for just that reason”

Fernández de Molina Ortés (2014, p. 9) complementa que “a voz *eufemismo* provém etimologicamente do grego e se refere ao ‘que fala bem, que evita as palavras de mau agouro’” (apud GONZALEZ, 2016, p. 203).¹⁴ Essa definição se relaciona diretamente com o que discutimos sobre o início e a existência dos tabus nas sociedades, visto que temos aqui a definição clássica usada para evitar determinadas palavras, a alteração de uma lexia do vocabulário mágico e religioso por outra que não possua uma carga semântica pejorativa e interdita. Por outro lado, Gonzalez (op.cit.) expõe uma definição de Casas Gómez (1986, p. 85) de que “como fenômeno inverso ao eufemismo se encontra o *disfemismo*, cujo uso parece estar motivado pela ruptura com os convencionalismos sociais dos quais formam parte as vozes eufemísticas” (apud GONZALEZ, 2016, p.203).¹⁵

Um fato importante em relação aos eufemismos e disfemismos é que apenas podem ser detectados de acordo com o contexto em que ocorrem e na relação com as intenções do falante, suas crenças, seus gestos, seus usos sociais e os conhecimentos dos participantes no intercâmbio linguístico, isto é, de uma perspectiva Pragmática. Esses elementos são os responsáveis pela compreensão de uma determinada expressão no intercâmbio linguístico, afinal um enunciado pode ser entendido de diversas maneiras, literal, metafórico, disfemístico, eufemístico e até mesmo ironicamente.

Além disso, outro aspecto importante, segundo Chamizo Domínguez (2004, p.2), é que

o grau de lexicalização de um eufemismo não é uniforme entre os falantes de determinada comunidade linguística. Por isso, um termo concreto pode ser sentido como eufemístico por alguns falantes e não por outros, principalmente entre os falantes das diversas variedades dialetais de uma língua e os falantes pertencentes a diversas gerações (apud GONZALEZ, 2016, p.206).¹⁶

¹⁴ *La voz eufemismo proviene etimológicamente del griego y se refiere al “que habla bien, que evita las palabras de mal agüero”.*

¹⁵ *Como fenómeno inverso al eufemismo se encuentra el disfemismo, cuyo uso parece estar motivado por la ruptura con los convencionalismos sociales de los que forman parte las voces eufemísticas.*

¹⁶ *El grado de lexicalización de un eufemismo no es uniforme entre los hablantes de una comunidad lingüística dada. Por ello un término concreto puede ser sentido como eufemístico por algunos hablantes y no por otros, especialmente entre los hablantes de las diversas variedades dialectales de una lengua y los hablantes pertenecientes a diversas generaciones.*

Assim, entendemos que os recursos como eufemismo e disfemismos estão onipresentes nas culturas, sejam na fala cotidiana, literária, científica, etc. E, neste trabalho, partimos do pressuposto de que a análise destes recursos em conjunto com as esferas de motivação de uso das lexias tabu nos ajuda a compreender um pouco mais as motivações e as situações em que ocorrem essas lexias, além dos recursos pragmáticos melhorativos e pejorativos que se aplicam para fazer referência a elas através da linguagem.

1.7. Pragmática

A Pragmática se caracteriza por ser uma área variada; no entanto, os pesquisadores dessa disciplina têm certos pressupostos em comum, como o ponto inicial de que a Pragmática é a ciência do *uso linguístico*, ou seja, os estudos dessa disciplina primeiramente têm como objetivo explicar a linguagem, deixando a língua em segundo plano. Pinto (2012) cita que outro ponto que os estudiosos da Pragmática concordam é que os fenômenos linguísticos não são puramente convencionais, isto é, são compostos também por elementos criativos e inovadores que podem se alterar e interagir durante o processo de uso da linguagem. De acordo com Rajagopalan (1999, p.332) “A grande variedade de assuntos tratados é prova de que a Pragmática mantém vínculos com muitas outras disciplinas, assim como muitas das demais subáreas da Linguística. ”

Além disso, é importante destacar que, conforme explica Armengaud (2006), a Pragmática é uma disciplina que se caracteriza pelo cruzamento de ciências como a linguística e a filosofia. A Pragmática é fruto de um movimento filosófico que começou a entender os estudos filosóficos “como um conjunto de critérios para avaliar a maneira pela qual a mente é capaz de construir representações” (PINTO, 2012, p.49). Assim, houve um encontro entre a discussão e a descrição de nossa representação do mundo com os usuários da linguagem. Dessa maneira, notamos que essa disciplina surgiu devido à ausência de estudos que relacionavam o contexto e o usuário como componentes imprescindíveis para a construção do sentido. Assim, a Pragmática tem seu início na Filosofia através de filósofos e, posteriormente, segue o caminho da Linguística.

Armengaud (2006) apresenta a Pragmática como uma disciplina que busca responder perguntas acerca do que fazemos ao falar, o que dizemos exatamente no momento da nossa fala/enunciação, a quem direcionamos os nossos enunciados e quais são os conteúdos que eles transmitem ao interlocutor, permitindo, dessa maneira, a decodificação da mensagem transmitida.

Segundo Souza e Hintze (2010) o início da Pragmática dá-se defendendo a não centralidade da língua em relação à fala.

Os estudos pragmáticos pretendem definir o que é a linguagem e analisa-la trazendo para a definição os conceitos de *sociedade* e de *comunicação* descartados pela Linguística saussuriana na subtração da fala, ou seja, na subtração das pessoas que falam (PINTO, 2012, p.56).

Essa disciplina, portanto, considera a linguagem como um fenômeno discursivo, comunicativo e social, baseada em uma abordagem semântica e sintática. Levando em consideração a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso, uma vez que o estudo do uso é absolutamente necessário para completa compreensão da situação comunicativa. De acordo com Pinto (op. cit.) no enfoque pragmático, a prática social não está desvinculada da linguagem, se ao tentar descrever a linguagem os aspectos sociais forem excluídos, a pesquisa Pragmática é considerada inócua e ineficiente. A linguagem não é, portanto, um meio neutro para transmissão de ideias, mas um suporte na constituição da realidade social.

Conforme já explicamos, essa disciplina se caracteriza pela pesquisa de temas amplos e variados, como é o caso de Mey (1985) que tem como foco o estudo sobre a relação entre signos e falantes, “que procura debater o lugar da linguagem na sociedade, de uma perspectiva marxista, discutindo o conceito de manipulação linguística” (PINTO, 2012, p.50), também podemos citar os pesquisadores Verschueren & Bertuccelli-Papi (1987), que concentram suas pesquisas nos diferentes aspectos de diálogos entre falantes que pertencem a uma mesma comunidade ou não. Dessa maneira, é importante notar que as diferenças entre os estudiosos da Pragmática se mostram durante a seleção de quais fenômenos de linguagem em uso serão ou não estudados, e a quais perguntas serão submetidos.

Concentrando-se nessas diferenças, percebemos que a influência de grupos filosóficos está clara na seleção de métodos e objetos e, portanto, são essenciais para caracterizar e delimitar as diferentes correntes de estudos pragmáticos. De acordo com Pinto

São elas três correntes. O pragmatismo americano, influenciado pelos estudos semiológicos de William James; os estudos de atos de fala, sob o crédito dos trabalhos do inglês J.L. Austin; e os estudos da comunicação, com preocupação firmada nas relações sociais, de classe, de gênero, de raça e de cultura, presentes na atividade linguística (PINTO, 2012, p. 51).

O primeiro autor a utilizar o termo *pragmatics* foi o filósofo americano Charles S. Pierce (1878) em seu artigo *How to make our ideas clear*. Pierce influenciou diversos pesquisadores desta área, por meio da defesa da ideia de uma *tríade Pragmática*, constituída pela representação da relação entre signo, objeto e interpretante. O objetivo de Pierce foi destacar “a necessidade de se teorizar a linguagem levando-se em conta o que sempre foi lembrado na Linguística, ou seja, o *senal*, mas também *aquilo a que este sinal remete* e, principalmente, *a quem ele significa*” (PINTO, 2012, p.52). Esta é uma representação muito básica de toda a teoria da tríade Pragmática, no entanto, temos como foco apenas nos deter na repercussão de seu trabalho.

Também citaremos aqui os principais representantes dos filósofos da linguagem: John Austin e Paul Grice. Esses dois autores se destacaram nos estudos pragmáticos, embora com abordagens diferentes. Segundo Austin (1962), a linguagem não tem somente uma função descritiva, ela também pode ser definida de acordo com ação, assim, ao falar algo, o falante realiza atos; já Grice (1957), afirma que a linguagem natural comunica mais do aquilo que se significa em um enunciado, visto que ao falar, comunicam-se também conteúdos que estão implícitos no enunciado.

A Pragmática contemporânea, como a conhecemos hoje, tem início com a teoria dos atos de fala, elaborada inicialmente por Austin (1962) e desenvolvida por Searle (1979). Os estudos de Austin se iniciam devido à teoria Pragmática de Wittgenstein (1921/1994), com a teoria do jogo da linguagem, segundo a qual é o uso das palavras em diferentes interações linguísticas que determina o seu sentido. A partir dessa teoria, Austin (op.cit.) afirma que a linguagem está intimamente relacionada a ações e que, dessa maneira, essas ações, que são realizadas através do dizer, são denominados atos de fala.

Por isso, a contribuição de Austin e Searle para a Pragmática é inquestionável, uma vez que esses autores desenvolveram o importante conceito de atos de fala e a classificação da força ilocucionária dos atos performativos, teoria que ultrapassou a ideia da linguagem como simplesmente um processo de descrição e que afirmou que a linguagem é um meio de agir sobre o ouvinte e o mundo.

Já os estudos de Grice (1957) seguem uma abordagem mais comunicativa, uma vez que têm como foco explicar a diferença entre o que se diz e o que se quer dizer, visto que, para este autor, o que se diz é o que significam as palavras no nível de seu valor nominal e o que se quer dizer é o efeito que o falante produz no destinatário quando este reconhece sua intenção. Assim, para Grice (op.cit.), a maneira de utilizar a linguagem na comunicação é regida por princípios gerais assentados em inferências Pragmáticas, a partir disso, esse autor estabelece uma forma diferente de conceber a comunicação, fornecendo as bases das noções de implicatura e o estabelecimento do princípio geral da comunicação, da cooperação.

De acordo com Níkleva (2011), o princípio de cooperação de Grice (1957) pode ser resumido em: “faça com que a sua contribuição seja solicitada para a finalidade do intercâmbio conversacional em que está implicado” (NÍKLEVA, 2011, p.65).¹⁷ A autora também explica que as quatro máximas conversacionais propostas por Grice (op.cit.) são apenas regulativas, ou seja, não representam regras normativas como as que regem o sistema gramatical. Se um falante não aplicar algumas das máximas, como ocorre frequentemente, não ocorre a transgressão de nenhuma regra gramatical, nem problemas em sua competência linguística.

As quatro máximas conversacionais são: 1) a máxima de qualidade que preza pela verdade da contribuição; 2) a máxima da quantidade que preza pela informação pertinente presente na contribuição; 3) a máxima da relevância que preza por contribuições pertinentes; e 4) a máxima de maneira que preza pela clareza da contribuição, evitando ambiguidades. Assim, segundo Níkleva (2011),

os falantes normalmente realizam o intercâmbio conversacional através de uma cooperação mútua. Quando se transgride uma das máximas, o

¹⁷ *Haz que tu contribución sea la requerida para la finalidad del intercambio conversacional en el que estás implicado.*

êxito de uma conversação continua sendo possível, porque passam a atuar os elementos substitutivos. Além disso, o contexto permite o processo inferencial e as implicaturas conversacionais (NÍKLEVA, 2011, p.66).¹⁸

Em síntese, percebemos que, por vezes, para compreender um texto ou um enunciado é necessário recorrer a outros métodos/ferramentas extralinguísticas, como verificar o contexto e o uso das palavras naquele enunciado. Por isso, os pesquisadores começaram a valorizar e a dar importância ao desenvolvimento de um método, de uma abordagem que não se restringisse somente a compreensão do que é literalmente dito no texto e ao exclusivamente linguístico. Assim, tornou-se imprescindível a consideração dos fatores extralinguísticos que determinam o uso da linguagem, mais precisamente, os fatores que um estudo puramente gramatical não abarca (ESCANDELL VIDAL, 1993).

Acreditamos que seja pertinente destacar pesquisadores da Pragmática que estudam a cortesia, dado que em nossas considerações sobre as esferas de motivações pragmático-discursivas abordaremos esses conceitos em relação ao uso do léxico tabu. Brown e Levinson (1978) propuseram a teoria da polidez que introduz dois conceitos básicos: a racionalidade e a imagem pública. E Leech (1983) que complementou o princípio da cortesia de Grice (1957). Brown e Levinson (1978), de acordo com Níkleva (2011), explicam que “para determinar o grau de cortesia é necessário considerar o poder do falante, a distância social e o grau de imposição” (NÍKLEVA, 2011, p.66).¹⁹ Assim, para Brown e Levinson os falantes têm duas propriedades básicas que explicam seu comportamento comunicativo: a racionalidade, a razão dos indivíduos pode ser definida com precisão e está ligada ao princípio de cooperação: segue alguns meios comunicativos para chegar a alguns fins; e a imagem pública, cada indivíduo possui uma imagem pública que tem a intenção de conservar e essa conservação está ligada a cortesia. Para Brown e Levinson (1987), em um contexto interacional de mútua vulnerabilidade, os falantes terão como objetivo evitar atos que ameaçam sua imagem ou irão tentar contornar a situação,

¹⁸ *Los hablantes normalmente realizan el intercambio conversacional a través de una cooperación mutua. Cuando se transgrede una de las máximas, el éxito de la conversación sigue siendo posible, porque entran a actuar elementos sustitutivos. Además, el contexto permite el proceso inferencial y las implicaturas conversacionales.*

¹⁹ *Para determinar el grado de cortesía habrá que considerar el poder del hablante, la distancia social y el grado de imposición.*

utilizando estratégias de negociação da imagem, para minimizar as ameaças, caso tenha sido descortês.

Leech (1983) aprofunda os estudos sobre cortesia, complementando o princípio da cortesia de Grice (1957), para este autor “a interpretação da força Pragmática do enunciado por parte do ouvinte nem sempre coincide com a intenção ilocutiva do falante” (NÍKLEVA, 2011, p.67).²⁰ Portanto, Leech (1983) propõe três escalas com o objetivo de medir o grau de cortesia dos atos de fala, a saber: 1) custo – benefício, segundo esta escala, o maior benefício para o ouvinte corresponde a um maior grau de cortesia. Com maior custo para o ouvinte, menos cortesia. Ou seja, a relação entre o custo para o ouvinte e o grau de cortesia é inversamente proporcional. Enquanto que entre benefício e cortesia ocorre uma relação diretamente proporcional. Por exemplo, enquanto uma promessa constitui um benefício para o ouvinte, a ameaça é o custo. O primeiro ato é cortês e o segundo descortês. 2) direto – indireto, é expressa através de estruturas sintáticas e formas verbais. O modo indireto tem uma ligação maior com a cortesia, enquanto que o modo direto é descortês. Por exemplo: “Você poderia me passar o sal? ”, essa forma indireta não impõe uma obrigação ao ouvinte, já o enunciado direto “Passe o sal”, não parece criar uma opção ao ouvinte; 3) opção, uma mesma expressão linguística pode ter interpretações Pragmáticas diferentes. Por exemplo, formas interrogativas que podem ser corteses ou irônicas, etc.

Entendemos que os princípios básicos que norteiam esta pesquisa em relação a Pragmática é a de que

a captação da dimensão Pragmática da linguagem, dimensão complexa e de amplitude extensa, só é possível se perspectivarmos o fenômeno linguístico em termos de *uso* e tentarmos levantar o modo como é utilizada a língua em relação com as situações em que é atualizada, se nos centrarmos nos processos que dizem respeito à conversão da *langue* em discurso” (FONSECA; FONSECA, 1977, p.94).

²⁰ *La interpretación de la fuerza Pragmática del enunciado por parte del oyente no siempre coincide con la intención ilocutiva del hablante.*

1.8. Modelo de divisão das motivações de uso do léxico tabu por esferas

Utilizamos o modelo de esferas de motivação de uso para o léxico tabu proposta por Simão e Seregati (2016) para classificar o léxico tabu levantado no *corpus* MVM 4 estudado. Para definir as motivações de uso, partimos do pressuposto de que a comunicação é um dos principais objetos de estudos da Pragmática e conforme discutimos no tópico 1.7, existem muitas definições para a Pragmática. Tomamos aqui a perspectiva de Oliveira (2000), de que “igualar-se *uso linguístico* com *uso comunicativo*, e identifica-se a Pragmática com uma explicação da inter-relação existente entre a linguagem e a situação comunicativa em que está é tipicamente usada” (OLIVEIRA, 2000, p.227).

Entendemos que no contexto comunicativo, por vezes, aparecem unidades lexicais condenadas moralmente pela sociedade, uma vez que o uso da linguagem tabu foi, desde muito tempo, uma forma estigmatizada de expressar sentimentos, podendo seu uso variar de acordo com o grupo em que está inserido. Com frequência, escolhemos a expressão adequada para a situação na qual nos encontramos, evitando, na medida do possível, usar palavrões ou insultos em contextos regulados socialmente em que a maior proximidade é mais permissiva, enquanto a menor proximidade social é mais repressiva.

Gfrorer (1975) corrobora essa ideia afirmando que é evidente que existem em todas as culturas tabus que são proibidos de até mesmo serem mencionados diretamente em conversações em contextos mais formais ou sob certos aspectos conversacionais. E, como resultado dessas proibições e interdições resultam uma série de expressões eufemísticas, ou seja, formas aceitas pela sociedade, a fim de evitar as consequências desagradáveis que essas lexias podem causar, no entanto, o eufemismo ainda irá conservar, parcialmente, a transmissão da mensagem. Esse autor explica também que a maneira, linguística ou culturalmente, com que as diferentes culturas tratam os tabus é interessante, visto que sempre ocorrerão variações dependendo do ponto de vista e do contexto adotado.

Dessa maneira, é imprescindível que ao investigar o tratamento dado ao léxico tabu, estabeleçamos uma relação que abranja as diversas razões e fatores que motivam o uso dessas lexias, cujas origens podem ser sociais ou discursivas. Baseamo-nos em três

autores apresentados por Rundblom (2013), a saber: Ljung (2006), Einarsson (2009) e Svahn (1999), que apresentam algumas categorizações para o uso da linguagem tabu.

Primeiramente, Rundblom (op.cit.) apresenta Ljung (2006), que afirma que existem diferentes razões para maldizer e insultar. Com frequência, os insultos e xingamentos são utilizados para aliviar a pressão, liberar sentimentos de irritação e impaciência, expressar surpresa, alegria, reforçar o que é dito, e também para reforçar o sentido de pertencimento ao grupo.

Ljung (2006, p.43 apud RUNDBLOM, 2006, p.14) propõe a seguinte classificação das razões para utilizar palavrões: **Exclamação de irritação:** os palavrões expressos mediante uma exclamação de irritação e surpresa são alguns dos mais comuns em quaisquer idiomas, essas lexias não são dirigidas a ninguém, seu uso pode ocorrer, até mesmo, para expressar algo sobre a própria situação do falante. Por exemplo, uma interjeição quando o falante se machuca: em espanhol, *¡Joder!*, *¡Coño!*, e em português, *Foda-se!*, *Caralho!*; **Juramento:** sua função é a de declarar que o que se diz é certo, também são utilizados para expressar surpresa ou decepção, mas com um matiz religioso. Por exemplo: em espanhol, *¡Demonios!*, e em português, *Diabo!*; **Desaprovação ou aprovação:** são utilizados como reforço em situações que o falante expressa sua opinião, podendo variar entre uma situação agradável ou desagradável. Por exemplo: em espanhol, *¡Es de puta madre!*, *¡Una polla!*, e em português, *Do caralho!*, *Porra!*; **Maldizer:** são utilizados para invocar poderes superiores para tomar medidas contra uma pessoa. Estas expressões perderam com o passar do tempo o seu significado original e se consolidaram, sendo empregadas como expressões fixas agressivas. Por exemplo: em espanhol, *¡Qué Dios te castigue!*, e em português, *Que o diabo te carregue!*; **Exortação antipática:** é empregada para provocar no ouvinte um estado desagradável, repulsivo, em síntese, uma maneira de desejar a alguém uma situação desagradável. Por exemplo: em espanhol, *¡Vete a tomar por culo!*, e em português, *Vai tomar no cu!*; **Insultos permanentes:** são apresentados quase sempre com insultos referentes à maternidade ou com as propriedades físicas do outro. Por exemplo: em espanhol, *¡Tu puta madre!*, e em português, *Seu filho da puta!*; **Insultos:** palavras ou expressões utilizadas com a intenção de dizer algo agressivo ou ofender alguém. Podem também ser dirigidas para pessoas que não estão presentes. Por exemplo: em espanhol, *tonto*, *cabrón*, *hijo de puta*, e em português, *tonto*,

sacana, filho da puta; **Outros tipos de palavrões:** alguns palavrões são utilizados em expressões de desaprovação, por exemplo: em espanhol, *¡Qué puta mierda!*, e em português, *Putá que pariu!* e com ênfase adicional em algo, para reforçar uma palavra ou uma frase, como: em espanhol, *Este puto libro*, e em português, *Essa merda de livro* e enfaticamente: em espanhol, *Aquí está tu puta comida*, e em português, *Aqui está a porra da sua comida*; **Fortalecimentos das questões:** em muitos idiomas é comum fortalecer o poder de diferentes perguntas. Por exemplo: em espanhol, *¿Qué coño es esto?*, e em português, *Que porra é essa?*; **Neologismos:** É uma palavra, recém-formada de uma palavra tabu, que tem um novo significado. Um exemplo em espanhol é a palavra *puta* que formou a palavra *putada*, como: em espanhol, *¡Qué putada!* e em português *Que filha da putagem* ou *Que putaria!*.

A partir das classificações apresentadas anteriormente, Ljung (2006 apud RUNDBLOM, 2006, p.14) e Jay (2009), percebemos que as categorias propostas pelos autores são pertinentes, mas que em relação à classificação do léxico tabu, de modo geral, apresentam divisões mais estáticas se pensamos em seus contextos de realização, enquanto que os autores tratados a seguir, Einarsson (2009 apud RUNDBLOM, 2006, p.13) e Svahn (1999 apud RUNDBLOM, 2006, p.14), dedicam-se mais às motivações e às situações de uso do léxico tabu.

Einarsson (2009, p. 135-136 apud RUNDBLOM, 2006, p.13), propõe uma divisão para as motivações de uso das unidades lexicais tabus em três esferas: **Motivações psicológicas:** o falante expressa seus sentimentos tais como: dor, ira, decepção, irritação ou alegria; **Motivações sociais:** o falante deseja parecer ríspido, chocar o interlocutor, mostrar pertencimento a um grupo ou ofender alguém; **Motivações linguísticas:** o falante tem a intenção de reforçar aquilo que já foi dito, isto é, enfatiza ou chama a atenção do interlocutor por meio do realce ou ênfase do objeto.

Svahn (1999, p.18 apud RUNDBLOM, 2006, p.14), assim como Einarsson (op.cit.) também classifica o uso do léxico tabu em três tópicos, no entanto, seu foco não são as motivações e sim as situações que geram esse uso. São elas: **Situações emocionais:** em que a pessoa necessita expressar sua irritação ou frustração por algo, por exemplo situações em que a pessoa se machucou, perdeu algo ou teve uma discussão com outros. Durante brigas, os insultos são dirigidos diretamente a uma pessoa. No entanto,

as situações afetivas também podem significar que a pessoa contra a que se dirigem os insultos verbais não está fisicamente presente. Os insultos podem ser definidos de diversas maneiras, mas, principalmente, definem-se como palavras que têm a intenção de ofender verbalmente outra pessoa; **Situações de poder:** pessoas com poder, por exemplo, em uma aula, no trabalho ou em um grupo, podem usar palavrões para reprimir ou controlar aos subordinados e as que não seguem a norma do que se considera “normal”. Os palavrões no mundo do esporte são considerados uma demonstração de superioridade; **A gíria de grupos e a intimidade:** os palavrões também estão presentes nas situações mais íntimas nas quais as pessoas se conhecem bem e expressam sua identidade de grupo como, por exemplo, um grupo de jovens podem conversar entre eles com palavras malsoantes, sem adicionar nenhum valor a isto, mas se a mesma expressão é utilizada para descrever ou dizer algo a um estranho, as palavras têm um significado completamente diferente. As pessoas que possuem uma relação próxima permitem com frequência os palavrões. As palavras negativas podem ser vistas como algo positivo em um grupo de amigos.

A partir dos autores citados anteriormente, entendemos que nos círculos sociais é comum que as pessoas adaptem a sua linguagem às diferentes situações, contextos e destinatários, com o objetivo de criar vínculos com grupos ou classes de interesse em momentos de interação. O uso da linguagem tabu pode variar de acordo com a idade, a condição social e a origem do falante. Einarsson (2009), Svahn (1999) e Ljung (2006) categorizam o uso do léxico tabu a partir de perspectivas diferentes. No entanto, se observarmos as diversas razões para utilizar o léxico tabu, descobrimos que muitas estão entrelaçadas. “Por exemplo, uma ênfase adicional pode também servir como um reforço de uma palavra ou um insulto permanente pode igualmente servir como insulto ” (RUNDBLOM, 2013, p.16).

Além disso, é importante salientar aqui que além das motivações de uso do léxico tabu, é necessário estabelecer as diferenças entre o estudo da cortesia, descortesia e anticortesia brevemente, visto que esses parâmetros serão essenciais no desenvolvimento das esferas II e III propostas a seguir.

Primeiramente, ao tratar da cortesia devemos enfatizar que “o que se refere a um comportamento cortês varia de acordo com o grupo, e como um grupo pequeno consiste

em apenas duas pessoas, a variação é ilimitada” (ALLAN; BURRIDGE, 2006, p.29).²¹ Esses autores explicam que alguns modos e comportamentos que eram considerados como cortesies nos séculos anteriores, se fossem inseridos ou ainda praticados nas sociedades atuais poderiam ser considerados pedantes e, até mesmo inapropriados.

Assim, de acordo com Allan e Burridge (2006), para que a linguagem utilizada por um grupo seja considerada ou não como cortês ou descortês, dependerá de uma série de fatores. Eles citam alguns casos que influenciam nessa percepção, a saber: o relacionamento entre os falantes; o público e os ouvintes; o assunto; a situação (o ambiente); e qual o meio utilizado, variando entre falado ou escrito. Em síntese, os autores afirmam que a cortesia depende do contexto, lugar e momento. “O que é considerado cortês é, pelo menos, inofensivo e, na melhor das hipóteses, agradável a um público. O que é ofensivo é descortês” (ALLAN; BURRIDGE, 2006, p.30).²²

De acordo com Escandell Vidal (1993), a cortesia é uma maneira de manter uma boa relação com os demais. Em consonância com Allan e Burridge (2006), esse autor também relacionava o uso da cortesia em detrimento da situação, visto que a cortesia é baseada nas normas sociais e naquilo que é considerado apropriado em diferentes culturas e situações, de maneira que determina a forma que nos comportamos nas mais diversas situações. Assim sendo, seguir as regras é considerado o cortês e, ao contrário, quebrar as regras é considerado descortês. Essas regras de cortesia sofrem modificações de acordo com o país, a comunidade, os hábitos e o tempo. O que é considerado cortês em uma sociedade ou situação pode ser descortês em outra em função das diferenças culturais.

Blas Arroyo (2009), complementa que em uma conversação entre amigos, pode-se reforçar a linguagem sem interpretá-la como se fosse descortesia, mas como uma forma de demonstrar sua filiação e identidade a um grupo. A interpretação varia de acordo com a situação e o grau de familiaridade entre os falantes. Zimmermann (2002) também corrobora essa teoria de que expressões agressivas, em determinados contextos, não podem ser qualificadas como descortesia, visto que geralmente não ameaçam a identidade do outro, e não produzem queixas ou efeitos negativos posteriores. Assim sendo, esse

²¹ *What counts as courteous behaviour varies between human groups; and, because the smallest group consists of just two people, the variation is boundless.*

²² *That which is polite is at least inoffensive and at best pleasing to an audience. That which is offensive is impolite.*

autor afirma que expressões que normalmente têm um efeito negativo, não são descortesias em grupos de amigos, mas sim anticortesias. Portanto, existem insultos e outros atos descortesias que em certas situações e em certos grupos não têm a função de ofender, mas são uma maneira de demonstrar seu pertencimento a um grupo.

Em síntese, Zimmermann (2006) afirma que se os beneficiários das expressões agressivas não se sentem atacados ou insultados pelo falante, e se não se produz nenhum conflito entre os interlocutores, serão considerados como anticortesias.

A seguir, apresentamos as definições e questionamentos em relação às cinco esferas de motivação de uso propostas por Simão e Seregati (2016).

Esfera I – Motivações psicológicas individuais > [Motivações psicológicas individuais](#)

A esfera I foi denominada, em trabalho anterior (SIMÃO; SEREGATI, 2016), como “Motivações psicológicas individuais”. Entendemos que essa denominação seja apropriada àquilo que propomos englobar nessa esfera, conforme apresentado no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Definição Esfera I

Motivações psicológicas individuais
Unidades do léxico tabu, como insultos ou xingamentos, que se originam na expressão individual de sentimentos como dor, raiva, ira, cólera, indignação, surpresa, susto, espanto ou irritação, frequentes na forma de interjeições Centrada diretamente na expressão da atitude de uma pessoa (remetente), com foco na função expressiva da linguagem. Exemplo: uma pessoa andando que sem querer esbarra em algo e manifesta dor. Em espanhol temos como exemplo as unidades lexicais <i>coño</i> e <i>leche</i> , e em português <i>caralho</i> e <i>puta que pariu</i> .

Fonte: Simão e Seregati (2016, p.70)

Em relação às esferas I, II e III, é pertinente discutir, mais detalhadamente, as questões que as diferem, dado que essas três esferas são denominadas como “motivações psicológicas”. Ao propor essa nomenclatura partimos do pressuposto de que o léxico tabu pode ser utilizado em diferentes situações, podendo variar de situações que envolvem apenas um indivíduo, até situações que envolvem terceiros e grupos. Portanto, a esfera I

está centrada em uma circunstância em que o enunciador é o único afetado, sua motivação, conseqüentemente, será individual e devido a sua natureza podemos considerá-la como psicológica. Lima da Silva (2006) corrobora essa percepção ao afirmar que

devemos, então, pensar a linguagem como sendo, ao mesmo tempo, funcional e social na medida em que significados são construídos por meio de escolhas lexicais influenciadas por contextos sociais e culturais. Como instrumento de adaptação e interação social, a linguagem possui um recurso adaptativo que atende às necessidades sociais (coletividade) e individuais (biológicas e psicológicas) dos interlocutores (LIMA DA SILVA, 2006, p.108).

A partir das ideias desta autora, percebemos que classificar as esferas como psicológicas é apropriado, visto que fazem referência às necessidades individuais dos sujeitos que estão enunciando o discurso. No caso da esfera I, estão incluídos os casos das lexias tabus que têm como objetivo exprimir, por parte sujeito/interlocutor, uma interjeição que demonstre o seu desagrado, o seu aborrecimento com algum acontecimento em que apenas o sujeito participa.

Esfera II – Motivações psicológicas de interação social (descortesia) > [Motivações sociais de descortesia](#)

A esfera II foi denominada, nos estudos anteriores, como “Motivações psicológicas de interação social (descortesia)”. Essa esfera abarca unidades lexicais tabus que têm como foco a interação social entre indivíduos e que a intenção do falante seja ofender ou insultar diretamente o interlocutor ou indiretamente na referência a terceiros. Em síntese, a motivação de uso desse léxico, na forma de insultos ou xingamentos, é a de prejudicar a imagem do outro, conforme apresentado pelo quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Definição Esfera II

Motivações psicológicas de interação social (descortesia)
Unidades do léxico tabu, como insultos ou xingamentos, que se originam nas manifestações de sentimentos como raiva, ira, cólera, indignação ou irritação, que se originam na interação social com o objetivo de ofender diretamente o interlocutor ou indiretamente na referência a terceiros. Centrada na expressão da atitude de uma pessoa com relação ao seu interlocutor (destinatário), com foco na função conativa da linguagem. Exemplo: assaltos em que o bandido tenta coagir a vítima por meio do uso de insultos e palavrões e vale-se de xingamentos. Em espanhol temos como exemplo as unidades lexicais <i>joputa</i> e <i>maricón</i> , e em português <i>filho da puta</i> e <i>bicha</i> .

Fonte: Simão e Seregati (2016, p.70)

Com base nessa definição, acreditamos que é necessário questionar a nomenclatura anteriormente proposta, visto que, em nossas recentes leituras, concordamos com a afirmação de Lima da Silva (2006) exposta anteriormente em que a autora relaciona as necessidades sociais à coletividade e as necessidades individuais às funções biológicas e psicológicas. A partir desta afirmação, podemos nos interrogar em relação à motivação que rege a esfera II e III, visto que essas esferas englobam não apenas o sujeito enunciador e o contexto como na esfera I, mas também interação com o sujeito enunciador, terceiros e o contexto em que essas lexias estigmatizadas estão sendo utilizadas. Assim, essas esferas têm como objetivo atingir um indivíduo ou um grupo e, portanto, aquele que enuncia utiliza formas que a sociedade considera transgressora e descortês.

Em função das questões citadas anteriormente, passamos, portanto, a denominar a segunda esfera de “Motivações sociais de descortesia”, dado que, dessa maneira, estabelecemos uma diferenciação entre a esfera I que tem como foco apenas o indivíduo e mantemos um paralelismo entre a nomenclatura das motivações psicológicas (individual) e as motivações sociais (coletivo).

O ponto que diferencia as esferas II e III é o nível de afetividade entre o falante e o interlocutor, uma vez que as unidades lexicais utilizadas na II podem ser as mesmas que utilizadas na III, entretanto o que as distingue é a intenção comunicativa do falante que expressa, por meio do palavrão, “intimidade”, “aproximação”, “liberdade” com o seu

interlocutor e, por essa razão, não é entendida como um insulto (descortesia), mas sim como um gesto de pertencimento ou amizade (anticortesia).

Para compreender melhor a relação entre a cortesia e a descortesia, acreditamos que, primeiramente, é necessário retomar o que entendemos por cortesia, que de acordo com Villaça e Bentes (2008),

Podemos dizer que a cortesia verbal encontra-se primeiramente relacionada a um modo 'refinado' de fala, associado a rituais nos quais a demonstração da existência de uma hierarquia social é fundamental. Em segundo lugar, além de propiciar a construção de uma imagem de refinamento para o locutor, conferindo-lhe uma determinada posição de superioridade sociocultural (a posição de uma pessoa cortês, distinta), a cortesia linguística pode também ser uma espécie de 'exibição de afeto e/ou de gentileza' por parte do locutor que, em determinados rituais de linguagem, procura mostrar respeito por uma suposta delicadeza emocional do interlocutor e, ao mesmo tempo, o seu próprio conhecimento, sensibilidade Pragmática e refinamento. Em função disso, a cortesia verbal evoca situações, pessoas e determinadas formas linguísticas (VILLAÇA; BENTES, 2008, p.20).

A partir dos autores citados anteriormente, concluímos que a concepção de cortesia está sujeita a variações de acordo com o contexto e a sociedade em que for enunciada. Além disso, entendemos que a cortesia pode ser entendida como um conjunto de estratégias que os indivíduos fixam ou julgam como norma no contexto em que estão inseridos. A descortesia, por outro lado, é caracterizada por expressões que ferem e ofendem a imagem do outro. Sendo este, portanto, o âmbito em que o léxico tabu se insere ao ser utilizado em frases e contextos que têm como objetivo ofender outro indivíduo.

Esfera III – Motivações psicológicas de interação social (anticortesia) > [Motivações sociais de anticortesia](#)

Em relação à esfera III, denominada “Motivações psicológicas de interação social (anticortesia)”, entendemos que ela engloba as unidades tabus das quais os falantes fazem uso para demonstrar o seu pertencimento a determinado grupo e como demonstração de afeto, intimidade, proximidade ou carinho em relação a um indivíduo. Nessa esfera,

encontramos uma motivação de uso do léxico tabu distinto daquele que usualmente é atribuído a este tipo de lexia, de acordo com o quadro 3 abaixo.

Quadro 3 – Definição Esfera III

Motivações psicológicas de interação social (anticortesia)
Unidades do léxico tabu que são expressas na interação social com o objetivo de demonstrar pertencimento a determinados grupos. Centrada na expressão da atitude de uma pessoa com relação ao seu interlocutor (destinatário), com foco na função conativa da linguagem. Exemplo: interação entre adolescentes do mesmo grupo que se expressam verbalmente valendo-se de uma linguagem tabu para demonstrar intimidade. Em espanhol temos como exemplo as unidades lexicais <i>joputa</i> e <i>maricón</i>, e em português <i>putinha</i> e <i>viado/viadinho</i>.

Fonte: Simão e Seregati (2016, p.70)

Conforme abordado por Zimmermman (2006) anteriormente, entendemos que nesse uso não há uma agressão à imagem de nenhum indivíduo, pelo contrário, essas unidades tabus usadas em contextos afetivos demonstram a afeição e o apreço dos sujeitos envolvidos. Portanto, esse uso deliberado de unidades lexicais tabus rompe com o padrão esperado de cortesia, do uso de palavras amáveis e delicadas, caracterizando-se como a anticortesia.

Assim como na esfera II, acreditamos que a esfera III devia ser denominada como “Motivações sociais de anticortesia”, dado que, conforme explicado no item 2.2.3, essa nomenclatura é mais adequada ao que propomos em relação às motivações de uso.

Esfera IV – Motivações discursivas > [Motivações discursivas](#)

A esfera IV, denominada “Motivações discursivas”, diferentemente das esferas anteriores não tem como foco demonstrar a irritação do falante, ofender a terceiros ou demonstrar o pertencimento ou afeto de um indivíduo a determinado grupo. A motivação de uso que norteia essa esfera é baseada em conferir um sentido hiperbolizante a uma unidade lexical ou enunciado, conforme o quadro 4 a seguir.

Quadro 4 – Definição Esfera IV

Motivações discursivas
Unidades do léxico tabu cuja motivação e objetivo são o de enfatizar ou intensificar determinado objeto linguístico ou extralinguístico. Centrada no objeto ou situação de que a mensagem trata, está orientada para o contexto ou referente, com foco na função referencial da linguagem. Exemplo: Uma pessoa usa uma unidade lexical tabu para falar sobre uma festa. Em espanhol temos como exemplo as unidades lexicais <i>estar/ser de puta madre</i> , e em português <i>estar/ser do caralho</i> ou para intensificar uma ação: <i>hoy hace un calor de puta madre</i> .

Fonte: Simão e Seregati (2016, p.70)

Portanto, nessa esfera englobamos as lexias tabus que têm como finalidade evidenciar, acentuar aquilo que está sendo dito. Centrada no objeto ou situação de que a mensagem trata, está orientada para o contexto ou referente. Ao ser empregada como adjetivo, esse uso pode modalizar, qualificar ou quantificar os substantivos aos quais se relacionam essas unidades lexicais que normalmente são empregadas antes do substantivo a que fazem referência. Acreditamos que a denominação “Motivações discursivas” seja adequada ao que propomos englobar nessa esfera, dado que a base dessa motivação é o texto e o discurso.

Esfera V – Motivações denominativas > **Motivações biológicas**

A esfera V, denominada “Motivações denominativas”, enfatiza as lexias tabu que fazem referência a atividades fisiológicas e biológicas dos seres humanos. Nessa esfera encontramos unidades lexicais relativas a partes do corpo humano, feminino e masculino, a excrementos, a fluidos corporais e a atividades sexuais.

Quadro 5 – Definição Esfera V

Motivações denominativas
Unidades do léxico tabu que fazem referências a unidades lexicais escatológicas ou sexuais e, portanto, vulgares, usadas na interação sem motivações psicológicas, sociais ou discursivas, simplesmente para designar elementos extralinguísticos. Centrada no objeto ou situação de que a mensagem trata, está orientada para o contexto ou referente, com foco na função referencial da linguagem. Exemplo: termos que fazem referência ao ato sexual ou aos órgãos sexuais, designando as partes pudendas do corpo, ou a escatologia de um modo geral que designa o nome dos excrementos ou excreções, ou palavras envoltas em proibição religiosa como o “diabo” e “satanás”, e os eufemismos provenientes desses. Em espanhol temos como exemplo as unidades lexicais: <i>coño</i> (designando o órgão sexual), <i>follar</i> (designando o ato sexual); <i>mierda</i> (designando o excremento), e em português <i>xoxota</i> ; <i>transar</i> e <i>merda</i> .

Fonte: Simão e Seregati (2016, p.70-71)

Entendemos que, conforme afirma Gfrofer (1975), “uma área mais velada nos tabus é o corpo com todas suas funções fisiológicas e sexuais. Palavras referentes a certas partes ‘privadas’ do corpo geralmente são substituídas por eufemismos” (GFROFER, 1975, p.96).²³ Em consonância com este autor, Arango (1991) reitera que a anatomia humana está repleta de proibições e que, por esse motivo, a sexualidade está proscrita.

A fim de apresentar com mais clareza a diferenciação entre cada uma das esferas propostas, consideramos a mudança da nomenclatura da esfera V de “Motivações denominativas”, dado que acreditamos que a denominação “Motivações biológicas” apresentaria uma maior clareza em relação às lexias englobadas nessa esfera, fazendo referência, dessa maneira, as lexias que fazem parte do repertório do corpo humano e de nossas necessidades biológicas. Também modificamos a descrição dessa esfera, dado que nos referimos a *termos* nessa explicação; no entanto, entendemos que esse uso foi feito de modo errôneo, visto que os tabus linguísticos não fazem parte de um conjunto restrito em que ocorrem os termos.

No próximo capítulo, descrevemos a metodologia adotada em relação à seleção e análise das unidades lexicais tabus e discutimos as questões relacionadas a problemática das marcas de uso dos dicionários que auxiliaram a análise.

²³ Una área más velada en tabú es el cuerpo con todas sus funciones fisiológicas y sexuales. Palabras referentes a ciertas partes "privadas" del cuerpo generalmente son reemplazadas por eufemismos.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

O Capítulo 2 aborda as questões relacionadas aos procedimentos de seleção e de análise do léxico tabu e a sua organização dentro das esferas de motivação de uso. Apresentamos, neste capítulo, os procedimentos utilizados para a seleção das lexias, seguido pelo método de levantamento e, por fim, a análise dessas lexias, também abordamos a problemática que envolve as marcas de uso dos dicionários utilizados como suporte em nossa análise.

2.1. Procedimentos de seleção e análise proposta para o léxico tabu

Para proceder ao levantamento das unidades lexicais tabus, doravante ULTs, e sua posterior análise e classificação, realizamos o levantamento dessas unidades de modo manual, visto que se fez necessário compreender o contexto em que a lexia está inserida para que seja possível classificá-la em uma das esferas propostas anteriormente.

Em nossa análise apresentamos alguns exemplos que provêm do *corpus* MVM 4, a totalidade das ocorrências encontra-se disponível na seção Anexos.

2.1.1. Seleção das ULTs

Primeiramente, realizamos a leitura das obras, em espanhol e em português, dado que se faz necessária a compreensão do contexto em que as ULTs ocorrem para classificá-las posteriormente nas esferas de motivações de uso. Em seguida, elaboramos uma lista com as ULTs, em espanhol, encontradas na primeira leitura, conforme segue abaixo.

- | | |
|--------------|-------------------|
| 1. Bestia | 7. Cagar |
| 2. Bujarra | 8. Cojones |
| 3. Bujarrón | 9. Cojonudo |
| 4. Cabrón | 10. Coño |
| 5. Cabrona | 11. De cojones |
| 6. Cabronazo | 12. De puta madre |

13. Follar	25. Mear
14. Guarro	26. Mierda
15. Hijo de puta	27. Paja
16. Joder	28. Paquete
17. Joderse	29. Picha
18. Leche	30. Polla
19. Mala leche	31. Puta
20. Maricón	32. Putada
21. Maricona	33. Tener cojones
22. Mariconada	34. Tirarse
23. Mariconería	35. Verga
24. Mariquita	

2.1.2. Levantamento das ULTs

Após a elaboração dessa lista, iniciamos o levantamento das lexias tabus de modo manual, isto é, utilizamos o *corpus* MVM 4 digitalizado e realizamos uma busca simples (ctrl + f), em espanhol, para encontrar o excerto em que essas ULTs estavam inseridas. Separamos esses excertos para que posteriormente fosse possível agrupar as ULTs nas esferas de motivações de uso. Nesta etapa buscamos estabelecer uma relação prévia entre as lexias e seus contextos a fim de atrelar as ULTs às esferas propostas atentando para seu caráter pragmático.

Posteriormente ao levantamento das ULTs encontradas no *corpus* MVM 4, todas essas unidades extraídas foram agrupadas a partir do núcleo do sintagma, compondo os dados primários de análise desta pesquisa. Por exemplo: as lexias *de puta madre* e *putada* foram agrupadas com o núcleo *puta*. Esse primeiro levantamento agrupou as ULTs de acordo com o excerto, a esfera de motivação de uso, a lexia em espanhol e em português e, por último, o recurso disfemístico ou eufemístico utilizado pelo tradutor, como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 2 – Exemplo do primeiro levantamento das ULTs

Excerto	Esfera	Espanhol	Português	Recurso
1	II	Puta	Puta	Disfemismo
2	I	Puta madre	Puta que pariu	Disfemismo
3	II	Puta	Puta	Disfemismo
4	II	Puta	Puta	Disfemismo
5	II	Puta	Puta	Disfemismo
6	II	Puta	Puta	Disfemismo
7	II	Puta	Puta	Disfemismo
8	II	Puta	Puta	Disfemismo
9	IV	Putada	Sacanagem	Eufemismo
10	II	Puta	Puta	Disfemismo
11	II	Puta	Puta	Disfemismo
12	II	Puta	Puta	Disfemismo
13	II	Puta	Puta	Disfemismo
14	II	Puta	Puta	Disfemismo
15	II	Puta	Puta	Disfemismo
16	IV	Puta madre	Do cacete	Disfemismo
17	IV	Puta madre	Do caralho	Disfemismo
18	IV	Puta madre	Do caralho	Disfemismo
19	II	Puta	Puta	Disfemismo
20	IV	Puta madre	Do caralho	Disfemismo
21	II	Puta	Puta	Disfemismo

Fonte: *corpus* MVM 4

2.1.3. Análise das ULTs

Após esse agrupamento inicial, deu-se encaminhamento à análise separando as lexias conforme as cinco esferas de motivação de uso apresentadas na fundamentação teórica, visto que, um de nossos objetivos, é comparar a quantidade de unidades lexicais presentes em cada uma das esferas e qual a mais recorrente no *corpus* MVM 4.

Após a divisão das unidades léxicas em suas respectivas esferas, estabelecemos as relações entre o *corpus* em espanhol, composto somente por disfemismos, e o *corpus* em português. A partir dos conceitos discutidos na fundamentação teórica, estabelecemos a relação entre o *corpus* em espanhol e sua respectiva tradução para o português, atentando para as relações eufemísticas e disfemísticas presentes na tradução. Para

auxiliar nossa análise e apoiar nossas reflexões em torno dos traços disfemísticos e eufemísticos do *corpus*, utilizamos alguns dicionários, como, em português, o Houaiss (2009), o Aurélio (2010), o Caldas Aulete (2014), o Dicionário Brasileiro de Insultos (2002), os bilíngues, Collins (2011) e Señas (2010), em espanhol, o diccionario de usos del español – María Molíner (2007), o diccionario de la lengua Española – Real Academia Española (2014), entre outros. Tais obras nos auxiliaram por meio da indicação das marcas de uso e também pelas acepções presentes em suas definições.

A seguir, apresentamos, a título de ilustração, uma tabela contendo as informações sobre o número do excerto, a lexia em espanhol, a quantidade de ocorrência dessas lexias em espanhol, a lexia em português e o recurso utilizado pelo tradutor, ou seja, disfemismo ou eufemismo. Por fim, os dados foram analisados e apresentados como na tabela abaixo, com o objetivo de permitir a observação de forma esquemática da lexia em espanhol e em português, seu número de ocorrência no *corpus* MVM 4, bem como o recurso empregado em sua tradução.

Tabela 3 – Modelo de tabela usada para classificação das unidades lexicais tabus em cada esfera

Esfera I				
Espanhol	Ocorrências	Português	Eufemismo	Disfemismo

Fonte: *corpus* MVM 4

2.1.3.1. Problemática em relação às marcas de uso

Em nossa análise, utilizamos as marcas de uso dos dicionários como referência em relação aos tabuísmos, palavras chulas e etc.; no entanto, entendemos que ao compararmos os diferentes dicionários logo percebemos que há uma grande disparidade entre o sistema que cada dicionário utiliza em relação ao sistema de marcação, ou seja, ao emprego das marcas de uso.

Por vezes, as marcações existentes nos dicionários podem causar dúvidas em relação às unidades lexicais tabus, dado que a maneira como cada dicionário apresenta as indicações sobre restrições ou condições de uso de entradas não é padronizada. Azorín

Fernández (2009) afirma que “estas marcas se presentan, em geral, de forma abreviada e mediante sistemas de sinalização pouco coerentes e idiossincrásicos para cada repertório lexicográfico” (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2009, p.249, tradução nossa).²⁴

Devido a essa falta de padronização, apresentamos as marcas de uso encontradas nos dicionários consultados, porém questionamos as disparidades que podem existir entre os diferentes dicionários, interrogando em que medida as marcas apresentadas ajudam a esclarecer as nuances das ULTs.

Como exemplo dessa questão expomos abaixo alguns exemplos de verbetes em que as marcas de uso apresentam nomenclaturas diferentes. Os dicionários variam entre monolíngues espanhóis – *Diccionario de uso del español* e *Diccionario de la lengua española* – e monolíngues brasileiros – *Aurélio* e *Houaiss*.

Em relação aos dicionários monolíngues espanhóis, analisamos a variação das marcas de uso quanto à lexia *cño*. A seguir apresentamos as figuras 4 e 5 que contrastam a classificação desse verbo em cada dicionário.

Figura 4 – Verbo 1 “cño”

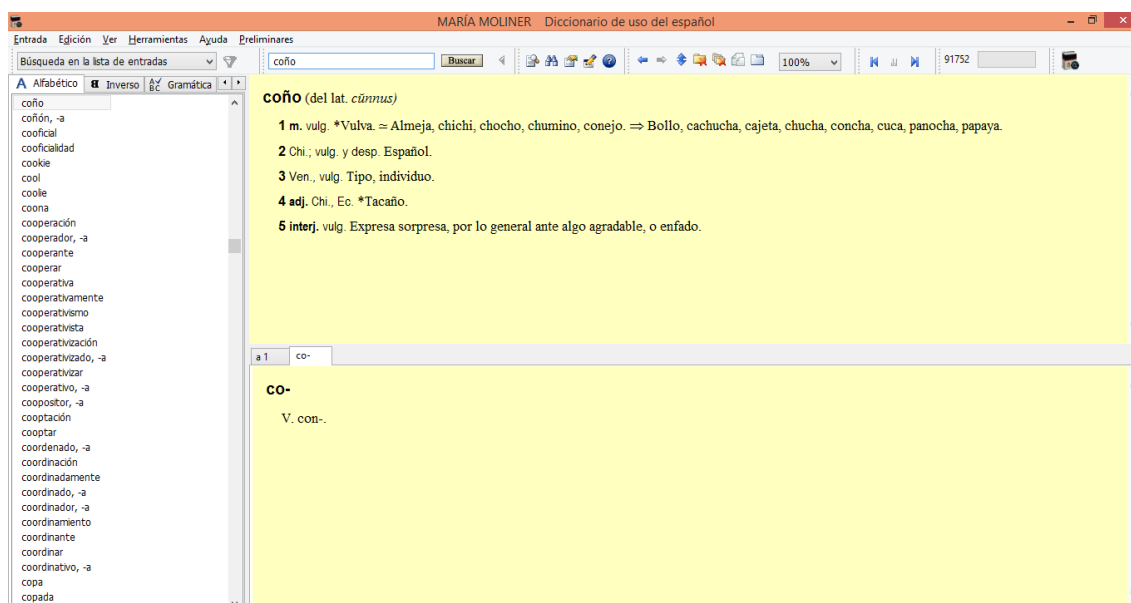
The screenshot shows the official website of the Real Academia Española (RAE) for the Diccionario de la lengua española. The page features the RAE logo and the text 'Edición del Tricentenario | Actualización 2017'. The search bar contains the word 'cño'. The entry for 'cño' is displayed, including its etymology 'Del lat. *cunus*.' and five numbered definitions: 1. *m., malson.* Vulva y vagina del aparato genital femenino. 2. *m., despect.* *Chile, español* (ll natural de España). 3. *m., malson.* *Ven.* Tipo o individuo. 4. *adj.* *Chile y Ec.* *tacaño* (ll que escatima en el gasto). 5. *interj., malson.* *U.* para expresar diversos estados de ánimo, especialmente extrañeza o enfado. On the right side, there is a sidebar with a red 'AVISO IMPORTANTE' banner, a list of links (Edición del Tricentenario, Guía de consulta, UNIDRAE, Consultas lingüísticas), and a 'Palabra del día' section featuring 'berbiquí'.

Fonte: Diccionario de la lengua española

²⁴ Estas marcas se presentan, por lo general, en forma abreviada y mediante sistemas de señalización poco coherentes e idiosincrásicos para cada repertorio lexicográfico.

Coño *m* **1** *malson*. Vulva y vagina del aparato genital femenino. **2** *despect. Chile*. Español (natural de España). **3** *malson. Ven.* Tipo o individuo. **4** *adj. Chile y Ec.* Tacaño (que escatima en el gasto). **5** *interj. malson. U.* para expresar diversos estados de ánimo, especialmente extrañeza o enfado.

Figura 5 – Verbete 2 “coño”



Fonte: Dicionario de uso del español

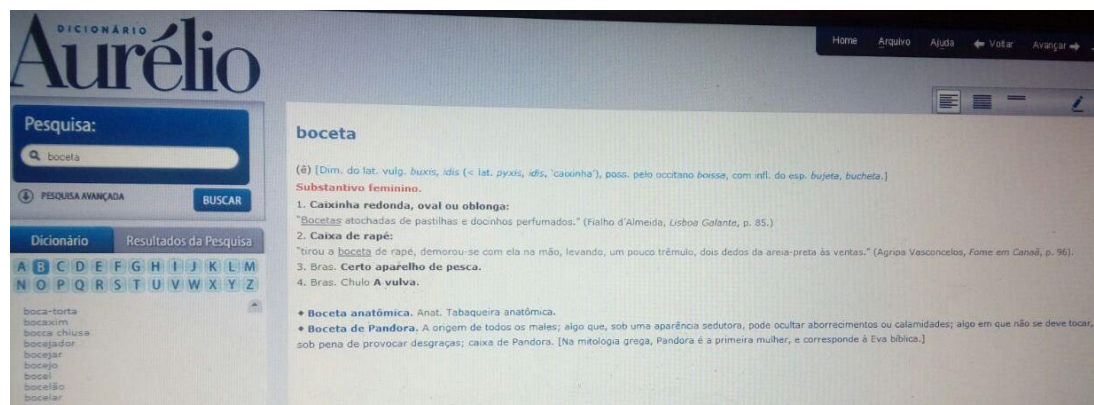
Coño (de lat. *cunnus*) *m* **1** *vulg.* Vulva 1 Almeja, chichi, chocho, chumino, conejo. 2 Bollo, cachucha, cajeta, chucha, concha, cuca, panocha, papaya. **2** *Chi.; vulg. y desp. Español.* **3** *Ven., vulg.* Tipo, individuo. **4** *adj. Chi., Ec.* Tacaño. **5** *interj. vulg.* Expresa sorpresa, por lo general ante algo agradable, o enfado.

A partir desses dois dicionários, percebemos que não há uniformização ou padronização em relação ao tratamento de lexias consideradas como tabus nos dicionários, dado que há variação entre *vulgar*, *despectivo* e *malsonante*. Todas essas unidades lexicais são expressões com sentido semelhante para indicar um verbete com conotações pejorativas, no entanto cada uma dessas unidades enfatiza um sentido diferente.

Comparamos essas unidades de acordo com o DLE, e percebemos que: a lexia *vulgar* é própria do vulgo ou povo, isto é, não distinto, não pertencente às classes dominantes; a lexia *despectivo* é relativa a uma palavra que manifesta ideia de menosprezo; e a lexia *malsonante* é relativa especialmente a uma expressão ou palavra que ofende o pudor, o bom gosto e a religiosidade. Assim, entendemos que há enfoques diferenciados e que podem perder-se para o consulente, visto que todas essas unidades usadas indistintamente podem gerar dúvidas devido a variedades de sentidos, alguns mais específicos e outros mais gerais.

Em português também notamos esse uso impreciso, conforme exemplificamos abaixo com o verbete *boceta*.

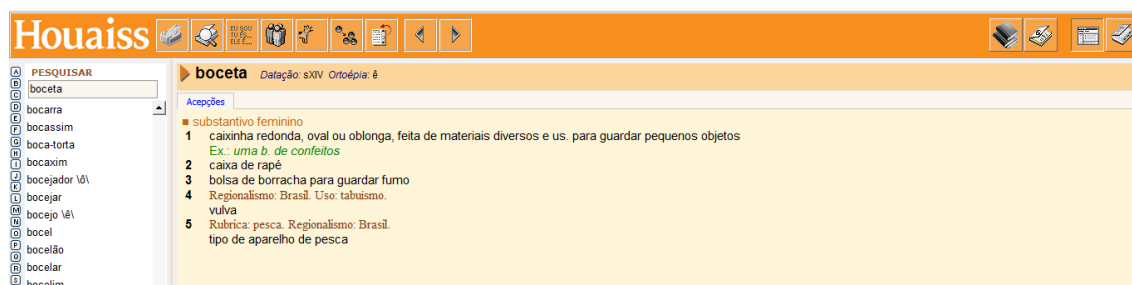
Figura 6 – Verbetes 1 “*boceta*”



Fonte: Ferreira (2010)

Boceta *sf* 1 Caixinha redonda, oval ou oblonga. 2 Caixa de rapé 3 *Bras.* Certo aparelho de pesca. 4 *Bras. Chulo* A vulva.

Figura 7 – Verbetes “*boceta*”



Fonte: Houaiss (2009)

Boceta *sf* **1** Caixinha redonda, oval ou oblonga, feita de materiais diversos e us. para guardar pequenos objetos. **2** Caixa de rapé. **3** Bolsa de borracha para guardar fumo. **4** *Regionalismo: Brasil. Uso: tabuísmo.* Vulva. **5** *Rubrica: pesca. Regionalismo: Brasil.* Tipo de aparelho de pesca.

Com base na comparação das figuras 6 e 7, percebemos que o verbete *boceta* apresenta as marcas de uso *brasileirismo*, *chulo* e *tabuísmo*. Analisamos essas lexias, em sentido geral, de acordo com o DH, cujas definições são: a lexia *brasileirismo* se refere a qualquer fato da linguagem próprio do português do Brasil; a lexia *chulo* relaciona-se ao que não é digno, o que é de baixo calão e rude; e a lexia *tabuísmo* é uma palavra, locução ou aceção tabu considerada chula, grosseira e ofensiva. Da mesma maneira que os verbetes em espanhol, há uso de sentidos gerais e outros específicos. Portanto, a partir dos exemplos expostos acima, entendemos que as marcas de uso, nos dicionários espanhóis e brasileiros, apresentam variações que podem gerar dúvida nos consulentes, dado que utilizam marcações ou indicações com sentidos distintos para referir-se a um mesmo verbete.

No próximo capítulo, tratamos da análise dos dados e dos resultados obtidos, isto é, apresentamos as ULTs de acordo com as esferas de motivação de uso em que estão inseridas e discutimos cada uma das ocorrências encontradas no *corpus* MVM 4, em espanhol e em português.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Este capítulo é destinado a apresentar a análise dos dados extraídos do *corpus* MVM 4 selecionado para esta pesquisa. No *corpus* MVM 4 encontramos 121 ocorrências de unidades lexicais tabus (ULTs), conforme apresentado na tabela abaixo. A partir dos pressupostos teóricos e metodológicos apresentados anteriormente, estabelecemos como parâmetros as esferas de motivação de uso e, assim, iniciamos a análise com a esfera I.

Tabela 4 – Apresentação dos dados coletados

Esfera	Ocorrências	Eufemismo	Disfemismo
I	12	2	10
II	43	3	40
III	1	-	1
IV	29	15	14
V	36	1	35

Fonte: *corpus* MVM 4

3.1. Esfera I – Motivações psicológicas individuais

Foram encontradas 12 ocorrências de ULTs pertencentes à esfera I. Essas ULTs estão englobadas nessa esfera devido a sua motivação de uso, visto que são insultos e xingamentos que o indivíduo faz uso para demonstrar sentimentos como dor, raiva, ira, cólera, indignação, surpresa, susto, espanto ou irritação, porém sem a intenção de ofender alguém, mas sim expressar uma emoção relacionada a algo que envolve apenas o enunciador.

Abaixo apresentamos a tabela 5 com as ULTs encontradas, o número de ocorrências em cada uma delas, sua tradução em português e o número de eufemismos e disfemismos.

Tabela 5 – Unidade lexicais tabus pertencentes à esfera I

Esfera I				
Espanhol	Ocorrências	Português	Eufemismo	Disfemismo
Joder	8	Porra	-	8
No te jode	2	E essa agora/ Porra	1	1
Coño	1	Porra	-	1
Cojones	1	Caramba	1	-

Fonte: *corpus* MVM 4

Dentre as ULTs levantadas e categorizadas na esfera I, a de maior ocorrência foi “joder” com 8 ocorrências, assim, iniciamos nossa análise com essa lexia. Em espanhol, de acordo com a DLE, essa lexia apresenta a marca de uso malsonante que, em português, poderíamos traduzir como ofensivo ou insultuoso. Esse dicionário também apresenta 7 acepções para essa lexia, entendemos que a que melhor se enquadra no contexto em que essa ULT ocorre é a acepção que indica que essa unidade é utilizada para expressar aborrecimento, irritação, espanto, entre outras.

Todas as ocorrências dessa ULT foram traduzidas por “porra”. Em português, essa lexia também apresenta a marcação, segundo o dicionário DH, de tabuísmo em relação à acepção que é descrita como expressão de surpresa, espanto, dor ou aborrecimento. Além disso, o dicionário DA marca essa ULT como chula quando utilizada como interjeição. Notamos, portanto, que em ambos os idiomas, a acepção que se adequa ao contexto em que essas ULTs ocorrem são descritas de maneira semelhante, divergindo apenas em relação a englobar a surpresa, de modo claro, dado que da maneira que é apresentado em espanhol, essa acepção parece apenas abarcar sentimentos desagradáveis. A seguir, apresentamos dois excertos representativos do uso dessas ULTs no contexto em que ocorrem.

Espanhol	Português
— Joder . O sea, que esos tíos se meten en todas partes. Vayas a donde vayas te	" Porra . Quer dizer que esses caras se metem por todo lado. Você vai para

encuentras con un moro haciendo el trabajo de un español. No hay derecho. Y ahora toreros. —Y aunque su religión les prohíba tomar jamón y beber vino o alcoholes más duros, ni caso. Ellos comen jamón y beben alcohol para que nadie pueda señalarlos con el dedo y gritar: «¡Al moro!».	qualquer lugar e encontra um árabe fazendo o trabalho de um espanhol. Não está certo. E agora os toureiros." "E mesmo se a religião deles os proíbe de comer presunto e beber vinho e álcool mais forte, eles nem ligam. Comem presunto e bebem álcool para que ninguém possa apontá-los com um dedo e gritar: 'Vamos pegar o árabe!'."
--	---

Espanhol	Português
Algo parecido a una sonrisa de muchacha adolescente, sorprendida por una delicadeza inesperable, recuperó la entidad de su compañera de viaje, de pronto reubicada con su belleza cargada de madrugada y erosiones de mal dormir, pero en definitiva un rostro espléndido donde la ausencia de maquillaje dejaba en libertad la dulzura de la mirada y la sensualidad de los labios partidos. «Joder, vaya señora», comentó Carvalho a Biscuter mientras abarcaba espacio suficiente para recuperar la posición supina.	Algo parecido com um sorriso de garota adolescente, surpreendida por uma delicadeza inesperada, restituiu a identidade de sua companheira de viagem, que subitamente reassumiu a beleza carregada de madrugada e de erosões por dormir mal, mas, mesmo assim, um rosto esplêndido cuja ausência de maquiagem deixava em liberdade a doçura do olhar e a sensualidade dos lábios partidos. "Porra, que mulher!", comentou Carvalho com Biscuter enquanto abarcava espaço suficiente para recuperar a postura em decúbito dorsal.

Em relação às duas ocorrências de “no te jode”, encontramos na DLE essa acepção marcada como *locución interjectiva* e *malsonante* que, em português, podemos traduzir por locução interjetiva e ofensiva. A DLE define essa acepção como uma locução que acompanha um enunciado, a fim de demonstrar enfaticamente o incômodo do enunciador.

Nos dois excertos abaixo, podemos perceber que a ULT “no te jode” foi traduzida de duas maneiras diferentes. No primeiro excerto, encontramos a tradução “e essa agora!”, que se caracteriza como uma expressão eufemística, dado que não encontramos traços disfemísticos nessa construção. Apesar da escolha tradutória diferir semanticamente do espanhol, percebemos que, no contexto, mantiveram-se as características da interjeição para o português, como podemos constatar a seguir.

Espanhol	Português
—¿Qué carga lleva?	"Que carga você leva?"
—Zapatos alicantinos con nombres italianos, para fardar, porque los italianos tienen fama como diseñadores. Y usted, ¿a qué va a Francia?	"Sapatos de Alicante com nomes italianos, para impressionar, porque os italianos têm fama de bons designers. E o senhor, por que vai à França?"
—A hacer prácticas de francés. Lo tenía muy olvidado.	"Para fazer um estágio de francês. Esqueci muito a língua."
—Prácticas de francés. ¡ No te jode!	"Estágio de francês! E essa agora! "

Na segunda ocorrência da ULT “no te jode”, notamos que, diferentemente da primeira tradução, o tradutor optou por manter um disfemismo que, conforme explicitado nos primeiros excertos, mantém a carga semântica vulgar da locução e expressa o desagrado do enunciador em português, através do uso da ULT “porra”, conforme apresentado abaixo.

Espanhol	Português
—Muy probablemente.	"Muito provavelmente."
—Pues con los moros pasa lo mismo. Ya se han apoderado de Francia y ahora se vienen a España. No te jode. Chiquito de Agadir. Hay que tener cojones y cara dura.	"Pois com os árabes é a mesma coisa. Já tomaram conta da França e agora vêm para a Espanha. Porra. Chiquito de Agadir. Tem que ter colhão e ser o maior cara-de-pau."

Carvalho le había ofrecido material para monólogo hasta Barcelona, y allí dejó de hablar, porque empezó a dormirse a ráfagas, interrupciones de la conducción que el camión asumía yéndose unas veces hacia la cuneta de la derecha, y otras hacia el carril de la izquierda, del que era expulsado por las bocinas de los automóviles que trataban de adelantarlos.	Carvalho tinha lhe oferecido material para um monólogo até Barcelona, e então parou de falar, porque começou a dormir, aos pedaços, com interrupções quando o caminhão ia ora para perto do acostamento da direita, ora para a pista da esquerda, da qual era expulso pelas buzinas dos automóveis que tentavam ultrapassá-lo.”
--	---

Observamos que “coño” também foi traduzido por “porra”, assim como todas as ocorrências de “joder” e uma ocorrência de “no te jode”. No caso desta ULT, destacamos que “porra” em português é uma ULT proposta, sendo reconhecida pelo WR como equivalente consagrado para “coño” em espanhol. Também são indicados no WR os equivalentes, “merda”, “caralho” e “porra” como equivalentes consagrados em língua portuguesa para essas acepções. O DS sugere um equivalente diferente, propondo que a ULT “coño” seja traduzida por “xoxota”.

Devido à carga semântica pejorativa da ULT “porra”, entendemos que se trata de um disfemismo, dado que, de acordo com o DH, é um tabuísmo que pode fazer referência ao órgão sexual masculino, ao esperma, ou a algo muito ruim, uma porcaria, uma merda. O uso da lexia “coño” em espanhol e em português “porra” se enquadra na esfera I, motivado pelo contexto em que essa ULT é utilizada, nesse caso, na fala de um personagem que expressa seu descontentamento, surpresa e indignação por meio do uso de uma interjeição disfemística, conforme podemos observar no excerto abaixo.

Espanhol	Português
—¿Cuánto dinero le debe?	"Quanto dinheiro lhe deve?"
—Casi tres mil dólares.	"Quase três mil dólares."
—¡ Coño!	"Porra!"
—No me devolverá al niño si no le pago.	

	"Não me devolverá o menino se eu não pagar."
--	--

A lexia “cojones”, de acordo com a DLE, é definida como uma interjeição utilizada para expressar diversos estados de ânimo do falante, com enfoque na estranheza ou incômodo por parte do enunciador. No contexto em que esta lexia ocorre, percebemos que há uma referência ao órgão sexual masculino, podendo ser traduzido para o português como “colhões” ou “caralho”, de acordo com o WR. No entanto, o tradutor optou por uma lexia em português que não fizesse alusão a nenhuma parte pudenda do corpo masculino, dando preferência a lexia “caramba”, um eufemismo em português quando comparado a lexia utilizada em espanhol.

Em português, a lexia “caramba” é, de acordo com o DH, marcada como informal e definida como uma interjeição que expressa diversos sentimentos, como admiração, surpresa e até mesmo ironia. Dessa maneira, notamos que o uso eufemístico da lexia “caramba” ocorre em detrimento do disfemismo “cojones” em espanhol, conforme o excerto abaixo.

Espanhol	Português
—¡Ole tus cojones ! ¿Ha oído, jefe? Esto es un país serio. En España no hay nada semejante. Allí sólo se defiende a los animales cuando los matan más brutalmente que de costumbre o cuando ellos nos matan tontamente	" Caramba , olé! Ouviu, chefe? Este é um país sério. Na Espanha não tem nada parecido. Ali só se defendem os animais quando os matam com mais brutalidade do que de costume ou quando eles nos matam estupidamente."

3.2. Esfera II – Motivações sociais de descortesia

Encontramos 43 ocorrências que se enquadram na esfera II. Entendemos que essas lexias estão incluídas nesta esfera devido ao seu caráter de insulto e xingamento dirigidos

a terceiros ou a determinado grupo. O objetivo desta motivação de uso é ofender, ferir a imagem do interlocutor. Por esse motivo, as ULTs englobadas nessa esfera compreendem desde insultos dirigidos a mãe, como “hijo de puta”, até comparações com animais considerados pejorativos, como “bestia”.

Nessa esfera é possível relacionar as escolhas tradutórias com os a escala de cortesia proposta por Leech (1983), abordada anteriormente. Em síntese, esse autor propõe três escalas com o objetivo de medir o grau de cortesia dos atos de fala e acreditamos que o primeiro item proposto seja adequado a essa esfera que trata da descortesia entre falantes. Esse item é denominado “custo – benefício” em que o maior benefício para o ouvinte está relacionado ao maior grau de cortesia e o maior custo está relacionado aos menores graus de cortesia. Portanto, em espanhol, que tratamos apenas dos disfemismos, sendo descorteses, há um maior custo para os falantes, porém o tradutor ao optar por um eufemismo, eleva, em relação ao português, essa escala para o maior benefício do falante. Custo e benefício são entendidos aqui na relação entre falantes.

A seguir apresentamos a tabela 6 que contém as informações relacionadas às ULTs encontradas, o número de ocorrências em cada uma delas, sua tradução em português e o número de eufemismos e disfemismos.

Tabela 6 – Unidade lexicais tabus pertencentes à esfera II

Esfera II				
Espanhol	Ocorrências	Português	Eufemismo	Disfemismo
Hijo(a)(s) de puta	7	Filho(a)(s)-da-puta	-	7
Put(a)(o)(s)	17	Put(a)(o)(s)	-	17
Maricón	2	Bicha	-	2
Mariquita	2	Aveadado/ Veado	-	2
Bujarrón	1	Enrustido	-	1
Bujarra (s)	6	Fanchão(ões)	-	6

		Gostar de comer homem/ Enrustido		
Bestia	1	Idiota	-	1
Guarro	1	Imundo	1	-
Cabrón	3	Safado/ Sacana	2	1
Cabrona	1	Filha-da-puta	-	1
Cabronazo	1	Filho-da-puta	-	1
Mala leche	1	Safado	-	1

Fonte: *corpus* MVM 4

Iniciamos nossa discussão com as ULTs que mais apresentaram ocorrências, “hijo(a)(s) de puta” e “puta(o)(s)”. Em ambos os casos, encontramos a tradução apenas por disfemismos, sendo traduzidos para o português como “filho(a)(s)-da-puta” e “puta(o)(s)”, respectivamente.

Em relação à ULT “hijo de puta”, encontramos nos dicionários DC e WR apenas uma proposta de equivalente para essa lexia, a opção “filho da puta” que, em ambos os casos, apresenta a marcação de vulgarismo. Em todas as ocorrências e traduções dessa lexia percebemos uma carga semântica pejorativa e com a intenção de ofender a imagem do outro, enquadrando-se, portanto, como disfemismos da esfera da descortesia.

Abaixo apresentamos três excertos em que o enunciador utiliza os disfemismos para insultar a terceiros. A descortesia se apresenta, portanto, quando o sujeito faz uso de formas estigmatizadas que ao serem dirigidas a determinadas pessoas têm como objetivo demonstrar sentimentos como desagrado e irritação.

Espanhol	Português
—¿Pero no ves que este hijo de puta nos está tomando el pelo, mientras su socio	"Mas você não está vendo que este filho-da-puta está gozando com a nossa cara, enquanto o sócio dele está com a coca?

está con la coca? La estará vendiendo o ya la habrá vendido.	Deve estar vendendo a muamba ou já a terá vendido."
--	---

Espanhol	Português
—¡ Hijos de puta! ¡No me habéis enterrado en tierra, tampoco lo conseguiréis en el mar!	" Filhos-da-puta! Vocês não me enterraram em terra, e também não vão conseguir me enterrar no mar!"

Espanhol	Português
—En cuanto tenga cobertura o pueda encontrar un teléfono humano, pienso llamar a esa hija de puta y dejarla como se merece.	"Quando o celular estiver de novo na área de cobertura ou quando eu conseguir encontrar um telefone de verdade, vou ligar para essa filha-da-puta e lhe dar o que ela merece."

A ULT “puta” apresentou resultados semelhantes com os apresentados anteriormente da lexia “hijo de puta”, em que todas as ocorrências foram traduzidas por “puta”. De acordo com a DLE, a lexia “puta” apresenta cinco acepções, todas consideradas malsonantes, ou seja, são consideradas ofensivas. A primeira acepção, a que mais se adequa ao contexto em que essas lexias ocorrem, é descrita como uma qualificação difamatória; a segunda seria o uso da lexia “puta” para elogiar ou exaltar algo; a terceira faz alusão à lexia “puto” que tem como objetivo enfatizar a ausência ou escassez de algo – essas duas acepções se enquadram na esfera IV – a quarta acepção como sinônimo de prostituta e a quinta como sinônimo de sodomita.

Nos dicionários em português, DH e DA, também encontramos essas acepções para designar a lexia “puta”, dessa maneira, entendemos que em ambas as línguas essa lexia é considerada um difemismo utilizado com a intenção de associar a imagem daquele que está sendo identificado a uma profissão culturalmente malvista.

É interessante notar que encontramos não apenas a lexia “puta” com referência a mulheres, mas em dois casos essas ULTs ocorreram para fazer alusão à figura masculina

também. E analisando o contexto em que ocorrem, percebemos que esses casos não estão incluídos na acepção número 3 da DLE, não são utilizados para enfatizar algo, mas sim para associar a imagem do homem a algo condenado socialmente, conforme notamos nos excertos a seguir.

Espanhol	Português
Ni tenían por qué hacerlo. En vano, rodearon varias veces el espacio donde se abrían los almacenes de sexo: ni rastro de Samuel, la violinista ni el violín, envarados por la sensación de que cualquiera que los observara podía pensar que estaban buscando putas o putos , que también los había en la doble gama de efebos rubios depilados y tártaros amostachados con la musculatura en ristre, volvieron finalmente al autocar.	Nem tinham por que fazê-lo. Em vão deram várias voltas pelo espaço dos negócios do sexo - nem rastro de Samuel, nem violinista nem violino – atordoados pela sensação de que qualquer um que os observasse poderia pensar que estavam procurando putas ou putos , que destes também havia, na dupla gama de efebos louros depilados e tártaros bigodudos com a musculatura em riste, e afinal voltaram para o ônibus.

Espanhol	Português
—¿Tú irías de putas , Biscuter? —Alguna vez voy, jefe. Qué le vamos a hacer. Débil es la carne y yo no voy como usted, de chico de la película.	"Você sairia com putas , Biscuter?" "Às vezes saio, chefe. Que se há de fazer? A carne é fraca e eu não tenho a sua cara, de galã de cinema."

Espanhol	Português
—Malaya y puta —informó el viejo mala leche que había vuelto sobre sus pasos como si fuera el demonio de la guardia del capitán Lauridsen	"Malaia e puta ", informou o velho safado, que voltara como se fosse o demônio da guarda do capitão Lauridsen.

A continuação, encontramos quatro ULTs que fazem alusão à homossexualidade de modo pejorativo, a saber: “maricón”, “mariquita”, “bujarrón” e “bujarra”. Encontramos apenas duas ULTs traduzidas de maneira eufemística, as outras duas foram traduzidas por disfemismos em português.

Em relação à lexia “maricón”, encontramos a marca de uso *despectivo* e *malsonante* no DLE, isto é, são consideradas de uso depreciativo. Além disso, o uso dessa lexia também é marcado como insulto e o DLE fornece apenas um sinônimo para essa lexia, “maricas”. Ao procurar em dicionários bilíngues, constatamos que, de acordo com o WR, “maricón” pode ser traduzido pelos equivalentes “bicha” ou “veado”, e se for empregado como sinônimo de covarde o equivalente sugerido é “maricas”, “mariquinha” ou “cagão”, em português. O DC também apresenta esses equivalentes com o acréscimo de uma lexia eufemística, “banana”, com a marcação de insulto.

A partir do contexto em que essa ULT ocorre, podemos inferir que o recurso disfemístico foi empregado, uma vez que a lexia “bicha” faz referência à homossexualidade, e ambas as lexias, em português “bicha” e em espanhol “maricón”, fazem referência à homossexualidade masculina de modo pejorativo, conforme podemos observar a seguir.

Espanhol	Português
—¿Era maricón el auriga de Delfos, jefe? —Mañana trataremos de averiguarlo.	"O auriga de Delfos era bicha , chefe?" "Amanhã tentaremos tirar isso a limpo."

Espanhol	Português
—El bosque de olivos sí es una maravilla equivalente a la estatua del auriga. —Pues, a mí, el muchacho, el auriga, no me ha parecido maricón , sino triste, y no puedo comprender el porqué de esa tristeza, ya que cuando hicieron la estatua	"O bosque de oliveiras, este sim, é que é uma maravilha equivalente à estátua do auriga." "Pois, para mim, esse rapaz, o auriga, não pareceu bicha , mas triste, e não consigo entender a razão da tristeza, já que quando fizeram a estátua tanto o carro como o

tanto el carro como el caballo, o los caballos, estaban al completo.	cavalo, ou os cavalos, estavam completos."
--	--

A ULT “mariquita” também se refere à homossexualidade como um insulto, neste caso, o DS define essa lexia como um adjetivo utilizado para qualificar um homem que tem movimentos e atitudes que são consideradas como femininas. Aparecem nessa acepção as marcações de uso familiar e depreciativo; no entanto, o DLE apenas oferece a marcação de coloquial e como explicação a de que seja um homem afeminado. Também não encontramos marcas de uso vulgares no WR, que apresenta a marca de familiar e como equivalente em português as lexias “mariquinhas” e “maricas”.

O tradutor optou por duas traduções diferentes em relação à ULT “mariquita”. Na primeira ocorrência, percebemos que sua escolha foi a lexia “aveadado” em português e, na segunda, sua opção foi “veado”. Ambas as lexias são difemísticas, dado que derivam do animal veado que, em português, é um adjetivo utilizado para insultar a imagem de homossexuais masculinos. O dicionário DH marca essas duas lexias como tabuísmos e como sinônimas de afeminado.

A seguir, notamos de que maneira, neste excerto, esse uso se caracteriza como difemístico em que o enunciador insulta e ataca a imagem construída de outro personagem com o uso dessas ULTs.

Espanhol	Português
—Pues las novelas de Sandokán eran malayas y bien malayas, aunque el autor fuera italiano. También transcurría en Malasia Lord Jim, de Conrad.	"Pois os romances de Sandokan eram malaio e bem malaio, embora o autor fosse italiano. Lord Jim, de Conrad também se passava na Malásia."
—De Conrad y de Peter O'Toole, aquel actor tan raro que tenía aspecto de mariquita , o al menos miraba y se movía como un mariquita .	"De Conrad e de Peter O'Toole, aquele ator tão estranho que tinha jeito aveadado , ou pelo menos olhava e se mexia que nem um veado ."

Por fim, encontramos as ULTs “bujarrón” e “bujarra”, ambas lexias têm sentido pejorativo ao referir-se aos homens homossexuais, assim como as duas citadas anteriormente. A lexia “bujarrón”, de acordo com a DLE, possui uma marcação de uso em contextos mais depreciativos e se refere a homens que sodomizam outros. Já a lexia “bujarra” não se encontra dicionarizada no DLE, porém encontra-se no DR com a marca de uso familiar e como sinônimo de bicha e frouxo.

Em relação à tradução, encontramos uma ocorrência de “bujarrón” e uma de “bujarra” traduzidos por “enrustido”. E notamos que essa lexia, em português, não possui a carga semântica pejorativa do espanhol, isto é, um equivalente que manteria o grau de vulgaridade em português seria “bicha” ou “veado”. O uso da lexia “enrustido” se configura, de acordo com o DH, como informal, e sua acepção faz alusão a um homossexual que não assume sua orientação sexual, com a intenção de ofender ou insultar. No entanto, essa lexia apesar de ser disfemística, não se configura como um equivalente direto a “bujarrón”. Abaixo apresentamos o excerto em que essas duas lexias são traduzidas por “enrustido”.

Espanhol	Português
Pareció argumento definitivo para todos los bujarras , menos para uno de ellos, que echó los brazos hacia adelante como para indicar la voluntad de Biscuter, escondido detrás de Antonio Cachas Negras, ahora ayudante de cocina y también él conocido bujarrón , pero obligado a ponerse al lado de su compañero de trabajos cotidianos.	Pareceu argumento definitivo para todos os enrustidos , menos para um deles, que jogou os braços para frente como para indicar o desejo por Biscuter, escondido atrás de Antonio Cachas Negras, agora ajudante de cozinha e, ele também, um conhecido enrustido , mas obrigado a ficar ao lado do colega de trabalho cotidiano.

A ULT “bujarra” foi traduzida de três maneiras distintas, a primeira, conforme citada anteriormente, com o disfemismo “enrustido”, em seguida como “fanchão” e por último com o enunciado “gostar de comer homem”. Essas duas últimas opções do tradutor podem ser consideradas disfemísticas, dado que “fanchão”, de acordo com o DH, é

considerado um pederasta/homossexual ativo e possui a marca de uso tabuísmo, o DA também marca essa lexia como chulo. A segunda tradução, “gostar de comer homem” é um enunciado explicitamente disfemístico, pois expõe o uso de lexias também disfemísticas o ato sexual, marcado por “comer”, e deixa claro que é praticado entre homens. A seguir apresentamos novamente uma ocorrência de “enrustido” e das duas traduções aqui discutidas.

Espanhol	Português
—¿Te has fijado tú en este tío? ¿Te quieres tirar a este pedazo de feto? ¿Tan necesitada tienes la polla que la vas a meter en eso? Follar es una cosa muy seria, muy seria, y no se puede convertir en una burla. ¿Qué dirán mañana de vosotros los compañeros? Se reirán mientras piensan: «Esos bujarras iban tan calientes que se tiraron hasta al sietemesino de la cocina». Y si sale al exterior, los que sois bujarras pero no maricones e incluso estáis casados y tenéis hijos. ¿Os imagináis cómo os consideraría la familia si alguien señala a Biscuter y dice: «Mirad, mirad, eso es lo que se folló tu padre, tu marido o tu hermano»?	"Está vendo bem esse cara? Você quer foder esse pedaço de feto? A sua pica está assim tão em jejum que você precisa metê-la nisso aí? Foder é uma coisa muito séria, muito séria, não pode virar galhofa, não. O que dirão amanhã de vocês os outros presos? Eles vão rolar de rir só de pensar: 'Esses enrustidos estavam com tanto tesão que enrabaram até o setemesinho da cozinha'. E se isso circula lá fora? Vocês, que gostam de comer homem mas não são veados, e são até casados e têm filhos. Já imaginaram como seriam vistos pela família se alguém apontar para Biscuter e disser: 'Olha lá, olha lá, esse aí é que foi enrabado pelo seu pai, pelo seu marido, ou pelo seu irmão?'

Espanhol	Português
De nada valían las argumentaciones sobre seguridad o sobre ética, por lo que uno de los espectadores, el más alto y transitorio	De nada valiam as argumentações sobre segurança ou sobre ética, e por isso um dos espectadores, o mais alto e transitório

jefe de cocina, se enfrentó al cabecilla bujarra y le señaló con un cierto desprecio el cuerpecillo fetoide de Biscuter.	chefe de cozinha, enfrentou o chefe dos fanchões e apontou com certo desprezo o corpinho fetóide de Biscuter.
---	--

Em nosso *corpus* MVM 4 também encontramos duas ULTs que fazem alusão a animais que são utilizados como insultos, a saber: “bestia” e “guarro”. De acordo com o DLE, a lexia “bestia” não possui marcação de tabuísmo; no entanto, o DS utiliza a marca de uso depreciativo na acepção em que define como “bestia” pessoas que são lentas ou pouco inteligentes. Podemos, em virtude dessa discrepância em relação as marcas de uso dos dicionários, questionar a motivação do falante ao utilizar essa lexia, dado que, no contexto em que ela ocorre, há a motivação de desqualificar as religiões e, conforme o excerto abaixo, percebemos que o uso é feito de modo a depreciar o todo, podendo ser qualificado como uma situação descortês.

Também percebemos que a ULT não foi traduzida pelo equivalente animal em português, sendo privilegiado pelo tradutor o difemismo “idiota”, que também tem como objetivo insultar, neste caso, uma ideologia.

Espanhol	Português
—Y se lo tragan, jefe. Es que esto de las religiones es muy bestia . —Todas. Y no te creas que son chorradas antiguas, nuestros curas van a canonizar o ya han canonizado al fundador del Opus Dei, que era un cabestro contemporáneo, a juzgar por lo que escribía, y que no hizo otro milagro que llenar los gobiernos de Franco de ministros del Opus apellidados López.	"E a gente tem que engolir isso, chefe. É que essa história das religiões é muito idiota ." "Todas. E não creia que são bobagens antigas, nossos padres vão canonizar ou já canonizaram o fundador do Opus Dei, que era um cabresto contemporâneo, a julgar pelo que escrevia, e que não fez outro milagre senão encher os governos de Franco de ministros do Opus que tinham o sobrenome de López."

A ULT “guarro” também não possui marcação de depreciativo, apenas de coloquial, segundo o DLE, porém o DS marca essa lexia como familiar, depreciativa e figurada, ainda de acordo com este dicionário, a acepção que se enquadra no contexto encontrado é a de uma pessoa que não cuida de sua higiene pessoal ou que gera asco. A lexia sugerida pelo DS é a unidade lexical equivalente que faz referência ao animal, isto é, “porco”.

Apesar disso, a opção do tradutor foi a lexia “imundo” que retoma a ideia de sujeira associada ao animal porco, mas que não se caracteriza como um difemismo, não há um vínculo pejorativo como a comparação a um animal. Neste excerto, portanto, entendemos que a lexia “imundo” tem um caráter eufemístico, conforme apresentamos a seguir.

Espanhol	Português
—Ya en tiempos de la Reconquista, mientras los conquistadores españoles iban hechos unos guarros , la población musulmana se lavaba todos los días —comento Goytisoló con un acento ligerísimamente francés y nadie se lo discutió.	"Já nos tempos da Reconquista, enquanto os conquistadores espanhóis andavam feito uns imundos , a população muçulmana lavava-se todos os dias", comentou Goytisoló com um sotaque ligeiramente francês e ninguém o contestou.

Encontramos três ULTs que fazem alusão a pessoas que causam aborrecimentos a outras, a saber: “cabrón”, “cabrona” e “cabronazo”. Tratando mais especificamente do contexto em que cada uma delas ocorre, percebemos que as ULTs “cabrón” e “cabrona” designam pessoas com diversos tipos de comportamento condenável. Os dicionários DLE e DS marcam as acepções que se adequam ao contexto em que essas lexias foram encontradas em nosso *corpus* MVM 4 como depreciativo e inadequado, essas acepções fazem referência a pessoas que fazem coisas erradas ou que incomodam a outras, que são mal caráter e que têm más intenções.

Nos excertos abaixo, notamos que a ULT “cabrón” foi traduzida por duas lexias diferentes, uma difemística “sacana” e uma eufemística “safado”. Entendemos que, de

acordo com o DH e o DA, a lexia “safado” em português possui em algumas acepções as marcas de uso de chulo, tabuísmo e pejorativo. No contexto em que essa ULT ocorre, notamos que as acepções que fazem referência a pessoas que praticam diversos atos sexuais não se adequa, a que corresponde melhor a situação é a que, segundo o DH, caracteriza pessoas que têm mau caráter, que ludibria ou aufere vantagens que caberiam a outros.

Espanhol	Português
—Mañana hay que marcharse cuanto antes. Ese cabrón despertará de su sueño solidario y mañana volverá a darse cuenta de que él es un fascista y nosotros no. Estos tíos son más peligrosos que las mangostas y las cobras juntas y sumadas. —Pero si estaba emocionado, el hombre.	"Amanhã temos que ir embora o quanto antes. Esse sacana acordará de seu sonho solidário e voltará a se dar conta de que é um fascista e nós não. Esses caras são mais perigosos do que os mangustos e as cobras juntas e somadas." "Mas como o homem estava emocionado."

No contexto em que “cabrón” foi traduzido pelo eufemismo “safado”, percebemos que essa lexia em português abarca as mesmas definições expostas acima, mas esse uso se caracteriza mais como uma maneira informal de se referir a este tipo de indivíduo, carecendo da carga semântica pejorativa presente nas unidades lexicais anteriores. Conforme o excerto abaixo, notamos a variação entre a lexia empregada acima.

Espanhol	Português
—Hay que subirse a alguna pendiente y esperar que este cabrón se anegue. Preparados para volcar. Es posible, pero prefiero volcar cuesta arriba.	"Temos de pegar uma ladeira e esperar que esse safado naufrague. Preparados para adernar. É possível, mas prefiro adernar numa subida."

A ULT “cabronazo” deriva das lexias expostas acima e, conforme o excerto que apresentaremos abaixo, é possível perceber que tem como objetivo ofender o sujeito a

quem se refere do mesmo modo que as anteriores. De acordo com Celadrán (1995), a pessoa que recebe o adjetivo de “cabronazo” é vista como pior que um “cabrón”, ou seja, é uma pessoa com más intenções que chega aos limites para alcançar seu objetivo.

Em relação à tradução dessa ULT, notamos que o tradutor optou por uma lexia também disfemística, “filho-da-puta” que também será sua escolha em relação à tradução da lexia “cabrona”.

Com base no contexto em que ocorrem e nas respectivas traduções, entendemos que essa lexia também insulta a imagem dos terceiros, de acordo com o DH, “filho da puta” faz alusão, de modo disfemístico, a um indivíduo traiçoeiro, desonesto e pouco confiável. A seguir, podemos perceber o âmbito em que essas traduções ocorrem.

Espanhol	Português
De este ensueño derivó la frustración a la vista de aquellos amontonados pedruscos que se habían tragado para siempre a la equívoca Helena, al incauto París, a la excesivamente trágica Andrómaca y a la sibila Casandra que siempre le había parecido una cabrona .	Esse sonho resultou em frustração ao ver aquelas pedras amontoadas que haviam engolido para sempre a equívoca Helena, o incauto Páris, a exageradamente trágica Andrômaca e a sibila Cassandra, que ele sempre achou uma filha-da-puta .

Espanhol	Português
Y así me encontré aquella mañana, siguiendo los pasos de un facha semijubilado, de no mucha nombradía, pero sin duda un cabronazo cuya muerte daría que hablar. Estudiamos el informe del comando de seguimiento.	E assim me encontrei naquela manhã seguindo os passos de um fascistóide semi-aposentado, não muito famoso, mas sem dúvida um filho-da-puta cuja morte daria o que falar. Estudamos o relatório do comando que o seguia.

Discutimos anteriormente a tradução do disfemismo “cabrón” por “safado”, essa tradução se repete quando analisamos a ULT “mala leche” em espanhol. De acordo com o DLE, essa lexia é considerada vulgar e possui duas acepções, a primeira se refere a uma

má intenção e a segundo ao mau humor. No contexto analisado, entendemos que “mala leche” foi utilizada como um adjetivo para caracterizar o velho que enuncia a frase, conforme veremos abaixo, assim a tradução pelo eufemismo “safado”, ameniza a carga semântica da lexia em português, dado que seu uso ocorre em um contexto mais informal.

Espanhol	Português
—No. Le debo dinero y se venga llevándose al niño. Es todo lo que me queda. Mi mujer nos dejó y está en Penang, es malaya.	"Não. Devo dinheiro a ele, que se vinga levando o menino. É tudo o que me resta. Minha mulher nos deixou e está em Penang. É malaia."
—Malaya y puta —informó el viejo mala leche que había vuelto sobre sus pasos como si fuera el demonio de la guardia del capitán Lauridsen.	"Malaia e puta", informou o velho safado , que voltara como se fosse o demônio da guarda do capitão Lauridsen.

3.3. Esfera III – Motivações sociais de anticortesia

Encontramos apenas uma ocorrência de uma ULT que se enquadra na esfera III. Essa esfera, diferentemente da esfera II, não tem como objetivo insultar e ofender terceiros ou a determinado grupo. Sua finalidade é demonstrar o pertencimento dos indivíduos a determinado grupo, através do uso de ULTs que, neste caso, apresentam um comportamento diferente, dado que ocorrem em contextos amistosos e carinhosos.

Tabela 7 – Unidade lexicais tabus pertencentes à esfera III

Esfera III				
Espanhol	Ocorrências	Português	Eufemismo	Disfemismo
Hijo de puta	1	Filho-da-puta	-	1

Fonte: *corpus* MVM 4

No excerto abaixo, encontramos duas ocorrências da ULT “hijo de puta”, ambas traduzidas por “filho-da-puta” em português; no entanto, apenas a segunda ocorrência se

enquadra na esfera III. Os dicionários DC e WR propõem como equivalente apenas a lexia “filho da puta” com a marcação de vulgarismo. Ambas as ocorrências têm uma carga semântica pejorativa, enquadrando-se como disfemismos.

Conforme exposto na esfera II, em relação à lexia “hijo de puta” como descortesia, observamos duas ocorrências da ULT “hijo de puta” traduzidas pelos disfemismos “filho-da-puta” em português. Discutimos anteriormente que a primeira ocorrência de “hijo de puta” pertence à esfera II, devido ao uso dessa lexia para insultar terceiros no contexto em que está inserida. A segunda ocorrência da lexia “filho-da-puta” pode ser classificada aqui como pertencente a terceira esfera, isto é, ao analisarmos o contexto, percebemos que o pronome nosso, indicado na fala do personagem, demonstra o pertencimento do indivíduo, caracterizado pela lexia “filho-da-puta”, a um determinado grupo. Por esse motivo, a segunda ocorrência do disfemismo “filho-da-puta” se configura como uma ULT que tem como finalidade demonstrar o pertencimento do indivíduo a determinado grupo.

Espanhol	Português
El norte es la realidad de la corrupción pactada, y todo lo demás, la escenificación de una convivencia con reyes y militares, sobre todo militares fácilmente enriquecidos. El Imperio norteamericano necesitaba aliados incondicionales, al precio que fuera. Una vez le dijeron a Roosevelt que su hombre fuerte en Nicaragua, el general Somoza, era un hijo de puta . «Sí —contestó Roosevelt—, pero es nuestro hijo de puta ».	O norte é a realidade da corrupção pactuada, e todo o resto é a encenação de uma convivência com reis e militares, sobretudo militares que enriqueceram facilmente. O Império americano precisava de aliados incondicionais, a qualquer preço. Uma vez disseram a Roosevelt que seu homem forte na Nicarágua, o general Somoza, era um filho-da-puta . 'É', Roosevelt respondeu, 'mas é um filho-da-puta nosso.'

3.4. Esfera IV – Motivações discursivas

Encontramos 29 ocorrências de ULTs que se enquadram na esfera IV. Essa esfera, diferentemente das anteriores, não tem como objetivo insultar e ofender terceiros ou a

determinado grupo, nem demonstrar pertencimento, afeto ou carinho. As ULTs que se inserem nessa esfera pode ser entendidas como recurso estilístico de ênfase ou intensificação, seja para expressar agrado ou desagrado. Em alguns casos, essas ULTs podem ocorrer como adjetivo, anteposto a um substantivo.

A seguir, apresentamos a tabela 8 que contém as informações relacionadas às ULTs encontradas, o número de ocorrências em cada uma delas, sua tradução em português e o número de eufemismos e disfemismos.

Tabela 8 – Unidade lexicais tabus pertencentes à esfera IV

Esfera IV				
Espanhol	Ocorrências	Português	Eufemismo	Disfemismo
Joder	2	Acabar/ Foder	1	1
Joderse	6	Desandar/ Foder-se/ Ferrar-se/ De saco cheio	4	2
Leche	2	Lero-lero/ Puta	1	1
Mala leche	2	Mau humor	2	-
Maricona	1	Mariquinha	1	-
Mariconada	1	Frescura	1	-
Mariconería	1	Veadagem	1	-
De puta madre	5	Do cacete/ Do caralho/ Puta que pariu	-	5
Putada	1	Sacanagem	-	1
Cojones	1	Porra	-	1
De (los) cojones	2	Do caralho/ Filha-da-puta	-	2

Tener cojones	1	Ter colhões	1	-
Cojonudo(a)(s)	4	Do caralho/ Porreta/ Legal/ Superlegal	3	1

Fonte: *corpus* MVM 4

Iniciamos nossa discussão da esfera IV com as ULTs “joder” e “joderse” que apresentaram 8 ocorrências no *corpus* MVM 4. Dessas ocorrências, 5 foram traduzidas por eufemismos e 3 continuaram como disfemismos na obra traduzida para o português. Percebemos que as traduções dessas ULTs apresentaram uma grande variação, cujas opções foram: “desandar”, “foder-se”, “acabar”, “foder”, “ferrar-se” e “de saco cheio”.

Na esfera I, discutimos a acepção da ULT “joder” que é utilizada como exclamação para demonstrar aborrecimento, irritação, entre outros sentimentos. No entanto, o uso dessas ULTs que integram a esfera IV é diferente, dado que, no contexto em que são utilizadas, têm como objetivo enfatizar a mensagem transmitida pelo falante ou enunciado, sem ofender ou insultar outros indivíduos. O DLE propõe 7 acepções para a lexia “joder”, dessas as que se enquadram nessa esfera são: irritar-se, machucar-se, incomodar ou chatear alguém, destruir ou arruinar algo. Todas essas acepções do DLE são marcadas como malsoantes, ou seja, são consideradas de uso ofensivo.

Abaixo apresentamos os dois excertos em que a ULT “joder” foi traduzida por disfemismos. No primeiro excerto, entendemos que o verbo pronominal “joderse” foi utilizado duas vezes seguidas para enfatizar a ação, isto é, a repetição dá ênfase ao que acontecerá ao sujeito caso opte pela alternativa apresentada, ao ser traduzido, o tradutor elegeu marcar apenas uma vez o “joderse”, com o verbo em português “foder-se”, que, segundo o DH, é sinônimo de desgraçar(-se), arruinar(-se), mas não tem como marca de uso o tabuísmo, apenas é apresentado como um regionalismo. O mesmo ocorre com o DA, que oferece apenas a marcação de brasileirismo para a acepção de sair-se muito mal, com relação a qualquer intento, e levar ao diabo, danar-se; no entanto, entendemos que o verbo “foder-se” tem uma carga semântica pejorativa, apesar de, nesse contexto, não ser utilizado explicitamente como referência ao ato sexual.

No segundo excerto, encontramos novamente a repetição do verbo “joder” utilizado como ênfase; no entanto, nesse caso, o tradutor optou por um eufemismo e um disfemismo, respectivamente. O verbo “foder”, entendido como um disfemismo, foi utilizado com a mesma acepção discutida no excerto anterior, como sinônimo de desgraçar, arruinar. Entendemos que a tradução da primeira ocorrência por “acabar” nos auxilia a perceber a diferença do uso do disfemismos e eufemismos, dado que o tradutor utilizou um sinônimo, em português, que também possui a acepção, de acordo com o DH, de arruinar e destruir, mas que não apresenta nenhum traço pejorativo.

Espanhol	Português
En medio del Pacífico puedes salvarte si participas en una regata y hay un servicio de seguridad, pero si vas por lo libre te jodes y te jodes , o te pones a prueba a ti mismo como el náufrago más rodeado de agua de este mundo.	No meio do Pacífico você consegue se salvar se participa de uma regata e há um serviço de segurança, mas se veleja por conta própria você se fode pra valer, ou se põe à prova como o náufrago mais cercado de água deste mundo.

Espanhol	Português
Es recomendable, además, que en los escabeches de pescados blancos haya algo de tomate y corteza, o incluso alguna rodaja de naranja, siempre y cuando esos guisos no se produzcan en ambientes como el nuestro, donde las humedades y los cambios de clima pueden joderlos , joderlos , tal como suena, pudrir o corromper parcialmente el tomate o cualquier otro fruto aderezador.	É recomendável, além disso, que nos escabeches de peixes brancos haja um pouquinho de tomate e a casca, ou até uma fatia de laranja, sempre que essas preparações não sejam feitas em ambientes como o nosso, onde a umidade e as mudanças de clima podem acabar com elas , foder com elas , isso mesmo, apodrecer ou estragar parcialmente o tomate ou qualquer outra fruta que as condimente.

Além do eufemismo encontrado no excerto acima, essa esfera apresentou mais 3 ocorrências de lexias utilizadas para atenuar a carga semântica pejorativa dos disfemismos em espanhol. No excerto abaixo, entendemos que novamente houve a repetição do verbo “joder” para indicar ênfase e que ambas as ocorrências foram traduzidas pelo eufemismo “ferrar-se”, que segundo o DA, é marcado como um brasileirismo na acepção que tem como sinônimo sair-se mal, fracassar, levar ferro.

Espanhol	Português
Primero fue la llamada aristocracia obrera la que se quedó sin bife y sin casa, y ahora son las capas medias las que se joden , gallego, las que se joden a veces sin merecerlo, pero muchos de ellos se tragarón la lengua cuando la dictadura nos estaba machacando y ahora están pagando las consecuencias	Primeiro foi a chamada aristocracia operária que ficou sem carne e sem casa, e agora, galego, é a classe média que se ferra , que se ferra às vezes sem merecer, se bem que muitos engoliram a língua quando a ditadura estava nos massacrando e agora pagam o pato.

Nos últimos dois excertos da ULT “joder”, encontramos o verbo pronominal “joderse” traduzido por “desandar” e “estar de saco cheio”. Entendemos que, nesses casos, o falante tem como objetivo explicar, de modo acentuado, resultados ruins, nos contextos em que ocorre. No primeiro excerto, a opção pelo eufemismo “desandar” focaliza um estado de decadência, o uso dessa lexia, em português, é mais específico que os encontrados anteriormente.

No segundo excerto, temos a lexia “de saco cheio”, que também pode ser considerada um eufemismo, apesar da lexia “saco” fazer referência a anatomia masculina, dado que entendemos que houve a dessemantização da lexia “saco”, isto é, da perda da carga semântica vulgar dessa lexia. De acordo com o DH, a lexia “saco” é marcada como regionalismo e tem como acepção os sinônimos: enfastiado, amolado, aborrecido, ao fazer referência ao órgão sexual masculino. Acreditamos que esse processo seja importante, pois atenua a ULT do original

Espanhol	Português
—Ahí está la cuestión. En cuanto intervienen los dioses, las cosas se joden . Estuvieron a punto de estropear el vino o la cerveza, por eso yo prefiero las bebidas creadas por los barmans, los cócteles son las auténticas bebidas humanas, y fíjate que ningún dios se ha atribuido un milagro a costa del dry martini o del singapur sling que tomaremos en el hotel Raffles de Singapur en el transcurso de nuestra vuelta al mundo. En cambio, en algún momento del linaje de los vinos o las cervezas intervinieron los dioses, incluso para favorecer incestos, como consta en la tradición judeocristiana, episodios que yo siempre he considerado como un remoto precedente del cine porno.	"Aí é que são elas. Quando os deuses intervêm, as coisas desandam . Estiveram prestes a estropiar o vinho e a cerveja, por isso prefiro as bebidas criadas pelos barmen; os coquetéis são as autênticas bebidas humanas, e, veja bem, nenhum deus se atribuiu um milagre à custa do dry martini ou do singapur sling que tomaremos no hotel Raffles de Singapura durante a nossa volta ao mundo. Em compensação, em algum momento da linhagem dos vinhos ou das cervejas os deuses intervieram, até para favorecer incestos, como consta da tradição judaico-cristã, episódios que sempre considereirei como um precedente remoto do cinema pornô."

Espanhol	Português
Los he visto callejear por Ciudad del Este y he dudado en identificarme, pero me jode no recuperar parte de mi historia, y aquí me siento como desterrado. Los hombres del capitán no hemos tenido suerte. El gordo se quedó en este puente con el corazón roto.	Vi-os perambulando por Ciudad del Este e fiquei na dúvida de me apresentar, mas estou de saco cheio de não poder recuperar parte de minha história, e aqui me sinto como que um desterrado. Nós, os homens do capitão, não tivemos sorte. O gordo terminou nesta ponte, com o coração arreventado.

Nessa esfera também encontramos 2 ULTs que foram traduzidas apenas por eufemismos, “leche” e “mala leche”. De acordo com o DUE, a lexia “leche” tem como

marcação de vulgar as acepções que fazem referência ao sêmen, a tapas ou bofetadas e, aquela que nos interessa nesse contexto, coisas chatas ou incômodas. Os próximos excertos demonstram que os sujeitos já estão cansados e incomodados e utilizam a lexia “leche” para enfatizar e demonstrar sua opinião. Em português, essa lexia apresentou duas traduções distintas, “lero-lero” e “puta”, respectivamente.

O dicionário WR, propõe como tradução de “leche”, os disfemismos “cacete” e “porra” que se adequariam ao contexto do segundo excerto; no entanto, não encontramos nos dicionários bilíngues consultados uma acepção que se adequasse ao contexto do primeiro excerto. Entendemos que o eufemismo “lero-lero” seja um equivalente, dado que, segundo o DH, essa lexia faz referência à conversa vazia, inútil, vã. E, na segunda ocorrência, o tradutor optou por traduzir “leche” por “puta”, um adjetivo disfemístico que manteve a carga semântica vulgar do espanhol.

Espanhol	Português
—Joder, joder, joder. Pues parece moneda, cómo diría yo, más europea, menos zarrapastrosa. Pero dejémonos de leches , camaradas, vayamos al tajo. ¿Queréis ver el barco? Os enseñaré primero el mar y luego el barco.	"Porra, porra, porra. Pois parece moeda, como eu diria, mais europeia, menos maltrapilha. Mas chega de lero-lero camaradas, vamos ao que interessa. Querem ver o barco? Primeiro vou mostrar o mar e depois o barco."

Espanhol	Português
—Pero qué momia, hombre. Cómo se puede llamar momia a algo que te permite hacer una zurrkutuna, un pil-pil, un ajoarriero, a la vizcaína. Leche , pues vaya momia.	"Mas que múmia nada, homem! Como se pode chamar de múmia uma coisa que permite a você fazer uma zurrkutuna, um pil-pil, um ajoarriero, um à moda biscainha. Pois então, que puta múmia."

A lexia complexa “mala leche” aparece em nossa análise situada em duas esferas diferentes. Inicialmente, na esfera II, por se tratar de seu uso pejorativo como insulto, com

matiz vulgar, que denota má intenção do indivíduo em determinada situação. Novamente aparece agora, desta vez situada na esfera IV, retomando a acepção sem carga vulgar, mas que denota um estado anímico (mau humor). De acordo com Celadrán (1995), essa acepção da lexia faz referência a uma pessoa que está constantemente de mau humor, mas também são acionados os sentidos de uma pessoa mal-intencionada. Nessa acepção, a DLE, emprega a marca de uso vulgar e propõe o sinônimo “mau humor” em espanhol.

Para o português, os dicionários DS e DC sugerem o equivalente “mau humor”, não encontramos um equivalente disfemístico nos dicionários bilíngues pesquisados. Assim, entendemos que os disfemismos espanhóis foram traduzidos por lexias eufemísticas, dado que a carga semântica pejorativa encontrada no original não foi transmitida para o português, conforme podemos observar nos excertos a seguir.

Espanhol	Português
Una hora de moto los había descoyuntado, pero se tenían una sesión más larga, por lo que cuando el artefacto se detuvo en la desembocadura del camino en algo que pretendía ser una carretera y vieron cómo los esperaba un escaso y viejo autocar en el que permanecían unas veinte personas, quietas como muñecos de cartón recortados para una escenografía entre lo infantil y lo horroroso. Le pareció infantil a Carvalho, horrorosa a Biscuter, cuya mala leche había crecido desde los sótanos del sidecar, donde lo habían sepultado.	Uma hora de moto os deixara desconjuntados, mas tinham uma sessão mais longa; foi quando pararam no ponto em que o caminho desembocava em algo que pretendia ser uma estrada e viram que os esperava um acanhado e velho ônibus no qual havia umas vinte pessoas, quietas como bonecos de papelão recortados para uma cenografia entre a infantil e a horrorosa. Infantil segundo Carvalho, horrorosa segundo Biscuter, cujo mau humor tinha aumentado ali nos porões do sidecar, onde o haviam sepultado.

Espanhol	Português
----------	-----------

Mucho era su sueño, y a él atribuyó la mala leche con la que contemplaba los recuerdos, las personas y las cosas, y consiguió dormir hasta Valencia con sobresaltos a cada parada, la más larga dedicada a que el personal hiciera sus necesidades en una gasolinera y completara su alimentación con lo que quedaba de la tapería del mediodía.	Sentia muito sono, ao qual atribuiu o mau humor com que contemplava as lembranças, as pessoas e as coisas, e conseguiu dormir até Valência, com sobressaltos a cada parada, sendo a mais longa prevista para que os viajantes fizessem suas necessidades num posto de gasolina e completassem a alimentação com o que sobrava das tapas da hora do almoço.
---	---

Discutimos as acepções da ULT “maricón” na esfera II, que foi empregada em um contexto que tinha como objetivo ofender outros indivíduos ao fazer referência à homossexualidade de modo pejorativo. No caso da esfera IV, essa ULT foi utilizada como adjetivo para enfatizar como um personagem descrevia determinado objeto. E, assim como na esfera II, “maricona” é considerado um disfemismo, dado que seu uso objetiva qualificar negativamente o objeto.

Para o português, essa lexia foi traduzida por “mariquinhas”. Entendemos que essa lexia é um disfemismo, dado que trata da homossexualidade de maneira depreciativa, assim como “maricona”. No excerto abaixo, notamos o contexto em que esse uso ocorre e sua finalidade de qualificar e evidenciar o objeto em questão.

Espanhol	Português
Ya en la habitación apagaron la luz, buscó Carvalho la «pistola maricona », como la calificaba Biscuter, y la puso bajo la almohada. Su compañero no leía esa noche. Respiraba despacito, tal vez para no hacer ruido o porque no le cabía demasiado aire en sus pequeños	Já no quarto, apagaram a luz, Carvalho pegou a "pistola mariquinhas ", como Biscuter a qualificava, e a colocou debaixo do travesseiro. Nessa noite, seu amigo não estava lendo. Respirava devagarinho, talvez para não fazer barulho ou porque não cabia muito ar em seus pulmões

pulmones. Con los ojos muy abiertos clavados en el techo, perseguía la lógica de lo que estaba ocurriendo y no la hallaba.	pequeninos. De olhos arregalados e fixos no teto, perseguia a lógica do que estava acontecendo e não encontrava.
--	--

Nessa esfera, também encontramos ocorrências de “mariconada” e “mariconería”. Ambas as lexias são disfemismos em espanhol e, de acordo com o DUE, são consideradas vulgares e fazem referência a maneira de portar-se de um homossexual visto de modo pejorativo. Além dessa acepção, o DUE, também apresenta uma acepção de “mariconada” para coisas sem importância, bobagens.

Acreditamos que essa segunda acepção é a que melhor se enquadra no contexto em que a ULT “mariconada” ocorre, dado que, conforme podemos observar abaixo, o falante está se referindo a uma situação em que preza pela simplicidade. O WR propõe três acepções diferentes para “mariconada” e sugere como equivalentes as lexias “bichice”, “veadagem”, sem nenhuma referência; em relação à acepção de bobagem, o equivalente “besteira”; e em relação a travessuras, as lexias “maldade” e “sacanagem”. Entendemos que a lexia em português “frescura” seja um eufemismo, visto que em português não faz alusão de modo depreciativo a homossexualidade.

Espanhol	Português
—¿No se pone mantequilla o crema de leche? —Primero quiero saber si el caviar es suficientemente bueno como para no acompañarlo con mariconadas . Supongo que habrá sido comprado en el mercado negro.	"Não se põe manteiga ou creme de leite?" "Primeiro quero saber se o caviar é bom o suficiente para não acompanhá-lo com frescuras . Imagino que terá sido comprado no mercado negro."

Em relação à ULT “mariconería”, entendemos que a acepção exposta anteriormente se adequa ao contexto em que essa ULT ocorre. Para essa acepção, o WR propõe os equivalentes “bichice” e “veadagem” com a marca de vulgar. Percebemos que

o tradutor optou pela lexia “veadagem” nesse contexto, mantendo, dessa maneira, um disfemismo em português. O DH define essa lexia como um comportamento ou trejeito chamativo que se atribuiu aos homossexuais masculinos, e marca essa acepção com tabuísmo. A seguir temos o excerto em que essa ULT ocorre.

Espanhol	Português
—En cuanto tenga el dinero, a tomar por culo el camión. Esto no es vida. Que los conduzcan los moros. Mucho toreo y mucha mariconería , pero aquí quisiera yo verlos.	"Quando tiver o dinheiro, mando o caminhão ir tomar no cu. Isto não é vida. Que os árabes os dirijam. Muita tourada e muita veadagem , mas só queria vê-los aqui."

Encontramos 5 ocorrências da ULT “de puta madre”, todas essas ocorrências foram traduzidas por disfemismos em português, a saber: “do cacete”, “do caralho” e “puta que pariu”. Segundo o DUE, essa é uma expressão ponderativa que significa “muito bem” ou “muito bom”, o DLE também considera essa locução como vulgar. Baseado nos excertos apresentados abaixo, entendemos que essa lexia enfatiza, intensifica a situação em que ocorre, e percebemos o uso de uma lexia disfemística com uma conotação positiva.

De acordo com o WR, a ULT “de puta madre” em espanhol tem como equivalentes em português as lexias “de lenhar”, “do cacete” e “de foder”; no entanto, notamos que, nesse caso, o tradutor optou pelas lexias “puta que pariu”, “do cacete” e “do caralho”. Assim como as acepções “do cacete” e “de foder”, as traduções “puta que pariu” e “do caralho” são disfemismos, dado que essas lexias têm uma carga semântica pejorativa, apesar de, nesse contexto, desempenhar um papel que intensifica positivamente o enunciado.

Nos excertos a seguir, é possível comparar como as diferentes traduções disfemísticas atingem o objetivo de intensificar o enunciado. No primeiro excerto, entendemos que o tradutor complementou a expressividade de “puta que pariu” com o uso da exclamação que não estava presente no excerto em espanhol.

Espanhol	Português
No quiso seguir la confesión de vida y obra y volvió a plantear la necesidad de ir a Patmos. Significaba quemar un día, reflexionó Biscuter, pero estuvo de acuerdo en hacerlo siempre que aprovecharan la tarde en Efeso, que tenía «unas ruinas romanas de puta madre , porque todo esto era griego y romano, jefe, hasta que llegaron los turcos desde las estepas del Asia central».	Não quis continuar a confissão de vida e obra e voltou a falar da necessidade de irem a Patmos. Significava perder um dia, Biscuter refletiu, mas concordou em ir, desde que aproveitassem a tarde em Éfeso, que tinha "umas ruínas romanas que puta que pariu! , porque tudo isso era grego e romano, chefe, até que chegaram os turcos vindos das estepes da Ásia-central".

Espanhol	Português
—Realmente, jefe, sería de puta madre y barato.	"Realmente, chefe, seria do cacete , e baratinho."

Espanhol	Português
El barco está anclado un poco lejos, en Akuna Bay, y nos movemos en una bahía múltiple, muy honda y llena de calas y playas de puta madre .	O barco está ancorado meio longe, em Akuna Bay, e vamos andar por uma baía múltipla, muito funda e cheia de enseadas e umas praias do caralho .

Também encontramos uma ocorrência da ULT “putada”, de acordo com o DLE, essa ULT é considerada malsoante, e essa acepção é utilizada em situações que se tem a intenção de prejudicar alguém. Conforme podemos observar no excerto abaixo, trata-se de uma situação em que o falante desaprova e enfatiza seu desagrado com os procedimentos para se atingir algo ou alguém.

Em português, a ULT “putada” foi traduzida por “sacanagem”, que também é um disfemismo, visto que seu uso é marcado como tabuísmo pelo DH e a acepção que se enquadra nesse contexto é a de ato praticado contra alguém, variando entre gracejo e ludibrio. A seguir, podemos observar o contexto em que essa ULT ocorre.

Espanhol	Português
—Yo no soy cristiano. Ese principio es de Kempis y resume el oscurantismo de la religiosidad basada en el crédito absoluto concedido al sentido biohistórico de los dioses. Para mí, que la vida sea dolor es una prueba de la inexistencia de los dioses. Incluso el caviar es una prueba de la inexistencia de un dios creador. Es una putada que tengas que deshuevar a un pobre pez para comer como Dios.	"Não sou cristão. Esse princípio é de Kempis e resume o obscurantismo da religiosidade baseada no crédito absoluto concedido ao sentido bio-histórico dos deuses. Para mim, que a vida seja dor é uma prova da inexistência dos deuses. Até o caviar é uma prova da inexistência de um deus criador. É uma sacanagem que você tenha de desovar um pobre peixe para comer como Deus."

As ULTs derivadas de “cojón” apresentaram uma grande ocorrência na esfera IV, encontramos 4 derivados, a saber: “cojones”, “de (los) cojones”, “tener cojones” e “cojonudo”. Dessas ocorrências, encontramos 3 eufemismos, todas as outras ULTs foram traduzidas por disfemismos em português. Conforme discutido brevemente na esfera I, essa lexia é marcada como vulgarismo, pelo DUE, e faz alusão ao órgão sexual masculino, também podendo ser associada a um símbolo da masculinidade.

Assim como na esfera I, encontramos uma ocorrência de “cojones” que se caracteriza por ser uma interjeição disfemística utilizada para expressar aborrecimento; no entanto, no contexto em que essa ULT foi encontrada, entendemos que enfatiza o desagrado do falante. Em português, essa ULT foi traduzida pela unidade lexical “porra”, que também é um disfemismo que remete ao órgão sexual masculino e pode ser utilizada como expressão de surpresa, espanto, dor ou aborrecimento, de acordo com o DH. A seguir, podemos observar o contexto em que ocorre e o papel das ULTs “cojones” e “porra” em intensificar a mensagem passada pelo falante.

Espanhol	Português
—Si no habéis estado en Valparaíso, os gustará mucho, eso espero, porque a mí me entusiasma, sobre todo ese aire que tiene de potente, muy potente ciudad marinera venida a menos y no ahora, sino hace casi un siglo. Hasta la construcción del canal de Panamá no había más cojones que pasar del Atlántico al Pacífico por el cabo de Hornos y detenerse en Valparaíso, y así lo hicieron desde mi paisano Elcano hasta cualquier transatlántico anterior a 1912.	Se vocês nunca estiveram em Valparaíso, vão adorar, é o que espero, porque sou um entusiasta, sobretudo daquele jeito que tem de potente, potentíssima cidade marítima decadente, e não hoje, mas já há quase um século. Até a construção do canal do Panamá não havia porra nenhuma, o jeito era passar do Atlântico para o Pacífico pelo cabo Horn e em Valparaíso, e assim fizeram desde meu conterrâneo Elcano até qualquer transatlântico anterior a 1912.

Continuamos com a análise da ULT “de (los) cojones” que apresentou duas ocorrências e duas traduções distintas para o português. Essa é, de acordo com o DUE, uma locução utilizada de modo depreciativo em referência a alguém ou a algo que gera sentimentos de desgosto e aborrecimento.

Nos excertos abaixo, observamos que essa ULT foi traduzida por “do caralho” e “filha-da-puta”, entendemos que ambas as traduções são disfemísticas, dado que são consideradas tabuísmo; no entanto, apresentam conotações diferentes, no primeiro excerto, percebemos que o contexto em que essa ULT ocorre não é utilizado de modo pejorativo ou com a intenção de insultar ou depreciar algo, mas sim para acentuar o conteúdo da mensagem de maneira positiva. Divergindo da acepção que encontramos no DUE. O dicionário WR apresenta a ULT “de cojones” em espanhol com os equivalentes “do caralho”, “do cacete”, “demais” para a acepção que tem como objetivo qualificar um substantivo. Entendemos que essa é a acepção que melhor se enquadra no contexto do primeiro excerto, essa qualificação positiva, conforme observamos abaixo.

Espanhol	Português
—Y es que es de cojones , jefe, que una calle tan canija y pequeña la puedan convertir en una de las más famosas del mundo. ¡Qué colores tan bonitos!	"É que é do caralho , chefe, que uma rua tão mixuruca e pequenininha possa ter virado uma das mais famosas do mundo. Que cores tão bonitas!"

Neste segundo excerto, encontramos um contexto que se adequa a acepção apresentada pelo DUE, visto que a lexia é empregada de maneira depreciativa, com o uso do disfemismo “filha-da-puta”, para referir-se a alguém, neste contexto, que gera sentimentos de desagrado e aborrecimento no falante.

Espanhol	Português
—Ha sido cosa de esa bruja!	"Foi coisa daquela bruxa!"
—¿De qué bruja?	"De que bruxa?"
—De la Malena de los cojones . Yo no acordé nada con policía alguno. Me limite a dejarle la nota en el hotel en cuanto resolví lo de la documentación de la FAO. ¡Qué pendiente tan chulo! ¿Por qué se ha puesto ese pendiente? ¿Es una promesa o es para sentirse moderno?	"Da Malena filha-da-puta . Não combinei nada com policial nenhum. Limitei-me a deixar-lhe o bilhete no hotel enquanto tratava da documentação da FAO. Que gracinha de brinco! Por que pôs este brinco? É promessa ou é para se sentir moderno?"

No início da análise dos derivados de “cojón”, citamos que uma das acepções dessa ULT faz alusão a masculinidade como símbolo de vitalidade. No excerto a seguir, encontramos uma ocorrência em que essa acepção é a adequada, no caso, tratamos da ULT “tener cojones”. O WR apresenta essa acepção com a marca de vulgar e propõe os equivalentes em português “colhões” e “peito” quando se refere a situações que necessitam coragem ou denotam valor. Entendemos que a tradução “ter colhões” é um eufemismo, pois a carga semântica de “colhões”, apesar de ter como marca de uso chulo no dicionário DA, é atenuada, conforme podemos observar a seguir.

Espanhol	Português
—Muy probablemente. —Pues con los moros pasa lo mismo. Ya se han apoderado de Francia y ahora se vienen a España. No te jode. Chiquito de Agadir. Hay que tener cojones y cara dura. Carvalho le había ofrecido material para monólogo hasta Barcelona, y allí dejó de hablar, porque empezó a dormirse a ráfagas, interrupciones de la conducción que el camión asumía yéndose unas veces hacia la cuneta de la derecha, y otras hacia el carril de la izquierda, del que era expulsado por las bocinas de los automóviles que trataban de adelantarlos.	"Muito provavelmente." "Pois com os árabes é a mesma coisa. Já tomaram conta da França e agora vêm para a Espanha. Porra. Chiquito de Agadir. Tem que ter colhão e ser o maior cara-de-pau." Carvalho tinha lhe oferecido material para um monólogo até Barcelona, e então parou de falar, porque começou a dormir, aos pedaços, com interrupções quando o caminhão ia ora para perto do acostamento da direita, ora para a pista da esquerda, da qual era expulso pelas buzinas dos automóveis que tentavam ultrapassá-lo."

A última dessas ULTs é o disfemismo “cojonudo”, essa ULT, segundo o DLE, é considerada malsonante, seu emprego ocorre para qualificar algo ou alguém como estupendo, magnífico e excelente, é utilizado em construções positivas. Encontramos 4 traduções diferentes para essa lexia, um disfemismo, “do caralho”, e três eufemismos, “porreta”, “legal” e “superlegal”. Assim, percebemos que todas essas lexias têm como traço em comum enfatizar de modo positivo aquilo que segue. O dicionário WR apresenta uma nota na entrada dessa lexia que explica que “a palavra cojonudo (a) se usa com muita frequência no espanhol coloquial e perdeu um pouco sua vulgaridade, no entanto, isto não acontece em português.” E como equivalentes sugere o disfemismo “de foder” e o eufemismo “demais”.

A seguir, podemos observar a ocorrência do disfemismo “do caralho” que, de acordo com o DH, tem como marca de uso tabuísmo e é considerada uma expressão para demonstrar admiração e entusiasmo, mantendo, assim, o mesmo traço da ULT em espanhol que denota algo positivo, conforme observamos abaixo.

Espanhol	Português
Estudiamos el informe del comando de seguimiento. Me puse mi calzado deportivo nuevo, unas Adidas cojonudas con las que caminaba como sobre muelles, me metí la pistola en el bolsillo de la gabardina y me pegué al tío en el momento en que salía de la croissanterie de todas las mañanas.	Estudamos o relatório do comando que o seguia. Calcei meu tênis novo, um Adidas do caralho , parecia que eu andava sobre molas, enfiei a pistola no bolso da gabardine e peguei o cara na hora em que saía da croissanterie aonde ia toda manhã.

Em relação às três ocorrências de eufemismos, encontramos “porreta”, “legal” e “superlegal”. Conforme discutido acima, a ULT “cojonudo” intensifica e enfatiza a mensagem que o falante quer passar, nesses três casos, percebemos que os eufemismos, em graus diferentes, são empregados para demonstrar coisas boas, de modo agradável, conforme observamos nos excertos seguintes.

Espanhol	Português
—Lo cojonudo sería pasar unos días en el desierto, jefe, antes de mi imprescindible viaje a Ouarzazate. Lo necesito, por higiene mental. En cuanto nos dejen los del Polisario, ya en Marruecos. En el desierto las fronteras no existen.	" Legal mesmo seria passar uns dias no deserto, chefe, antes da minha imprescindível viagem a Ouarzazate. Eu preciso disso, para higiene mental. Quando os caras do Polisário no!"deixarem, já no Marrocos. No deserto não existem fronteiras."

Espanhol	Português
Especialmente cojonuda la dorsal montañosa que marca el paso del Pacífico occidental al oriental, porque todos los años se ensancha unos dieciséis	Porreta mesmo é a dorsal oceânica que marca a passagem do Pacífico ocidental para o oriental, porque todo ano ela se alarga uns dezesseis centímetros e é do

centímetros y es la hostia, ya tiene cuatro kilómetros de ancho.	caralho, já tem quatro quilômetros de largura.
--	--

Espanhol	Português
—Por el dinero no se preocupe. Sería cojonudo que nos vistiéramos de moros, de jeques árabes, no de árabes de alpargata, porque los tratan muy mal en todas partes. Yo tengo mis ahorros.	"Com dinheiro, não se preocupe. Seria superlegal nos vestirmos de árabes, de xeques árabes, não de árabes de alpargatas, porque esses aí são muito maltratados em qualquer canto. Eu tenho minhas economias."

3.5. Esfera V – Motivações biológicas

Encontramos 36 ocorrências de ULTs que se enquadram na esfera V. Essa motivação de uso engloba as ULTs que fazem alusão a atividades fisiológicas e biológicas dos seres humanos, isto é, nessa esfera, enquadram-se as ULTs relativas a partes do corpo humano, seja ele feminino ou masculino, também estão inclusos os excrementos, os fluidos corporais e as atividades sexuais.

A seguir, apresentamos a tabela 9 que contém as informações relacionadas às ULTs encontradas, o número de ocorrências em cada uma delas, sua tradução em português e o número de eufemismos e disfemismos.

Tabela 9 – Unidade lexicais tabus pertencentes à esfera V

Esfera V				
Espanhol	Ocorrências	Português	Eufemismo	Disfemismo
Paquete	1	Pacote	1	-
Polla	1	Pica	-	1
Picha	2	Pica	-	2
Verga	1	Pau	-	1
Paja	1	Punheta	-	1

Follar	7	Foder/ Enrabar	-	7
Tirarse	3	Foder/ Enrabar/ Tregar	-	3
Mear	3	Mijar	-	3
Mierda	13	Merda	-	13
Cagar	4	Cagar	-	4

Fonte: *corpus* MVM 4

Em nossa análise, a maioria das ULTs encontradas faz referência ao órgão sexual masculino, constatamos que essas ULTs, em sua maioria, foram traduzidas por disfemismos em português e que, apesar de as partes do corpo serem usualmente um tabu, foram poucas as atenuações em relação ao uso desse léxico. As ULTs encontradas no *corpus* MVM 4 com referência ao órgão sexual masculino foram: “paquete”, “polla”, “verga” e “picha”.

Iniciamos nossa discussão com a única ULT que sofreu atenuação em português, “paquete”. De acordo com o DUE, essa é uma lexia marcada como “vulgar” que faz referência ao órgão sexual masculino. E, conforme podemos observar no excerto a seguir, apesar do tradutor não utilizar um disfemismo, é possível compreender o contexto sexual em que a lexia “pacote” está inserida devido a lexia seguinte “sexual” que esclarece o âmbito em que esse trecho ocorre. Assim, entendemos que, em português, o tradutor optou pela tradução literal propondo o equivalente “pacote” que não possui conotação vulgar e tampouco se relaciona com os órgãos sexuais.

Espanhol	Português
La tenía pegada a su cuerpo. Ella lo besó y le metió la lengua en la boca como si le estuviera pidiendo asilo político o profesional y con una mano se apoderó del	Segurou-a pegada a seu corpo. Ela o beijou e enfiou a língua em sua boca como se estivesse lhe pedindo asilo político ou profissional, e com a mão se apoderou do

paquete sexual de Carvalho, lo apretó tiernamente y luego lo soltó como se suelta una paloma. Carvalho lo entendió como la última y verdadera despedida.	pacote sexual de Carvalho, apertou-o carinhosamente e depois o soltou como se faz com um pombinho. Carvalho entendeu que era a última e verdadeira despedida.
---	--

Abaixo apresentamos as ULTs em relação a região genital masculina, “polla”, “picha” e “verga” que foram traduzidas por “pica”, “pica” e “pau”, respectivamente. Todas essas acepções são marcadas, pelo DUE, como vulgares e com referência ao pênis. O WR apresenta como equivalentes para “polla”, com conotação vulgar apenas a lexia “porra”, em relação à “verga” não há nenhum disfemismo como equivalente e para “picha” são propostos “pinto” e “pau”.

Entendemos que as lexias em português também são disfemismos, dado que a carga semântica pejorativa que encontramos em espanhol é mantida pelo uso de unidades consideradas em português, pelos dicionários, como tabuísmos. A seguir, podemos observar o contexto em que ocorrem.

Espanhol	Português
—¿Te has fijado tú en este tío? ¿Te quieres tirar a este pedazo de feto? ¿Tan necesitada tienes la polla que la vas a meter en eso? Follar es una cosa muy seria, muy seria, y no se puede convertir en una burla.	"Está vendo bem esse cara? Você quer foder esse pedaço de feto? A sua pica está assim tão em jejum que você precisa metê-la nisso aí? Foder é uma coisa muito seria, muito séria, não pode virar galhofa, não.

Espanhol	Português
—Tú me metes la picha en tu puto culo y no des más el coñazo porque, de lo contrario, te la voy a cortar y la voy a echar mañana en el potaje de col. Primero la	"Você enfia a sua pica na porra do seu cu e não enche mais o saco porque do contrário eu vou cortá-la e jogá-la amanhã na sopa de repolho. Primeiro vou lavar, e

lavaré, desde luego, porque debe de ser la picha más guarra de la cárcel.	claro, porque deve ser a pica mais imunda da prisão."
--	--

Espanhol	Português
Secundó lo dicho con un fuerte apretón de compendio de verga y cojones del levantisco bujarra, presión acentuada hasta hacerlo aullar, llorar y pedir que lo dejara estar, sin capacidad de replicar la agresión porque tenía miedo de perder el sexo en el empeño. Al devolverle sus atributos sexuales, buscó el hombre el patio más próximo y poco a poco se disolvió la concentración de violadores, y algo parecido a la admiración rodeó al jefe de cocina, asesino múltiple de vecinos de su pueblo, que a su vez habían matado a su padre de una paliza por una cuestión de lindes.	A frase foi acompanhada por um forte apertão certo no pau e no saco do turbulento fanchão, pressão acentuada até fazê-lo berrar, chorar e pedir que o deixasse em paz, sem condições de replicar a agressão porque tinha medo de perder o sexo nessa tentativa. Ao recuperar seus atributos sexuais, o homem foi para o pátio mais perto e aos poucos a concentração dos estupra dores se dissolveu, e algo parecido com admiração cercou o chefe de cozinha, assassino múltiplo de vizinhos de sua aldeia, que por sua vez tinham matado seu pai com uma surra por uma questão de demarcação de terreno.

Também relacionado a masculinidade, encontramos a ULT “paja”. Segundo o DLE e o DUE, essa lexia é de uso vulgar e inadequado, e refere-se ao ato de masturbação. Em sua tradução para o português, a carga semântica dessa lexia foi mantida, dado que o tradutor fez uso de uma lexia também tabu, no caso, “punheta”. Abaixo, observamos essa ocorrência.

Espanhol	Português
Todavía en su infancia recordaba Carvalho haberlo visto como introductor	Carvalho se lembrava de, já na infância, tê-lo visto no início de filmes baseados em

de películas basadas en sus novelas, en aquella pantalla del cine Padró, superviviente de los bombardeos y de las salpicaduras de las pajas baratas perpetradas por pajilleras con varices, algunas incluso viudas de guerra.	seus romances, na tela do cine Padró, que sobrevivera aos bombardeios e às punhetas baratas perpetradas com a cumplicidade de mulheres com varizes, algumas até mesmo viúvas de guerra.
--	--

Continuamos nossa análise dessa esfera com ULTs que fazem alusão ao ato sexual de modo pejorativo, encontramos as ULTs “follar” e “tirarse” que, em português, foram traduzidos por disfemismos. De acordo com o DUE, o verbo “follar” tem como marca de uso o vulgar e se refere a prática do ato sexual ou ao ato de possuir outra pessoa, normalmente para esse uso utiliza-se o pronome reflexivo. Ainda, segundo esse dicionário, o verbo “tirarse” também de uso vulgar, indica possuir outra pessoa. Portanto, entendemos que esses dois verbos têm como marcas de uso o vulgar e se referem à prática sexual.

Na tradução para o português, essas ULTs foram traduzidas de três modos distintos, mas todas com acepções pejorativas, a saber: “foder”, “enrabar” e “trepar”. Trataremos dessas ULTs sem separá-las de acordo com o verbo em que ocorrem em espanhol, dado que fazem alusão ao ato sexual e são traduções das duas lexias em espanhol. Abaixo, apresentamos cada ULT em espanhol com cada uma das traduções propostas.

Os verbos “foder”, “enrabar” e “trepar” são marcados, de acordo com o DH, como tabuísmo e como chulos segundo o DA. Conforme observamos nos excertos a seguir, todos esses equivalentes mantêm a vulgaridade das lexias em espanhol.

Espanhol	Português
Aunque Mrs. Coleman se declaró lo suficientemente emancipada como para poder follar , « follar —dijo—, con un hombre», entonces los seleccionaba según	Embora Mrs. Coleman se tivesse declarado bastante emancipada para poder foder , " foder " - disse - "com um homem",

su potencia de machos jóvenes, con especial consideración del tamaño o la eficacia de su sexo, lo que Carvalho interpretó como una advertencia disuasoria, y en cuanto pudo desenganchar a Biscuter de una apasionada discusión con las restantes señoras sobre la homosexualidad en Hollywood, en el fútbol y en la política británica, pretextó la necesidad de madrugar al encuentro del auriga de Delfos para consumir la retirada del último bar abierto en el Plaka.	seleccionava-os segundo sua potência de machos jovens, com consideração especial pelo tamanho ou a eficácia de seu sexo, o que Carvalho interpretou como uma advertência dissuasiva, e quando conseguiu arrancar Biscuter de uma discussão apaixonada com as outras señoras sobre o homossexualismo em Hollywood, no futebol e na política inglesa, pretextou a necessidade de madrugar para ir ao encontro do auriga de Delfos e consumou a retirada do último bar aberto em Plaka.
---	---

Espanhol	Português
También el momento en el que les dijeron que unos cuantos bujarras habían rodeado al muchacho en la cocina y le estaban diciendo que se lo iban a follar e insistieron en follárselo cuando llegaron cuatro barbilampiños políticos dispuestos a pacificar la cuestión. De nada valían las argumentaciones sobre seguridad o sobre ética, por lo que uno de los espectadores, el más alto y transitorio jefe de cocina, se enfrentó al cabecilla bujarra y le señaló con un cierto desprecio el cuerpecillo fetoide de Biscuter.	Lembrou-se também do momento em que lhes disseram que um grupo de fanchões tinha cercado o rapaz na cozinha e prometia enrabá-lo, e já estava quase conseguindo quando chegaram quatro presos políticos imberbes mas dispostos a apaziguar o ambiente. De nada valiam as argumentações sobre segurança ou sobre ética, e por isso um dos espectadores, o mais alto e transitório chefe de cozinha, enfrentou o chefe dos fanchões e apontou com certo desprezo o corpinho fetóide de Biscuter.

Espanhol	Português
—¿Te has fijado tú en este tío? ¿Te quieres tirar a este pedazo de feto? ¿Tan necesitada tienes la polla que la vas a meter en eso? Follar es una cosa muy seria, muy seria, y no se puede convertir en una burla. ¿Qué dirán mañana de vosotros los compañeros? Se reirán mientras piensan: «Esos bujarras iban tan calientes que se tiraron hasta al sietemesino de la cocina». Y si sale al exterior, los que sois bujarras pero no maricones e incluso estáis casados y tenéis hijos. ¿Os imagináis cómo os consideraría la familia si alguien señala a Biscuter y dice: «Mirad, mirad, eso es lo que se folló tu padre, tu marido o tu hermano»?	"Está vendo bem esse cara? Você quer foder esse pedaço de feto? A sua pica está assim tão em jejum que você precisa metê-la nisso aí? Foder é uma coisa muito seria, muito séria, não pode virar galhofa, não. O que dirão amanhã de vocês os outros presos? Eles vão rolar de rir só de pensar: 'Esses enrustidos estavam com tanto tesão que enrabaram até o setemesinho da cozinha'. E se isso circula lá fora? Vocês, que gostam de comer homem mas não são veados, e são até casados e têm filhos. Já imaginaram como seriam vistos pela família se alguém apontar para Biscuter e disser: 'Olha lá, olha lá, esse aí é que foi enrabado pelo seu pai, pelo seu marido, ou pelo seu irmão?'

Espanhol	Português
—Yo vi una vez una película muy mala pero muy inquietante. Resulta que los marcianos invaden la Tierra con un procedimiento muy, pero que muy hijo de puta. Se apoderan de cuerpos humanos, con la documentación incluida, con todo, con la familia, es decir, se tiran a la mujer por ejemplo del ciudadano sustituido, usurpado, y así poco a poco se van	"Uma vez eu vi um filme muito ruim mas muito inquietante. É que os marcianos invadem a Terra de um jeito muito, mas muito filho-da-puta. Eles se apoderam dos corpos humanos, com os documentos inclusive, com tudo, com a família, quer dizer, trepam com a mulher do cidadão que foi usurpado, e assim aos poucos vão ficando donos de Nova York, acho que era de Nova York."

apoderando de Nueva York, creo que era de Nueva York.	
---	--

Por fim, encontramos 3 ULTs, “mear”, “mierda” e “cagar”, que fazem referência a excrementos e atividades biológicas. De acordo com o DLE, todas essas acepções são marcadas como inadequadas e o DUE utiliza a marcação vulgar para designá-las. De acordo com o DLE e o DUE, os verbos “mear” e “cagar” fazem alusão a atividades biológicas, a urina e a evacuação, respectivamente.

Em português, “mear” foi traduzido por “mijar”, de acordo com o DH, essa lexia tem como marcação apenas o informal, o DA marca essa lexia como plebeísmo; no entanto, entendemos que essa forma utilizada se caracteriza como um disfemismo, dado que é um uso descortês e grosseiro, conforme podemos observar abaixo.

Espanhol	Português
Bajó para mear tan copiosamente como lo exigían las proporciones de su cuerpo y volvió al coche, donde preparó dos rodajas de pan untado con margarina, dos pedazos de calabaza, otras dos de salchichón y dos tazas de té que salió humeante del termo.	Desceu para mijar tão copiosamente como exigiam as proporções de seu corpo e voltou para o carro, onde preparou duas fatias de pão untado com margarina, dois pedaços de abóbora cristalizada, outras duas de salsichão e duas taças de chá que saiu fumegante da garrafa.

Em relação a ULT “cagar” em espanhol que foi traduzida por seu equivalente “cagar” em português, entendemos que esse uso também se caracteriza como um disfemismo. No caso dessa lexia, o dicionário DH, indica essa acepção com a marca de tabuísmo e o DA como chulo. Entendemos que ambas as lexias “mijar” e “cagar” são descorteses e grosseiras; no entanto, os dicionários indicam marcações de tabuísmos e chulo na segunda lexia. A seguir, verificamos o contexto em que a ULT “cagar” ocorre.

Espanhol	Português
Creía haber vivido horas ligado a una botella de suero colgada junto a la ventanilla de un coche y comunicada con su mismidad mediante una cánula con grifito incrustada en una de sus venas. No recordaba haber comido nada sólido, pero se recordaba a sí mismo cagando .	Imaginava ter vivido horas ligado a um frasco de soro pendurado perto da janela de um carro e que se comunicava com sua identidade por uma cânula com uma pequena válvula, incrustada numa de suas veias. Não se lembrava de ter comido nada sólido, mas se recordava de si mesmo cagando .

O último caso é da ULT “mierda” que, segundo o DUE, tem como marcação vulgar e inconveniente, e refere-se a excrementos humanos e animais, ou a qualquer classe de sujeira. O WR propõe como equivalente disfemístico a lexia “merda”, que, nesse contexto, é a lexia empregada pelo tradutor em português. Em português, a lexia “merda” é marcada, pelo DH, como tabuísmo e refere-se a matéria fecal, excremento e fezes. Abaixo, podemos observar o uso disfemístico que essa lexia apresenta.

Espanhol	Português
No estaba solo; alguien lo sostenía por las axilas mientras trataba de mantenerse en cuclillas sobre dos pies de porcelana emergentes de un suelo que olía a orines, y oía el ruido de su propia mierda al caer en un pocillo lleno de agua oscura, tal vez marrón oscuro, no negra ni verde oscuro.	Não estava só; alguém o segurava pelas axilas enquanto tentava se manter de cócoras sobre dois pés de porcelana emergidos de um chão que fedia a urina, e ouvia o ruído de sua própria merda caindo numa tina cheia de água escura, talvez marrom-escuro, nem preta nem verde-escuro.

3.6. Resultados

A partir do que foi proposto e como resultado do desenvolvimento da pesquisa e das reflexões realizadas durante o processo de análise do *corpus* MVM 4, apresentamos

abaixo os resultados obtidos com respeito às motivações de uso mais frequentes das ULTs, a relação das ULTs com os recursos disfemísticos e eufemísticos utilizados na tradução para o português e a síntese do modelo de classificação de motivação de uso do léxico tabu por esferas, proposto por Simão e Seregati (2016), com as alterações e reformulações propostas neste trabalho:

Quadro 6 – Nova proposta de esferas de motivações de uso

Esfera I	Motivações psicológicas individuais > Motivações psicológicas individuais	Unidades lexicais tabus que têm como foco apenas o indivíduo enunciador, ou seja, essas unidades são enunciadas, como insultos ou xingamentos, para representar sentimentos como dor, raiva, ira, cólera, indignação, surpresa, susto, espanto ou irritação do falante em relação a algum acontecimento que o atinge. Em geral, as lexias tabus dessa motivação são expressas na forma de interjeições.
Esfera II	Motivações psicológicas de interação social (descortesia) > Motivações sociais de descortesia	Unidades lexicais tabus que têm como foco a interação social entre indivíduos e que a intenção do falante seja ofender ou insultar diretamente o interlocutor ou indiretamente na referência a terceiros. Em síntese, a motivação de uso desse léxico, na forma de insultos ou xingamentos, é a de prejudicar a imagem do outro.
Esfera III	Motivações psicológicas de interação social (anticortesia) > Motivações sociais de anticortesia	Unidades lexicais tabus das quais os falantes fazem uso para demonstrar o seu pertencimento a determinado grupo e como demonstração de carinho em relação a um indivíduo. Nessa esfera, encontramos uma motivação de uso do léxico tabu distinto daquele que usualmente é atribuído a este tipo de lexia.

Esfera IV	Motivações discursivas > Motivações discursivas	Unidades lexicais tabus que têm como finalidade evidenciar, acentuar aquilo que está sendo dito. Centrada no objeto ou situação de que a mensagem trata, está orientada para o contexto ou referente. Ao ser empregada como adjetivo, essas unidades lexicais normalmente são empregadas antes do substantivo a que fazem referência
Esfera V	Motivações denominativas > Motivações biológicas	Unidades lexicais tabus que fazem referência a atividades fisiológicas e biológicas dos seres humanos. Nessa esfera encontramos unidades lexicais relativas a partes do corpo humano, feminino e masculino, a excrementos, a fluidos corporais e a atividades sexuais.

Fonte: Autoria própria

Concluimos, em relação ao quadro 6 apresentado, que a nova denominação tem como objetivo explicitar mais claramente quais os fatores diferenciadores que cada esfera apresenta, de modo que a categorização das unidades tabus, no caso desta pesquisa específica para romances policiais, abarque as motivações de uso propostas.

Em nossa análise do *corpus* MVM 4 encontramos 121 ocorrências de unidades lexicais tabus, dentre as quais 23 leixias foram traduzidas de modo eufemístico e 98 foram mantidas em português como disfemismos. Entendemos, portanto, que o recurso predominante foi o disfemístico na tradução para o português e que cada esfera apresentou um desempenho diferente em relação ao uso desses recursos, conforme discutiremos abaixo.

Apresentamos a seguir a tabela 10 que sintetiza o total de ocorrências de unidades lexicais tabus encontradas no *corpus* MVM 4, bem como a identificação das unidades lexicais consideradas como eufemísticas e disfemísticas, a partir da comparação das obras em espanhol e em português.

Tabela 10 – Resultado dos dados coletados

Esfera	Ocorrências	Eufemismo	Disfemismo
I	12	2	10
II	43	3	40
III	1	-	1
IV	29	15	14
V	36	1	35
Total	121	21	100

Fonte: *corpus* MVM 4

A partir desses resultados, constatamos que a esfera de motivação de uso mais frequente do léxico tabu no *corpus* MVM 4 foi a **esfera II - Motivações sociais de descortesia**. Entendemos que a maior ocorrência dessa esfera pode ser associada ao seu caráter de descortesia, dado que, a partir dos excertos analisados, percebemos a grande frequência com que os personagens da obra fazem uso de lexias tabu com o objetivo de ferir a imagem do outro. Constatamos também que dentro dessa esfera a lexia “puta” foi a que apresentou mais ocorrências, seguida por “hijo de puta”, ambas com a finalidade de depreciar a imagem, seja diretamente ou indiretamente, de uma mulher. Também percebemos que as unidades lexicais que fazem referência a homossexualidade masculina de modo pejorativo também foram frequentes, apresentando as lexias “maricón”, “bujarrón” e “bujarra”. Na esfera II, também constatamos o uso do recurso disfemístico na maioria das traduções das lexias tabus, apresentando 40 ocorrências disfemísticas em contraste com apenas 3 eufemísticas.

E, em contrapartida, a esfera que menos apresentou ocorrências foi a **esfera III - Motivações sociais de anticortesia** que, assim como a esfera II, apresentou uma ocorrência da lexia “hijo de puta”, porém, neste caso, entendemos que o falante não pretendia ofender a imagem do outro, mas sim demonstrar, através do uso de uma lexia estigmatizada, o pertencimento de um indivíduo a um grupo. O recurso disfemístico também foi predominante nesta esfera, dado que a única ocorrência foi traduzida por uma lexia disfemística em português.

Em relação aos eufemismos e disfemismos, identificamos um grande número de traduções disfemísticas, com exceção da **esfera IV – Motivações discursivas** que apresentou 15 ocorrências de traduções eufemísticas contra 14 traduções disfemísticas. A ULT com ocorrências mais eufemísticas foi o verbo “joder”, também na forma pronominal, em que, no contexto em que foram utilizadas, essas lexias têm como objetivo enfatizar a mensagem transmitida pelo falante ou enunciado, sem ofender ou insultar outros indivíduos. As traduções eufemísticas propostas pelo tradutor para a lexia “joder” foram: “desandar”, “foder-se”, “acabar”, “foder”, “ferrar-se” e “de saco cheio”.

De acordo com a tabela acima, percebemos que um resultado distinto foi apresentado pela esfera IV do que o apresentado pelas outras esferas. A diferença entre os recursos utilizados nas outras esferas foi consideravelmente grande, conforme podemos perceber na segunda esfera com mais eufemismos, a **esfera II - Motivações sociais de descortesia**, que apresentou 40 traduções disfemísticas contra 3 traduções eufemísticas. Entendemos que esse resultado demonstra que, nesta obra estudada, as unidades lexicais que têm como finalidade evidenciar e acentuar o que está sendo dito no texto sofreram uma maior atenuação, ao ser comparada com os resultados apresentados pelas outras esferas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, julgamos necessário recordar a trajetória percorrida nesta dissertação. As razões que nos impeliram a estudar o léxico tabu, mais especificamente nos romances policiais, foram a intensidade de uso dessas unidades na sociedade atual e no gênero literário em questão. Além disso, também entendemos que as unidades lexicais tabus são um desafio para a tradução, neste caso, deparamo-nos com uma abundância de unidades lexicais existentes em espanhol que foram traduzidas para o português com foco diferente, em alguns casos encontramos essas unidades traduzidas por disfemismos, como discutimos ao longo deste trabalho, e outras que perderam a carga semântica pejorativa em português, sendo traduzidas por eufemismos. Dessa maneira, notamos a dificuldade que esse léxico apresenta para a prática tradutória. Também pudemos reconhecer, a partir das esferas de motivação de uso, que os usos dessas lexias ocorrem em contextos variados e com diversos matizes em relação ao sentimento que o falante intenciona exprimir.

No capítulo I, examinamos as obras 1) *Milenio Carvalho I. Rumbo a Kabul* e 2) *Milenio Carvalho II. Rumbo a las antípodas* e sua tradução em português 3) *Milênio*, e a *Serie Carvalho* do autor estudado, Manuel Vázquez Montalbán, para melhor compreensão do contexto de produção no qual as unidades lexicais tabus foram utilizadas. Auxiliando, dessa maneira, a composição e explicação das esferas de motivações de uso, visto que a Pragmática foi a disciplina que norteou nossos estudos lexicais, assim o contexto foi de suma importância para esclarecer esses usos.

Após traçar o panorama das obras estudadas, iniciamos a discussão que relaciona as duas disciplinas que guiaram nosso estudo, a Pragmática e a Lexicologia. Nesse item, abordamos os pontos em comum dessas ciências, dado que têm o mesmo objetivo, o de analisar o léxico dentro da língua, sob perspectivas distintas que, no entanto, podem ser complementares e dialogarem entre si, conforme observamos nas esferas propostas.

Continuamos nossa discussão aprofundando as questões relacionadas à Lexicologia. Dentre as disciplinas que norteiam nosso estudo, iniciamos a fundamentação com a ciência que é o suporte no estudo dos tabus linguísticos, dado que estuda o sistema lexical, as características e os elementos que compõem as línguas. Assim, assinalamos

que no léxico de cada língua encontram-se concentrados os valores que a compõem, portanto, os julgamentos, os preconceitos e as motivações do léxico tabu estão inseridos nesse repertório cultural que constitui e, ao mesmo tempo, é constituído pela língua. Além disso, também entendemos que as ULTs estudadas estão em contínua mudança, conforme abordamos nesse item, dado que as mudanças de valores mudam ao longo do tempo.

Assim, entramos nos itens específicos dos tabus que foram divididos em dois, primeiro abordamos os tabus sociais e morais e, em seguida, debatemos especificamente os tabus linguísticos. Entendemos que essa divisão foi necessária, dado que traçamos um panorama histórico dos tabus e explicamos como os tabus provenientes da sociedade condicionam e motivam o uso dos tabus linguísticos.

A partir das restrições e proibições em que estão inseridos os tabus linguísticos, relacionamos essa reprovação existente nas sociedades e o ato de atenuar essas ULTs na tradução para o português. Em vista disso, discutimos o uso dos eufemismos como recurso utilizado pelos falantes para evitar as expressões que podem causar um mal-estar nos ouvintes ou conferir aos contextos um matiz depreciativo, apoiado nesse recurso o falante se resguarda da carga semântica pejorativa que a sociedade estabelece para essas lexias, no caso, os disfemismos. Assim sendo, utilizamos os termos *eufemismo* e *disfemismo* para marcar a carga semântica das unidades lexicais analisadas.

Após as discussões dos aspectos lexicais das ULTs, finalizamos o capítulo I apresentando a Pragmática e, por fim, as motivações de uso do léxico tabu por esferas. Em relação à Pragmática, entendemos que essa disciplina se baseia no uso linguístico. Essa função foi primordial em nossos estudos ao abordar as motivações de uso do léxico tabu, visto que entrelaçamos esse léxico específico com os fenômenos discursivos, comunicativos e sociais da linguagem.

Assim sendo, passamos ao item do modelo de divisão das motivações de uso do léxico tabu por esferas. Nosso foco, nesse ponto, foi apresentar o modelo de divisão proposto por Simão e Seregati (2016) e explicar cada uma das esferas propostas, dado que em estudos anteriores essa classificação não foi explicitada detalhadamente. Apresentamos, primeiramente, os estudos e os autores que serviram de suporte para a classificação e continuamos detalhando quais as lexias e motivações englobadas em cada esfera, com exemplos em espanhol e em português, dado que essa classificação é

fundamentada em romances policiais nos pares linguísticos espanhol-português. Nesse item também discutimos mudanças na nomenclatura das motivações, que foram expostas e sistematizadas no capítulo III.

No capítulo II, apresentamos a metodologia da pesquisa. Esse capítulo foi dividido entre as etapas dos processos de seleção e análise do léxico tabu. Inicialmente, realizamos a leitura das obras, em espanhol e em português, para compreender o uso e o contexto em que as ULTs estavam inseridas, em seguida, elaboramos uma lista com essas lexias que serviram de base para o próximo tópico. Após a seleção, iniciamos o levantamento das unidades lexicais com base nas tabelas que apresentamos e, por fim, analisamos as ULTs de acordo com as motivações de uso, evidenciando quais aspectos permitiram sua classificação naquelas esferas. Posteriormente, discutimos a problemática em relação às marcas de uso presentes em dicionários bilíngues e monolíngues, dado que, em nossa análise, encontramos diversas dificuldades para padronizar o uso de termos como *pejorativo*, *depreciativo* e etc, conforme exemplificado neste item.

O capítulo III foi dedicado à análise de dados e aos resultados obtidos. Apresentamos detalhadamente cada esfera e as ULTs encontradas, bem como os excertos em que as unidades estavam inseridas, para que, desta maneira, pudéssemos relacionar as ULTs às esferas e, em seguida, classificá-las como disfemismos ou eufemismos, de acordo com a tradução encontrada. Evidenciamos, neste item, um excerto para cada ULT encontrada, a totalidade dos excertos foi indicada na seção Anexos, devido ao grande número de ULTs.

No último item deste capítulo, discutimos os resultados da pesquisa, respondendo aos objetivos específicos que nos propomos no início do trabalho: 1) estabelecer quais as motivações de uso mais frequentes do léxico tabu no *corpus* MVM 4; 2) estabelecer quais os recursos eufemísticos e disfemísticos utilizados na tradução das lexias tabu; 3) estabelecer as relações entre os eufemismos e os disfemismos e as esferas em que estão inseridas; e 4) discutir o alcance e a efetividade do modelo de classificação de motivação de uso do léxico tabu por esferas, proposto por Simão Seregati (2016).

Além disso, apresentamos um quadro com a nova nomenclatura e a definição para as motivações de uso do léxico tabu. Nesta tabela reorganizamos e reformulamos algumas questões que haviam deixado lacunas em Simão e Seregati (2016) e concluímos que esse

modelo também é pertinente para análise do *corpus* MVM 4, dado que todas as ULTs encontradas se enquadraram nas esferas propostas.

Por fim, entendemos que esta pesquisa traz contribuições à Lexicologia, dado que estudamos uma linguagem ainda considerada marginalizada e que se encontra envolta em proibições e tabus nas diferentes sociedades, mas que, como pudemos observar no decorrer deste trabalho, apresenta uma riqueza muito grande de lexias. E ao analisar as lexias em português e espanhol observamos seu uso, sua tradução e as diferenças culturais existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLAN, K.; BURRIDGE, K. **Forbidden Words**: Taboo and the Censoring of Language. New York: Cambridge University Press, 2006.
- ARANGO, A. C. **Os palavrões**. Trad. Jasper Lopes Bastos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ARANHA, A. J. **Dicionário brasileiro de insultos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- ARMENGAUD, F. **A Pragmática**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2006.
- AUGRAS, M. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford Univ. Press, 1962.
- AZORÍN FERNANDÉZ, D. Las marcas de uso en los diccionarios monolingües destinados a la enseñanza de ELE. In: LUJÁN, A.V.; MARTÍNEZ, I.M. (eds.). **El español en contextos específicos**: enseñanza e investigación. Comillas: Fundación Comillas, 2009, p.249-267.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BIDERMAN, M T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, v.40, p. 27-46, 1996.
- _____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia e terminologia. v.1. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998, p.11-20.
- _____. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**, São Paulo, v.44, p.27-55, 2000.
- _____. Fundamentos da Lexicologia. In: **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 99 – 155.
- _____. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757.
- BENKE, V. C. M. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil**: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- BIZZOCCHI, A. **Léxico e ideologia na Europa ocidental**. São Paulo: Annablume, 1998.
- BLAS ARROYO, J.L. La descortesía verbal en contextos institucionales: entre la realidad y el espectáculo. In: ALCAIDE LARA, E.; FUENTES RODRÍGUEZ, C. (Ed).

Manifestaciones textuales de la descortesía y agresividad verbal en diversos ámbitos comunicativos. Sevilla: Universidade Internacional de Andalucía, 2009, p.78-97.

BROWN, P.; LEVINSON, St. **Politeness: some Universals in Language Usage.** Cambridge University Press, Cambridge, 1978.

CALDAS AULETE, F. J.; VALENTE, A. L. S. **Dicionário Caldas Aulete.** Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

CAMACHO, R.G. Algumas reflexões sobre as tendências atuais da linguística. **Confluência.** Boletim do Departamento de Linguística, Assis, ano 3, n. esp., 1994, p. 15-38.

CASAS GÓMEZ, M. **La interdicción lingüística:** mecanismos del eufemismo y disfemismo. Cádiz: Universidad de Cádiz, 1986.

CASTRO, J. **Fisiologia dos tabus.** 3.ed. São Paulo: Companhia Lithographica Ypiranga, 1954.

CELDRÁN, P. **Inventario General de Insultos.** Madrid: Ediciones del Prado, 1995.

CHAMIZO DOMÍNGUEZ, P. La función social y cognitiva del eufemismo y el disfemismo. **Panace@.** v.15, p. 45-51, 2004.

COLLINS: **Dicionário espanhol-português/português-espanhol.** 4.ed. São Paulo, Disal, 2011.

COLMEIRO, J. Novela policiaca, novela política. **Revista Lectora,** v. 21, 2015, p.15-29.

CORAZZARI, O. **Phraseological Units,** Consiglio Nazionale delle Richerche. Istituto di Linguistica Computazionale. Network of European Reference Corpora (NERC), serial nº 68, Pisa (manuscrito), 1992.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española.** Madrid: Gredos, 1996.

DÍAZ PÉREZ, J. C. **Pragmalingüística del disfemismo y la descortesía:** los actos de habla hostiles en los medios de comunicación virtual. 2012. 518f. Tese (Doutorado) – Departamento de Humanidades: Filosofía, Lenguaje y Literatura, Universidad Carlos III de Madrid, Madrid. 2012.

Diccionario de la lengua española. 23. ed. Madrid : Real Academia Española, 2014.

DUBOIS, J. ; GIACOMO, M. ; GUESPIN, L. ; MARCELLESI, J.B. ; MEVEL, J.P. **Dicionário de Linguística.** Trad. Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elisabeth Leuba Salum, Valter Kehdi. São Paulo: Cultrix, 1998.

ESCANDELL VIDAL, M.V. **Introducción a la Pragmática**. Barcelona: Anthropos, 1993.

FERNÁNDEZ DE MOLINA ORTÉS, E. La presencia de eufemismos y disfemismos en el campo semántico del cuerpo humano: estudio sociolingüístico. **Pragmalingüística**, Cádiz, n. 22, p. 8-30, 2014.

FERRAZ, A. P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Costa de (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2006.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa**. 5.ed. Curitiba: Positivo, 2010. Versão 7.0.

FONSECA, F.I.; FONSECA, J. **Pragmática linguística e o ensino de português**. Coimbra: Almedina, 1977.

FRAGOSO, A. R.; PAIVA, E. P. Estudos dos tabus alimentares de Pernambuco. In: XIII JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (JEPEX), 13, 2013, Recife. **Resumos**. Recife: UFRPE, 2013, p.1-3.

FREUD, S. **Totem e tabu**. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das letras, 2015.

GFROFER, B. B. Tabú y eufemismos. **Revista de la Universidad de Costa Rica**, San José, v.41, p.93-99, 1975.

GONZALEZ, D. S. Algunos aspectos de los disfemismos y eufemismos considerados como clases de metáforas. **Anuario de Letras**, Cidade do México, v.4, n.1, p.199-210, 2016.

GRICE, H.P. **Meaning**. Philosophical Review, v.66, p. 377-388, 1957.

GUÉRIOS, M. **Tabus Linguísticos**. Curitiba: Editora “Organização Simões”, 1956.

GUIRAUD, P. **Les gros mots**. 2. ed. Paris: PUF, 1976.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología: introducción a la Traductología**. Madrid: Cátedra, 2001.

JAY, T. The Utility and Ubiquity of Taboo Words. **Perspectives on Psychological Science (PPS)**, v.4, n.2, p.153-161, 2009.

KOBAYASHI, Teresa Cristina Martins. **A violência como protagonista a tradição noir na narrativa (policial) mineira**: Leituras de “O Cobrador”, de Rubem Fonseca, e “O peixinho dourado”, de Braz Chediak. 2013. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, 2013.

KREK, N. Análisis Pragmático de los tacos españoles de la película “Kika” de Pedro Almodóvar. **Verba Hispanica**, Ljubljana, v. 19, n.1, p. 213-227, 2010.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. Longman, Londres, 1983.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA DA SILVA, M. R. G. Os estrangeirismos e a construção de identidades. In: LAFACE, A.; TASHIRO, E. A.; LIMA DA SILVA, M. R. G.; CRUZ, M. L. O. B. (Org.). **Estudos linguísticos e ensino de línguas**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2006, p.107-120.

MASSI, F. **O romance policial místico-religioso**: um subgênero de sucesso. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MEY, J. L. **Whose Language? A Study in Linguistic Pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

MOLÍNER, M. **Diccionario de uso del español**. 3. ed. Madrid: Gredos, 2007.

MONTALBÁN, M. V. **Milenio Carvalho I. Rumbo a Kabul**. 1a. ed. Barcelona: Planeta, 2004.

_____. **Milenio Carvalho II. Rumbo a las antípodas**. 1a. ed. Barcelona: Planeta, 2004.

_____. **Milênio**. 1a. ed. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NÍKLEVA, D. G. Consideraciones Pragmáticas sobre la cortesía y su tratamiento en la enseñanza del español como L1. **Tejuelo**, Cáceres, nº11, p. 64-84, 2011.

OLIVEIRA, J.A. O contexto da Pragmática. **Uniletras**, Ponta Grossa, v.22, n.1, p.227-235, 2000.

PICOCHÉ, J. **Précis de lexicologie française**. Paris: Nathan Université, 1992.

PIERCE, C. S. **How to make ideas clear**. Cambridge: Harvard University Press, 1878.

PINTO, J. P. Pragmática. In: MUSSALIN, F., BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística**. v.2. Domínios e fronteiras. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 55-79.

- PORTOLÉS LÁZARO, J. **Pragmática para hispanistas**. Madrid: Ed. Síntesis, 2004.
- POTTIER, B. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris, Klincksieck, 1974.
- PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Edusp/Humanitas, 1984.
- _____. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: Quiróz, 1983.
- _____. **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Edusp/Humanitas, 2003.
- RAJAGOPALAN, K. Os caminhos da Pragmática no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. _____, p. 323-338, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 de maio de 2017.
- REIMÃO, S. **O que é o romance policial**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- REY, A. **La lexicologie**. Paris: Klincksieck, 1970.
- RUNDBLOM, M. **Un estudio del lenguaje tabu entre los jóvenes en Madrid**. ¿Hay diferencias entre géneros? Stockholms Universitet. Disponível em: <http://www.divaportal.org/smash/get/diva2:645651/FULLTEXT01.pdf>
- SANTOS, E.P. **Um romance policial e uma trama política: duas histórias imbricadas no Delfim**, de José Cardoso Pires. Rio de Janeiro, 2003. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, PUC-Rio.
- SEARLE, J. R. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- SEÑAS: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños. 3.ed. Trad. de Eduardo Brandão, Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- SILVA, M. B. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: **Revista de Letras**, Universidade Federal do Ceará, v. 1/2m n. 28, p. 11–20, 2006
- SIMÃO, A. K. G.; SEREGATI, F. Procedimentos de tradução do léxico tabu presente na obra 'Los mares del Sur', de Manuel Vázquez Montalbán. **Letras & Letras**, v. 32, p. 62-90, 2016.
- SOUZA, R. A. A.; HINTZE, C. J. Pragmatismo e linguística: interfaces e intersecções. Cognitivo-Estudos: **Revista Eletrônica de Filosofia**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 108-120, jul./dez. 2010.

VANEIGEM, R. **Nada é sagrado tudo pode ser dito**: reflexões sobre a liberdade de expressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

VERSCHUEREN, J.; BERTUCCELLI-PAPI, M. **The pragmatic perspective**: Selected papers from the 1985 International Pragmatics Conference. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1987.

VILELA, M. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.

VILLAÇA, I. G.; BENTES, A. C. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, D. (Org.) **Cortesia verbal**. São Paulo, Humanitas, p.19-48, 2008.

WEEDWOOD, B. A linguística no século XX. In: ____ **História concisa da linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002, p. 125-156.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ZIMMERMANN, K. Constitución de la identidad y anticortesía verbal entre jóvenes masculinos hablantes de español. In: BRAVO, D. (Ed). **La perspectiva no etnocentrista de la cortesía**: Identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes. Actas del Primer coloquio del programa EDICE. Estocolmo: Universidade de Estocolmo, 2002, p. 47-59.

_____. Construcción de la identidad y anticortesía verbal: Estudio de conversaciones entre jóvenes masculinos. In: BRAVO, D. (Ed). **Estudios de la (des)cortesía en español**: Categorías conceptuales y aplicaciones a corpora orales y escritos. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2005, cap.9.

ANEXO I – Corpus relativo à esfera I

1. Lexia “Joder”

—**Joder.** *O sea, que esos tíos se meten en todas partes. Vayas a donde vayas te encuentras con un moro haciendo el trabajo de un español. No hay derecho. Y ahora toreros.*

—*Y aunque su religión les prohíba tomar jamón y beber vino o alcoholes más duros, ni caso. Ellos comen jamón y beben alcohol para que nadie pueda señalarlos con el dedo y gritar: «¡Al moro!».*

"**Porra.** Quer dizer que esses caras se metem por todo lado. Você vai para qualquer lugar e encontra um árabe fazendo o trabalho de um espanhol. Não está certo. E agora os toureiros."

"E mesmo se a religião deles os proíbe de comer presunto e beber vinho e álcool mais forte, eles nem ligam. Comem presunto e bebem álcool para que ninguém possa apontá-los com um dedo e gritar: 'Vamos pegar o árabe!'."

Algo parecido a una sonrisa de muchacha adolescente, sorprendida por una delicadeza inesperable, recuperó la entidad de su compañera de viaje, de pronto reubicada con su belleza cargada de madrugada y erosiones de mal dormir, pero en definitiva un rostro espléndido donde la ausencia de maquillaje dejaba en libertad la dulzura de la mirada y la sensualidad de los labios partidos. «Joder, vaya señora», comentó Carvalho a Biscuter mientras abarcaba espacio suficiente para recuperar la posición supina.

Algo parecido com um sorriso de garota adolescente, surpreendida por uma delicadeza inesperada, restituiu a identidade de sua companheira de viagem, que subitamente reassumiu a beleza carregada de madrugada e de erosões por dormir mal, mas, mesmo assim, um rosto esplêndido cuja ausência de maquiagem deixava em liberdade a doçura do olhar e a sensualidade dos lábios partidos. "**Porra**, que mulher!", comentou Carvalho com Biscuter enquanto abarcava espaço suficiente para recuperar a postura em decúbito dorsal.

—*Oñate, señor Oñate.*

—**Joder.** *Ese acento. ¿Ibéricos?*

—*Espanoles. Es casi lo mismo.*

—*Falta el casi. Ser ibérico es una etnia; ser español es una obligación administrativa o una satisfacción imperialista o las dos cosas a la vez. Los canarios los llaman godos.*

"*Oñate, senhor Oñate.*"

"**Porra.** Esse sotaque. Ibéricos?"

"*Espanhóis. É quase a mesma coisa.*"

"*Falta o quase. Ser ibérico é uma etnia; ser espanhol é uma obrigação administrativa ou uma satisfação imperialista ou as duas coisas ao mesmo tempo. Os habitantes das Canárias os chamam de godos.*"

—**Joder, joder, joder.** *Pues parece moneda, cómo diría yo, más europea, menos zarrapastrosa. Pero dejémonos de leches, camaradas, vayamos al tajo. ¿Queréis ver el barco? Os enseñaré primero el mar y luego el barco.*

Mostraram-lhe as notas e as moedas de euro.

"**Porra, porra, porra.** *Pois parece moeda, como eu diria, mais européia, menos maltrapilha. Mas chega de lero-lero camaradas, vamos ao que interessa. Querem ver o barco? Primeiro vou mostrar o mar e depois o barco*

Un respeto, joder. Es el mar físicamente más interesante por la variedad de su relieve sumergido: fosas, dorsales montañosas y miles y miles de islas volcánicas y de coral.

Um troço de respeito, **porra.** *É o mar fisicamente mais interessante pela variedade de seu relevo submerso: fossas, dorsais oceânicas montanhosas e milhares e milhares de ilhas vulcânicas e de coral.*

—**Joder, es que sois mudos.**

Llegaron por fin a la ensenada adecuada donde descansaban diferentes motoras y veleros, tratando de adivinar con la mirada cuál sería el de Oñate, y él lo señaló.

—*¡Ahí está el Idiazábal!*

"**Porra,** *será que vocês são mudos?"*

Chegaram enfim à enseada onde descansavam diversas lanchas e veleiros e tentaram adivinhar com o olhar qual seria o de Oñate, e ele o apontou.

"Ali está o Idiazábal!"

2. Lexia "No te jode"

—*Muy probablemente.*

—*Pues con los moros pasa lo mismo. Ya se han apoderado de Francia y ahora se vienen a España. **No te jode.** Chiquito de Agadir. Hay que tener cojones y cara dura.*

Carvalho le había ofrecido material para monólogo hasta Barcelona, y allí dejó de hablar, porque empezó a dormirse a ráfagas, interrupciones de la conducción que el camión asumía yéndose unas veces hacia la cuneta de la derecha, y otras hacia el carril de la izquierda, del que era expulsado por las bocinas de los automóviles que trataban de adelantarlos.

"Muito provavelmente."

*"Pois com os árabes é a mesma coisa. Já tomaram conta da França e agora vêm para a Espanha. **Porra.** Chiquito de Agadir. Tem que ter colhão e ser o maior cara-de-pau."*

Carvalho tinha lhe oferecido material para um monólogo até Barcelona, e então parou de falar, porque começou a dormir, aos pedaços, com interrupções quando o caminhão ia ora para perto do acostamento da direita, ora para a pista da esquerda, da qual era expulso pelas buzinas dos automóveis que tentavam ultrapassá-lo."

—*¿Qué carga lleva?*

—*Zapatos alicantinos con nombres italianos, para fardar, porque los italianos tienen fama como diseñadores. Y usted, ¿a qué va a Francia?*

—*A hacer prácticas de francés. Lo tenía muy olvidado.*

—*Prácticas de francés. ¡No te jode!*

"Que carga você leva?"

"Sapatos de Alicante com nomes italianos, para impressionar, porque os italianos têm fama de bons designers. E o senhor, por que vai à França?"

"Para fazer um estágio de francês. Esqueci muito a língua."

"Estágio de francês! **E essa agora!**"

3. Lexia "Coño"

—¿Cuánto dinero le debe?

—Casi tres mil dólares.

—¡**Coño!**

—No me devolverá al niño si no le pago.

"Quanto dinheiro lhe deve?"

"Quase três mil dólares."

"**Porra!**"

"Não me devolverá o menino se eu não pagar."

4. Lexia "Cojones"

—¡Ole tus **cojones!** ¿Ha oído, jefe? Esto es un país serio. En España no hay nada semejante. Allí sólo se defiende a los animales cuando los matan más brutalmente que de costumbre o cuando ellos nos matan tontamente

"**Caramba**, olé! Ouviu, chefe? Este é um país sério. Na Espanha não tem nada parecido. Ali só se defendem os animais quando os matam com mais brutalidade do que de costume ou quando eles nos matam estupidamente."

ANEXO II – Corpus relativo à esfera II

1. Lexia "Hijo de puta"

—¿Pero no ves que este **hijo de puta** nos está tomando el pelo, mientras su socio está con la coca? La estará vendiendo o ya la habrá vendido.

"Mas você não está vendo que este **filho-da-puta** está gozando com a nossa cara, enquanto o sócio dele está com a coca? Deve estar vendendo a muamba ou já a terá vendido."

—¡**Hijo de puta!** —gritó de pronto el ferviente esposo en correctísimo argot inglés, y como si fuera una propuesta de acción, sus paisanos levantaron los puños y los gritos y corrieron tras Carvalho y la adúltera.

"**Filho-da-puta!**", gritou de repente o fervoroso esposo com um sotaque inglês corretíssimo, e, como se fosse uma proposta de ação, seus conterrâneos levantaram os punhos e aos gritos correram atrás de Carvalho e da adúltera.

*El norte es la realidad de la corrupción pactada, y todo lo demás, la escenificación de una convivencia con reyes y militares, sobre todo militares fácilmente enriquecidos. El Imperio norteamericano necesitaba aliados incondicionales, al precio que fuera. Una vez le dijeron a Roosevelt que su hombre fuerte en Nicaragua, el general Somoza, era un **hijo de puta**. «Sí —contestó Roosevelt—, pero es nuestro **hijo de puta**».*

O norte é a realidade da corrupção pactuada, e todo o resto é a encenação de uma convivência com reis e militares, sobretudo militares que enriqueceram facilmente. O Império americano precisava de aliados incondicionais, a qualquer preço. Uma vez disseram a Roosevelt que seu homem forte na Nicarágua, o general Somoza, era um **filho-da-puta**. 'É', Roosevelt respondeu, 'mas é um **filho-da-puta** nosso.'

*— Que se den por muertos —sancionó Oñate, y añadió que Putin era, como su nombre indicaba, un **hijo de puta** cómplice de la violencia superestructural de la globalización y jamás consentiría que los chechenos le ganaran una batalla.*

"Que se dêem por mortos", Onate sancionou, e acrescentou que Putin era, como seu nome indicava, um **filho-da-puta** cúmplice da violência superestrutural da globalização e que jamais permitiria que os tchetchenos ganhassem uma batalha.

*—Yo vi una vez una película muy mala pero muy inquietante. Resulta que los marcianos invaden la Tierra con un procedimiento muy, pero que muy **hijo de puta**. Se apoderan de cuerpos humanos, con la documentación incluida, con todo, con la familia, es decir, se tiran a la mujer por ejemplo del ciudadano sustituido, usurpado, y así poco a poco se van apoderando de Nueva York, creo que era de Nueva York.*

"Uma vez eu vi um filme muito ruim mas muito inquietante. É que os marcianos invadem a Terra de um jeito muito, mas muito **filho-da-puta**. Eles se apoderam dos corpos humanos, com os documentos inclusive, com tudo, com a família, quer dizer, trepam com a mulher do cidadão que foi usurpado, e assim aos poucos vão ficando donos de Nova York, acho que era de Nova York."

*—¡Hijos de puta! ¡No me habéis enterrado en tierra, tampoco lo conseguiréis en el mar!. **Filhos-da-puta!** Vocês não me enterraram em terra, e também não vão conseguir me enterrar no mar!"*

*—En cuanto tenga cobertura o pueda encontrar un teléfono humano, pienso llamar a esa **hija de puta** y dejarla como se merece.*

"Quando o celular estiver de novo na área de cobertura ou quando eu conseguir encontrar um telefone de verdade, vou ligar para essa **filha-da-puta** e lhe dar o que ela merece."

2. Lexia "Putá"

Volvió a callar y la curiosidad de sus oyentes se había espesado hasta hacer irrespirable el aire del interior del Ford Explorer.

*—Irina estaba en Estambul ejerciendo la prostitución. Irina es **puta**.*

Voltou a se calar e a curiosidade de seus ouvintes se adensou a ponto de tornar irrespirável o ar dentro do Ford Explorer.

"Irina estava em Istambul exercendo a prostituição. Irina é **puta**."

*Para acceder a las calles donde estaban las **putas** debían pasar de uno en uno una barrera policial.*

Para chegar às ruas onde estavam as **putas**, tinham de passar, um a um, por uma barreira policial.

*La vejez del barrio permitía la existencia de grandes y decrepitos caserones con las plantas ocupadas por el muestrario total de las **putas** con y sin flor, desde la posiblemente menor de edad hasta la que exhibía pechos de ama de cría y varices de mujer estatua en las esquinas de la ciudad burdel.*

A velhice do bairro permitia a existência de casarões grandes e decrepitos com seus andares ocupados pelo mostruário completo das **putas** em flor e sem flor, desde a possivelmente menor de idade até a que exibia peitos de ama-de-leite e varizes de mulher-estátua nas esquinas da cidade-bordel.

*El hombre los saludó como saludan los sultanes en las películas anglosajonas sobre cuestiones indostaníes y se echó a reír. Aquellos dos iban de **putas** y no sabían cómo explicarlo.*

O homem os cumprimentou como cumprimentam os sultões nos filmes anglo-saxões sobre histórias hindustânis, e começou a rir. Aqueles dois iam pegar umas **putas** e não sabiam como explicar.

*Ni tenían por qué hacerlo. En vano, rodearon varias veces el espacio donde se abrían los almacenes de sexo: ni rastro de Samuel, la violinista ni el violín, envarados por la sensación de que cualquiera que los observara podía pensar que estaban buscando **putas** o **putos**, que también los había en la doble gama de efebos rubios depilados y tártaros amostachados con la musculatura en ristre, volvieron finalmente al autocar.*

Nem tinham por que fazê-lo. Em vão deram várias voltas pelo espaço dos negócios do sexo - nem rastro de Samuel, nem violinista nem violino – atordoados pela sensação de que qualquer um que os observasse poderia pensar que estavam procurando **putas** ou **putas**, que destes também havia, na dupla gama de efebos louros depilados e tártaros bigodudos com a musculatura em riste, e afinal voltaram para o ônibus.

—¿Tú irías de **putas**, Biscuter?

—Alguna vez voy, jefe. Qué le vamos a hacer. Débil es la carne y yo no voy como usted, de chico de la película.

"Você sairia com **putas**, Biscuter?"

"Às vezes saio, chefe. Que se há de fazer? A carne é fraca e eu não tenho a sua cara, de galã de cinema."

*Pues bien, Irina se enterneció mucho cuando vio a Samuel, sin embargo, se negó a irse con él. Aquí es una **puta** pero vive mejor que todas las concertistas de su generación que empezaron su educación en la infancia convencidas de que el Estado proveería, y eso se acabó.*

Pois bem, Irina se enterneceu muito quando viu Samuel, mas se negou a ir embora

com ele. Aqui é uma **puta** mas vive melhor do que todas as concertistas de sua geração, que começaram sua educação musical na infância convencidas de que o Estado as manteria, mas isso acabou.

*Tuve la intuición femenina de que iban a pincharle primero a usted y di dos saltos hacia atrás. Allí estaba la puerta y un minuto después yo me deslizaba entre **putas** de todos los tamaños y chulos de putas paquidérmicos, todos del mismo formato.*

Tive a intuição feminina de que iam picar primeiro o senhor e dei dois pulos para trás. Ali ficava a porta e um minuto depois eu me esgueirava entre **putas** de todos os tamanhos e paquidérmicos cafetões, todos do mesmo formato.

*Diez millones de habitantes y por delante, como representándolos, mendigos y santones, tullidos y niños pedigüeños, cuerpos abandonados diríase que a su propia muerte en las esquinas más imprevistas, uniformes y conductas de casta social, mujeres en saris que no querían ocultar demasiado sus tetas redondas y rotundas, esqueletos de ascéticos o de muertos de hambre, **putas** policromadas, camellos de diferentes drogas, ofertas de todo lo vendible, ciclistas taxi, coches casi sin espacio para desadosarse, ni siquiera el río se llama Ganges, sino Yamuna, flores, flores, flores, estatuas de deidades hindúes diríase que robadas de fallas valencianas, tal vez de un parque temático hinduista de la Walt Disney Corporation, olores y ruidos, los primeros como un zumbido y los segundos como una llamarada, escupitajos de betel mascado en las aceras, de vez en cuando, una vaca tan sagrada como indolente comiéndose las vegetaciones de los alcorques y parterres, vacas de tópico indio, probablemente en la nómina municipal.*

Dez milhões de habitantes e, na vanguarda, como que os representando, mendigos e místicos, aleijados e crianças pedintes, corpos abandonados talvez à própria morte nas esquinas mais imprevisíveis, uniformes e comportamentos de casta social, mulheres de sari que não queriam esconder demais os seios redondos e rotundos, esqueletos de ascetas ou famintos, **putas** policromadas, traficantes de variadas drogas, ofertas de todo o vendível, táxis-bicicletas, carros quase sem espaço para circular, e o rio que nem mesmo se chama Ganges, mas Yamuna, flores, flores, flores, estátuas de deidades hindus que pareciam roubadas dos desfiles de bonecos alegóricos das *faltas* valericianas, talvez de um parque temático hinduista da Walt Disney Corporation, cheiros e ruídos, os primeiros como um zumbido e os segundos como labareda, escarradas de betel mascado nas calçadas, de vez em quando uma vaca tão sagrada como indolente comendo a vegetação ao pé das árvores ou nos canteiros, vacas de jeito indiano, provavelmente inscritas nas listas da prefeitura.

*—De cara al turismo han construido el imaginario de miles y miles de **putas** adolescentes, concentradas sobre todo en Bangkok, pero te las encuentras en cualquier centro turístico.* Em matéria de turismo construíram um imaginário de milhares e milhares de **putas** adolescentes, concentradas sobretudo em Bangcoc, mas você as encontra em qualquer centro turístico.

Las excelentes relaciones entre los gobiernos norteamericano y tailandés significaban una política de tolerancia con el Triángulo del Oro, su industria y su comercio, a cambio,

se decía, de que los oficiales norteamericanos combatientes en Vietnam practicaran el reposo del guerrero con las putas de Bangkok o Singapur.

As excelentes relações entre os governos americano e tailandês significavam uma política de tolerância com o Triângulo do Ouro, sua indústria e comércio em troca, dizia-se, de que os oficiais americanos combatentes no Vietnã praticassem o repouso do guerreiro com as **putas** de Bangcoc ou de Cingapura.

—Ya lo has visto casi todo: artesanía, rubíes, zafiros, especialmente zafiros, no hay quien visite Bangkok sin que se lleve un zafiro, putos, putas, heroína, cocaína, opio y sedas. Te faltan las sedas; son excelentes y baratas. Luego nos acercaremos al Gran Mercado porque supera a todos los grandes mercados que hayas visto, incluso a los de la India.

"Você já viu quase tudo: artesanato, rubis, safiras, especialmente safiras, não há quem visite Bangcoc sem levar uma safira, **putos, putas**, heroína, cocaína, ópio e sedas. Faltam as sedas; são excelentes e baratas. Depois nos aproximaremos do Grande Mercado, que supera todos os grandes mercados que você viu, inclusive os da Índia."

—Malaya y puta —informó el viejo mala leche que había vuelto sobre sus pasos como si fuera el demonio de la guardia del capitán Lauridsen.

"Malaia e **puta**", informou o velho safado, que voltara como se fosse o demônio da guarda do capitão Lauridsen.

Reptó Biscuter procurando no romper el cordón umbilical que lo ligaba a la nave y llegó hasta el capitán para darse cuenta de que casi había perdido el conocimiento y lo miraba con ojos tan estúpidos que no lo reconocieron, mientras los labios repetían versos de la canción sobre la puta pura y hermosa como una rosa.

Biscuter rastejou tentando não arrebentar o cordão umbilical que o ligava ao barco e chegou ao capitão para se dar conta de que ele quase tinha perdido a consciência e o olhava com olhos tão estúpidos que não o reconheceram, enquanto seus lábios repetiam versos da canção sobre a **puta** pura e formosa como uma rosa.

—El pan desnudo es uno de los libros más desgarradores, donde cuenta todas sus hambres y humillaciones. El vino, el alcohol, las putas, han curtido a este gran escritor que era muy admirado por Bowles, en paz descanse.

"O pão nu é um dos livros mais dilacerantes, em que conta todas as fomes e humilhações que passou. O vinho, o álcool, as **putas** curtiram este grande escritor muito admirado por Bowles, que descanse em paz."

3. Lexia "Maricón"

—¿Era maricón el auriga de Delfos, jefe?

—Mañana trataremos de averiguarlo.

"O auriga de Delfos era **bicha**, chefe?"

"Amanhã tentaremos tirar isso a limpo."

—El bosque de olivos sí es una maravilla equivalente a la estatua del auriga.

—Pues, a mí, el muchacho, el auriga, no me ha parecido **maricón**, sino triste, y no puedo comprender el porqué de esa tristeza, ya que cuando hicieron la estatua tanto el carro como el caballo, o los caballos, estaban al completo.

"O bosque de oliveiras, este sim, é que é uma maravilha equivalente à estátua do auriga."

"Pois, para mim, esse rapaz, o auriga, não pareceu **bicha**, mas triste, e não consigo entender a razão da tristeza, já que quando fizeram a estátua tanto o carro como o cavalo, ou os cavalos, estavam completos."

4. Lexia "Mariquita"

—Pues las novelas de Sandokán eran malayas y bien malayas, aunque el autor fuera italiano. También transcurría en Malasia Lord Jim, de Conrad.

—De Conrad y de Peter O'Toole, aquel actor tan raro que tenía aspecto de **mariquita**, o al menos miraba y se movía como un **mariquita**.

"Pois os romances de Sandokan eram malaaios e bem malaaios, embora o autor fosse italiano. Lord Jim, de Conrad também se passava na Malásia."

"De Conrad e de Peter O'Toole, aquele ator tão estranho que tinha jeito **aveadado**, ou pelo menos olhava e se mexia que nem um **veado**."

5. Lexia "Bujarrón"

Pareció argumento definitivo para todos los bujarras, menos para uno de ellos, que echó los brazos hacia adelante como para indicar la voluntad de Biscuter, escondido detrás de Antonio Cachas Negras, ahora ayudante de cocina y también él conocido **bujarrón**, pero obligado a ponerse al lado de su compañero de trabajos cotidianos.

Pareceu argumento definitivo para todos os enrustidos, menos para um deles, que jogou os braços para frente como para indicar o desejo por Biscuter, escondido atrás de Antonio Cachas Negras, agora ajudante de cozinha e, ele também, um conhecido **enrustido**, mas obrigado a ficar ao lado do colega de trabalho cotidiano.

6. Lexia "Bujarra"

Dio un paso al frente el jefe de cocina, secundado por los estudiantes, y pegó su boca a una oreja del **bujarra**, en la que dejó caer palabras que sólo podían oír el propietario del apéndice y los que estaban más próximos al encuentro.

O chefe de cozinha deu um passo à frente, acompanhado pelos estudantes, e colou sua boca na orelha do **fanchão**, e ali soltou umas palavras que só o dono do apêndice e os que estavam mais perto conseguiram ouvir.

También el momento en el que les dijeron que unos cuantos **bujarras** habían rodeado al muchacho en la cocina y le estaban diciendo que se lo iban a follar e insistieron en follárselo cuando llegaron cuatro barbilampiños políticos dispuestos a pacificar la cuestión.

Lembrou-se também do momento em que lhes disseram que um grupo de **fanchões** tinha cercado o rapaz na cozinha e prometia enrabá-lo, e já estava quase conseguindo quando chegaram quatro presos políticos imberbes mas dispostos a apaziguar o ambiente.

*De nada valían las argumentaciones sobre seguridad o sobre ética, por lo que uno de los espectadores, el más alto y transitorio jefe de cocina, se enfrentó al cabecilla **bujarra** y le señaló con un cierto desprecio el cuerpecillo fetoide de Biscuter.*

De nada valiam as argumentações sobre segurança ou sobre ética, e por isso um dos espectadores, o mais alto e transitório chefe de cozinha, enfrentou o chefe dos **fanchões** e apontou com certo desprezo o corpinho fetóide de Biscuter.

—¿Te has fijado tú en este tío? ¿Te quieres tirar a este pedazo de feto? ¿Tan necesitada tienes la polla que la vas a meter en eso? Follar es una cosa muy seria, muy seria, y no se puede convertir en una burla. ¿Qué dirán mañana de vosotros los compañeros? Se reirán mientras piensan: «Esos **bujarras** iban tan calientes que se tiraron hasta al setemesino de la cocina». Y si sale al exterior, los que sois **bujarras** pero no maricones e incluso estáis casados y tenéis hijos. ¿Os imagináis cómo os consideraría la familia si alguien señala a Biscuter y dice: «Mirad, mirad, eso es lo que se folló tu padre, tu marido o tu hermano»?

"Está vendo bem esse cara? Você quer foder esse pedaço de feto? A sua pica está assim tão em jejum que você precisa metê-la nisso aí? Foder é uma coisa muito seria, muito séria, não pode virar galhofa, não. O que dirão amanhã de vocês os outros presos? Eles vão rolar de rir só de pensar: 'Esses **enrustidos** estavam com tanto tesão que enrabaram até o setemesinho da cozinha'. E se isso circula lá fora? Vocês, que **gostam de comer homem** mas não são veados, e são até casados e têm filhos. Já imaginaram como seriam vistos pela família se alguém apontar para Biscuter e disser: 'Olha lá, olha lá, esse aí é que foi enrabado pelo seu pai, pelo seu marido, ou pelo seu irmão?'

*Secundó lo dicho con un fuerte apretón de compendio de verga y cojones del levantisco **bujarra**, presión acentuada hasta hacerlo aullar, llorar y pedir que lo dejara estar, sin capacidad de replicar la agresión porque tenía miedo de perder el sexo en el empeño. Al devolverle sus atributos sexuales, buscó el hombre el patio más próximo y poco a poco se disolvió la concentración de violadores, y algo parecido a la admiración rodeó al jefe de cocina, asesino múltiple de vecinos de su pueblo, que a su vez habían matado a su padre de una paliza por una cuestión de lindes.*

A frase foi acompanhada por um forte apertão certeiro no pau e no saco do turbulento **fanchão**, pressão acentuada até fazê-lo berrar, chorar e pedir que o deixasse em paz, sem condições de replicar a agressão porque tinha medo de perder o sexo nessa tentativa. Ao recuperar seus atributos sexuais, o homem foi para o pátio mais perto e aos poucos a concentração dos estupra dores se dissolveu, e algo parecido com admiração cercou o chefe de cozinha, assassino múltiplo de vizinhos de sua aldeia, que por sua vez tinham matado seu pai com uma surra por uma questão de demarcação de terreno.

7. Lexia “Bestia”

—*Y se ló tragan, jefe. Es que esto de las religiones es muy **bestia**.*

—*Todas. Y no te creas que son chorradas antiguas, nuestros curas van a canonizar o ya han canonizado al fundador del Opus Dei, que era un cabestro contemporáneo, a juzgar por lo que escribía, y que no hizo otro milagro que llenar los gobiernos de Franco de ministros del Opus apellidados López.*

"E a gente tem que engolir isso, chefe. É que essa história das religiões é muito **idiota**."

"Todas. E não creia que são bobagens antigas, nossos padres vão canonizar ou já canonizaram o fundador do Opus Dei, que era um cabestro contemporâneo, a julgar pelo que escrevia, e que não fez outro milagre senão encher os governos de Franco de ministros do Opus que tinham o sobrenome de López."

8. Lexia “Guarro”

—*Ya en tiempos de la Reconquista, mientras los reconquistadores españoles iban hechos unos **guarros**, la población musulmana se lavaba todos los días —comento Goytisolo con un acento ligerísimamente francés y nadie se lo discutió.*

“Já nos tempos da Reconquista, enquanto os reconquistadores espanhóis andavam feito uns **imundos**, a população muçulmana lavava-se todos os dias”, comentou Goytisolo com um sotaque ligeiramente francês e ninguém o contestou.

9. Lexia “Cabrón”

—*Hay que subirse a alguna pendiente y esperar que este **cabrón** se anegue. Preparados para volcar. Es posible, pero prefiero volcar cuesta arriba.*

"Temos de pegar uma ladeira e esperar que esse **safado** naufrague. Preparados para adernar. É possível, mas prefiro adernar numa subida."

—*Mañana hay que marcharse cuanto antes. Ese **cabrón** despertará de su sueño solidario y mañana volverá a darse cuenta de que él es un fascista y nosotros no. Estos tíos son más peligrosos que las mangostas y las cobras juntas y sumadas.*

—*Pero si estaba emocionado, el hombre.*

"Amanhã temos que ir embora o quanto antes. Esse **sacana** acordará de seu sonho solidário e voltará a se dar conta de que é um fascista e nós não. Esses caras são mais perigosos do que os mangustos e as cobras juntas e somadas." "Mas como o homem estava emocionado."

—*Es como muy **cabrón** el camello, jefe, porque paso que da lo hace como recordándote que le pesas y que no hay ninguna razón para que te hayas subido a él. Y menos en nuestro caso.*

"O camelo é muito **sacana**, chefe, porque dá cada passo como que lembrando à pessoa que ela representa um peso em cima dele e que não há nenhuma razão para ter subido em sua giba. E menos ainda no nosso caso."

10. Lexia “Cabrona”

*De este ensueño derivó la frustración a la vista de aquellos amontonados pedruscos que se habían tragado para siempre a la equívoca Helena, al incauto París, a la excesivamente trágica Andrómaca y a la sibila Casandra que siempre le había parecido una **cabrona**.*

Esse sonho resultou em frustração ao ver aquelas pedras amontoadas que haviam engolido para sempre a equívoca Helena, o incauto Páris, a exageradamente trágica Andrômaca e a sibila Cassandra, que ele sempre achou uma **filha-da-puta**.

11. Lexia “Cabronazo”

*Y así me encontré aquella mañana, siguiendo los pasos de un facha semijubilado, de no mucha nombradía, pero sin duda un **cabronazo** cuya muerte daría que hablar. Estudiamos el informe del comando de seguimiento.*

E assim me encontrei naquela manhã seguindo os passos de um fascistóide semi-aposentado, não muito famoso, mas sem dúvida um **filho-da-puta** cuja morte daria o que falar. Estudamos o relatório do comando que o seguia.

12. Lexia “Mala leche”

—No. Le debo dinero y se venga llevándose al niño. Es todo lo que me queda. Mi mujer nos dejó y está en Penang, es malaya.

*—Malaya y puta —informó el viejo **mala leche** que había vuelto sobre sus pasos como si fuera el demonio de la guardia del capitán Lauridsen.*

"Não. Devo dinheiro a ele, que se vinga levando o menino. É tudo o que me resta. Minha mulher nos deixou e está em Penang. É malaia."

"Malaia e puta", informou o velho **safado**, que voltara como se fosse o demônio da guarda do capitão Lauridsen.

ANEXO III – Corpus relativo à esfera III

1. Lexia “Hijo de puta”

*El norte es la realidad de la corrupción pactada, y todo lo demás, la escenificación de una convivencia con reyes y militares, sobre todo militares fácilmente enriquecidos. El Imperio norteamericano necesitaba aliados incondicionales, al precio que fuera. Una vez le dijeron a Roosevelt que su hombre fuerte en Nicaragua, el general Somoza, era un **hijo de puta**. «Sí —contestó Roosevelt—, pero es nuestro **hijo de puta**».*

O norte é a realidade da corrupção pactuada, e todo o resto é a encenação de uma convivência com reis e militares, sobretudo militares que enriqueceram facilmente. O Império americano precisava de aliados incondicionais, a qualquer preço. Uma vez disseram a Roosevelt que seu homem forte na Nicarágua, o general Somoza, era um **filho-da-puta**. 'É', Roosevelt respondeu, 'mas é um **filho-da-puta** nosso.'

ANEXO IV – Corpus relativo à esfera IV

1. Lexia “Joder”

*Es recomendable, además, que en los escabeches de pescados blancos haya algo de tomate y corteza, o incluso alguna rodaja de naranja, siempre y cuando esos guisos no se produzcan en ambientes como el nuestro, donde las humedades y los cambios de clima pueden **joderlos, joderlos**, tal como suena, pudrir o corromper parcialmente el tomate o cualquier otro fruto aderezador.*

É recomendável, além disso, que nos escabeches de peixes brancos haja um pouquinho de tomate e a casca, ou até uma fatia de laranja, sempre que essas preparações não sejam feitas em ambientes como o nosso, onde a umidade e as mudanças de clima podem **acabar** com elas, **foder** com elas, isso mesmo, apodrecer ou estragar parcialmente o tomate ou qualquer outra fruta que as condimente."

2. Lexia “Joderse”

*—Ahí está la cuestión. En cuanto intervienen los dioses, las cosas **se joden**. Estuvieron a punto de estropear el vino o la cerveza, por eso yo prefiero las bebidas creadas por los barmans, los cócteles son las auténticas bebidas humanas, y fíjate que ningún dios se ha atribuido un milagro a costa del dry martini o del singapur sling que tomaremos en el hotel Raffles de Singapur en el transcurso de nuestra vuelta al mundo. En cambio, en algún momento del linaje de los vinos o las cervezas intervinieron los dioses, incluso para favorecer incestos, como consta en la tradición judeocristiana, episodios que yo siempre he considerado como un remoto precedente del cine porno.*

"Aí é que são elas. Quando os deuses intervêm, as coisas **desandam**. Estiveram prestes a estropear o vinho e a cerveja, por isso prefiro as bebidas criadas pelos barmen; os coquetéis são as autênticas bebidas humanas, e, veja bem, nenhum deus se atribuiu um milagre à custa do dry martini ou do singapur sling que tomaremos no hotel Raffles de Singapura durante a nossa volta ao mundo. Em compensação, em algum momento da linhagem dos vinhos ou das cervejas os deuses intervieram, até para favorecer incestos, como consta da tradição judaico-cristã, episódios que sempre considereei como um precedente remoto do cinema pornô."

*En medio del Pacífico puedes salvarte si participas en una regata y hay un servicio de seguridad, pero si vas por lo libre **te jodes** y **te jodes**, o te pones a prueba a ti mismo como el náufrago más rodeado de agua de este mundo.*

No meio do Pacífico você consegue se salvar se participa de uma regata e há um serviço de segurança, mas se veleja por conta própria você **se fode** pra valer, ou se põe à prova como o náufrago mais cercado de água deste mundo.

*Primero fue la llamada aristocracia obrera la que se quedó sin bife y sin casa, y ahora son las capas medias las que **se joden**, gallego, las que **se joden** a veces sin merecerlo, pero muchos de ellos se tragaron la lengua cuando la dictadura nos estaba machacando y ahora están pagando las consecuencias.*

Primeiro foi a chamada aristocracia operária que ficou sem carne e sem casa, e agora, galego, é a classe média que **se ferra**, que **se ferra** às vezes sem merecer, se bem que muitos engoliram a língua quando a ditadura estava nos massacrando e agora pagam o pato."

*Los he visto callejear por Ciudad del Este y he dudado en identificarme, pero **me jode** no recuperar parte de mi historia, y aquí me siento como desterrado. Los hombres del capitán no hemos tenido suerte. El gordo se quedó en este puente con el corazón roto.*

Vi-os perambulando por Ciudad del Este e fiquei na dúvida de me apresentar, mas **estou de saco cheio** de não poder recuperar parte de minha história, e aqui me sinto como que um desterrado. Nós, os homens do capitão, não tivemos sorte. O gordo terminou nesta ponte, com o coração arrebatado.

3. Lexia “Leche”

*—Joder, joder, joder. Pues parece moneda, cómo diría yo, más europea, menos zarrapastrosa. Pero dejémonos de **leches**, camaradas, vayamos al tajo. ¿Queréis ver el barco? Os enseñaré primero el mar y luego el barco.*

"Porra, porra, porra. Pois parece moeda, como eu diria, mais européia, menos maltrapilha. Mas chega de **lero-lero** camaradas, vamos ao que interessa. Querem ver o barco? Primeiro vou mostrar o mar e depois o barco."

*—Pero qué momia, hombre. Cómo se puede llamar momia a algo que te permite hacer una zurrkutuna, un pil-pil, un ajoarriero, a la vizcaína. **Leche**, pues vaya momia.*

"Mas que múmia nada, homem! Como se pode chamar de múmia uma coisa que permite a você fazer uma *zurrkutuna*, um *pil-pil*, um *ajoarriero*, um à moda biscainha. Pois então, que **puta** múmia."

4. Lexia “Mala leche”

*Una hora de moto los había descoyuntado, pero se temían una sesión más larga, por lo que cuando el artefacto se detuvo en la desembocadura del camino em algo que pretendía ser una carretera y vieron cómo los esperaba un escaso y viejo autocar en el que permanecían unas veinte personas, quietas como muñecos de cartón recortados para una escenografía entre lo infantil y lo horroroso. Le pareció infantil a Carvalho, horrorosa a Biscuter, cuya **mala leche** había crecido desde los sótanos del sidecar, donde lo habían sepultado.*

Uma hora de moto os deixara desconjuntados, mas temiam uma sessão mais longa; foi quando pararam no ponto em que o caminho desembocava em algo que pretendia ser uma estrada e viram que os esperava um acanhado e velho ônibus no qual havia umas vinte pessoas, quietas como bonecos de papelão recortados para uma cenografia entre a infantil e a horrorosa. Infantil segundo Carvalho, horrorosa segundo Biscuter, cujo **mau humor** tinha aumentado ali nos porões do *sidecar*, onde o haviam sepultado.

*Mucho era su sueño, y a él atribuyó la **mala leche** con la que contemplaba los recuerdos, las personas y las cosas, y consiguió dormir hasta Valencia com sobresaltos a cada*

*parada, la más larga dedicada a que el personal hiciera sus necesidades en una gasolinera y completara su alimentación con lo que quedaba de la tapería del mediodía. Sentia muito sono, ao qual atribuiu o **mau humor** com que contemplava as lembranças, as pessoas e as coisas, e conseguiu dormir até Valência, com sobressaltos a cada parada, sendo a mais longa prevista para que os viajantes fizessem suas necessidades num **posto** de gasolina e completassem a alimentação com o que sobrava das *tapas* da hora do almoço.*

5. Lexia “Maricona”

*Ya en la habitación apagaron la luz, buscó Carvalho la «pistola **maricon**», como la calificaba Biscuter, y la puso bajo la almohada. Su compañero no leía esa noche. Respiraba despacito, tal vez para no hacer ruido o porque no le cabía demasiado aire en sus pequeños pulmones. Con los ojos muy abiertos clavados en el techo, perseguía la lógica de lo que estaba ocurriendo y no la hallaba.*

Já no quarto, apagaram a luz, Carvalho pegou a "pistola **mariquinhas**", como Biscuter a qualificava, e a colocou debaixo do travesseiro. Nessa noite, seu amigo não estava lendo. Respirava devagarinho, talvez para não fazer barulho ou porque não cabia muito ar em seus pulmões pequeninos.

De olhos arregalados e fixos no teto, perseguia a lógica do que estava acontecendo e não encontrava.

6. Lexia “Mariconada”

—¿No se pone mantequilla o crema de leche?

—Primero quiero saber si el caviar es suficientemente bueno como para no acompañarlo con **mariconadas**. Supongo que habrá sido comprado en el mercado negro.

"Não se põe manteiga ou creme de leite?"

"Primeiro quero saber se o caviar é bom o suficiente para não acompanhá-lo com **frescuras**. Imagino que terá sido comprado no mercado negro."

7. Lexia “Mariconería”

—En cuanto tenga el dinero, a tomar por culo el camión. Esto no es vida. Que los conduzcan los moros. Mucho toreo y mucha **mariconería**, pero aquí quisiera yo verlos.

"Quando tiver o dinheiro, mando o caminhão ir tomar no cu. Isto não é vida. Que os árabes os dirijam. Muita tourada e muita **veadagem**, mas só queria vê-los aqui."

8. Lexia “De puta madre”

*No quiso seguir la confesión de vida y obra y volvió a plantear la necesidad de ir a Patmos. Significaba quemar un día, reflexionó Biscuter, pero estuvo de acuerdo en hacerlo siempre que aprovecharan la tarde en Efeso, que tenía «unas ruinas romanas de **puta madre**, porque todo esto era griego y romano, jefe, hasta que llegaron los turcos desde las estepas del Asia central».*

Não quis continuar a confissão de vida e obra e voltou a falar da necessidade de irem a Patmos. Significava perder um dia, Biscuter refletiu, mas concordou em ir, desde que aproveitassem a tarde em Éfeso, que tinha "umas ruínas romanas **que puta que pariu!**, porque tudo isso era grego e romano, chefe, até que chegaram os turcos vindos das estepes da Ásia-central".

—*Realmente, jefe, sería **de puta madre** y barato.*
"Realmente, chefe, seria **do cacete**, e baratinho."

*El barco está anclado un poco lejos, en Akuna Bay, y nos movemos en una bahía múltiple, muy honda y llena de calas y playas **de puta madre**.*
O barco está ancorado meio longe, em Akuna Bay, e vamos andar por uma baía múltipla, muito funda e cheia de enseadas e umas praias **do caralho**.

—*De momento, los vientos, **de puta madre**.*
"Por ora, os ventos, **do caralho**."

*Jemmy Button, el de más entidad de los salvajes arrepentidos, ya integrado otra vez con los yamanas, fue invitado por Fitz Roy a tomar un té, supongo que en el Beagle, y el tío va, vuelve a hablarles un inglés **de puta madre** según un protocolo de chico de la buena sociedad, pero luego deja el barco y vuelve con su pueblo.*
Jemmy Button, o mais destacado dos selvagens *arrepentidos*, já reintegrado aos iamanas, foi convidado por Fitz Roy para tomar um chá, imagino que no *Beagle*, e o cara vai, volta a falar com eles num inglês **do caralho**, seguindo o protocolo de moço de boa sociedade, mas depois deixa o barco e vai embora com seu povo.

9. Lexia “Putada”

—*Yo no soy cristiano. Ese principio es de Kempis y resume el oscurantismo de la religiosidad basada en el crédito absoluto concedido al sentido biohistórico de los dioses. Para mí, que la vida sea dolor es una prueba de la inexistencia de los dioses. Incluso el caviar es una prueba de la inexistencia de un dios creador. Es una **putada** que tengas que deshuevar a un pobre pez para comer como Dios.*

"Não sou cristão. Esse princípio é de Kempis e resume o obscurantismo da religiosidade baseada no crédito absoluto concedido ao sentido bio-histórico dos deuses. Para mim, que a vida seja dor é uma prova da inexistência dos deuses. Até o caviar é uma prova da inexistência de um deus criador. É uma **sacanagem** que você tenha de desovar um pobre peixe para comer como Deus."

10. Lexia “Cojones”

—*Si no habéis estado en Valparaíso, os gustará mucho, eso espero, porque a mí me entusiasma, sobre todo ese aire que tiene de potente, muy potente ciudad marinera venida a menos y no ahora, sino hace casi un siglo. Hasta la construcción del canal de Panamá no había más **cojones** que pasar del Atlántico al Pacífico por el cabo de Hornos y*

detenerse en Valparaíso, y así lo hicieron desde mi paisano Elcano hasta cualquier transatlántico anterior a 1912.

Se vocês nunca estiveram em Valparaíso, vão adorar, é o que espero, porque sou um entusiasta, sobretudo daquele jeito que tem de potente, potentíssima cidade marítima decadente, e não hoje, mas já há quase um século. Até a construção do canal do Panamá não havia **porra** nenhuma, o jeito era passar do Atlântico para o Pacífico pelo cabo ge parar em Valparaíso, e assim fizeram desde meu conterrâneo Elcano até qualquer transatlântico anterior a 1912

11. Lexia “De (los) cojones”

—Ha sido cosa de esa bruja!

—¿De qué bruja?

*—De la Malena **de los cojones**. Yo no acordé nada con policía alguno. Me limite a dejarle la nota en el hotel en cuanto resolví lo de la documentación de la FAO. ¡Qué pendiente tan chulo! ¿Por qué se ha puesto ese pendiente? ¿Es una promesa o es para sentirse moderno?*

"Foi coisa daquela bruxa!"

"De que bruxa?"

"Da Malena **filha-da-puta**. Não combinei nada com policial nenhum. Limitei-me a deixar-lhe o bilhete no hotel enquanto tratava da documentação da FAO. Que gracinha de brinco! Por que pôs este brinco? É promessa ou é para se sentir moderno?"

*—Y es que es **de cojones**, jefe, que una calle tan canija y pequeña la puedan convertir en una de las más famosas del mundo. ¡Qué colores tan bonitos!*

"É que é **do caralho**, chefe, que uma rua tão mixuruca e pequeninha possa ter virado uma das mais famosas do mundo. Que cores tão bonitas!"

12. Lexia “Tener cojones”

—Muy probablemente.

*—Pues con los moros pasa lo mismo. Ya se han apoderado de Francia y ahora se vienen a España. No te jode. Chiquito de Agadir. Hay que **tener cojones** y cara dura.*

Carvalho le había ofrecido material para monólogo hasta Barcelona, y allí dejó de hablar, porque empezó a dormirse a ráfagas, interrupciones de la conducción que el camión asumía yéndose unas veces hacia la cuneta de la derecha, y otras hacia el carril de la izquierda, del que era expulsado por las bocinas de los automóviles que trataban de adelantarlos.

"Muito provavelmente."

"Pois com os árabes é a mesma coisa. Já tomaram conta da França e agora vêm para a Espanha. Porra. Chiquito de Agadir. Tem que **ter colhão** e ser o maior cara-de-pau.

Carvalho tinha lhe oferecido material para um monólogo até Barcelona, e então parou de falar, porque começou a dormir, aos pedaços, com interrupções quando o caminhão ia ora para perto do acostamento da direita, ora para a pista da esquerda, da qual era expulso pelas buzinas dos automóveis que tentavam ultrapassá-lo."

13. Lexia “Cojonudo”

—Lo **cojonudo** sería pasar unos días en el desierto, jefe, antes de mi imprescindible viaje a Ouarzazate. Lo necesito, por higiene mental. En cuanto nos dejen los del Polisario, ya en Marruecos. En el desierto las fronteras no existen.

"**Legal** mesmo seria passar uns dias no deserto, chefe, antes da minha imprescindível viagem a Ouarzazate. Eu preciso disso, para higiene mental. Quando os caras do Polisário no!"deixarem, já no Marrocos. No deserto não existem fronteiras."

—Por el dinero no se preocupe. Sería **cojonudo** que nos vistiéramos de moros, de jeques árabes, no de árabes de alpargata, porque los tratan muy mal en todas partes. Yo tengo mis ahorros.

"Com dinheiro, não se preocupe. Seria **superlegal** nos vestirmos de árabes, de xeques árabes, não de árabes de alpargatas, porque esses aí são muito maltratados em qualquer canto. Eu tenho minhas economias."

Especialmente **cojonuda** la dorsal montañosa que marca el paso del Pacífico occidental al oriental, porque todos los años se ensancha unos dieciséis centímetros y es la hostia, ya tiene cuatro kilómetros de ancho.

Porreta mesmo é a dorsal oceânica que marca a passagem do Pacífico ocidental para o oriental, porque todo ano ela se alarga uns dezesseis centímetros e é do caralho, já tem quatro quilômetros de largura.

Estudiamos el informe del comando de seguimiento. Me puse mi calzado deportivo nuevo, unas Adidas **cojonudas** con las que caminaba como sobre muelles, me metí la pistola en el bolsillo de la gabardina y me pegué al tío en el momento en que salía de la croissanterie de todas las mañanas.

Estudamos o relatório do comando que o seguia. Calcei meu tênis novo, um Adidas **do caralho**, parecia que eu andava sobre molas, enfiei a pistola no bolso da gabardine e peguei o cara na hora em que saía da *croissanterie* aonde ia toda manhã.

ANEXO V – Corpus relativo à esfera V

1. Lexia “Paquete”

La tenía pegada a su cuerpo. Ella lo besó y le metió la lengua en la boca como si le estuviera pidiendo asilo político o profesional y con una mano se apoderó del **paquete** sexual de Carvalho, lo apretó tiernamente y luego lo soltó como se suelta una paloma. Carvalho lo entendió como la última y verdadera despedida.

Segurou-a pegada a seu corpo. Ela o beijou e enfiou a língua em sua boca como se estivesse lhe pedindo asilo político ou profissional, e com a mão se apoderou do **pacote** sexual de Carvalho, apertou-o carinhosamente e depois o soltou como se faz com um pombinho. Carvalho entendeu que era a última e verdadeira despedida.

2. Lexia “Polla”

—¿Te has fijado tú en este tío? ¿Te quieres tirar a este pedazo de feto? ¿Tan necesitada tienes **la polla** que la vas a meter en eso? Follar es una cosa muy seria, muy seria, y no se puede convertir en una burla.

"Está vendo bem esse cara? Você quer foder esse pedaço de feto? A sua **pica** está assim tão em jejum que você precisa metê-la nisso aí? Foder é uma coisa muito seria, muito séria, não pode virar galhofa, não.

3. Lexia “Picha”

—Tú me metes la **picha** en tu puto culo y no des más el coñazo porque, de lo contrario, te la voy a cortar y la voy a echar mañana en el potaje de col. Primero la lavaré, desde luego, porque debe de ser la **picha** más guarra de la cárcel.

"Você enfia a sua **pica** na porra do seu cu e não enche mais o saco porque do contrário eu vou cortá-la e jogá-la amanhã na sopa de repolho. Primeiro vou lavar, e claro, porque deve ser a **pica** mais imunda da prisão."

4. Lexia “Verga”

Secundó lo dicho con un fuerte apretón de compendio de **verga** y cojones del levantisco bujarra, presión acentuada hasta hacerlo aullar, llorar y pedir que lo dejara estar, sin capacidad de replicar la agresión porque tenía miedo de perder el sexo en el empeño. Al devolverle sus atributos sexuales, buscó el hombre el patio más próximo y poco a poco se disolvió la concentración de violadores, y algo parecido a la admiración rodeó al jefe de cocina, asesino múltiple de vecinos de su pueblo, que a su vez habían matado a su padre de una paliza por una cuestión de lindes. El hombre era un filósofo que, de vez en cuando, ante el relato de los crímenes más horrendos que castigaba la cárcel de Aridel, comentaba:

A frase foi acompanhada por um forte apertão certo no **pau** e no saco do turbulento fanchão, pressão acentuada até fazê-lo berrar, chorar e pedir que o deixasse em paz, sem condições de replicar a agressão porque tinha medo de perder o sexo nessa tentativa. Ao recuperar seus atributos sexuais, o homem foi para o pátio mais perto e aos poucos a concentração dos estupra dores se dissolveu, e algo parecido com admiração cercou o chefe de cozinha, assassino múltiplo de vizinhos de sua aldeia, que por sua vez tinham matado seu pai com uma surra por uma questão de demarcação de terreno. O homem era um filósofo que, de vez em quando, diante do relato dos crimes mais hediondos que corria pela prisão de Aridel, comentava:

5. Lexia “Paja”

Todavía en su infancia recordaba Carvalho haberlo visto como introductor de películas basadas en sus novelas, en aquella pantalla del cine Padró, superviviente de los bombardeos y de las salpicaduras de las **pajas** baratas perpetradas por pajilleras con varices, algunas incluso viudas de guerra.

Carvalho se lembrava de, já na infância, tê-lo visto no início de filmes baseados em seus romances, na tela do cine Padró, que sobrevivera aos bombardeios e às **punhetas** baratas perpetradas com a cumplicidade de mulheres com varizes, algumas até mesmo viúvas de guerra.

6. Lexia “Follar”

*Aunque Mrs. Coleman se declaró lo suficientemente emancipada como para poder **follar**, «**follar** —dijo—, con un hombre», entonces los seleccionaba según su potencia de machos jóvenes, con especial consideración del tamaño o la eficacia de su sexo, lo que Carvalho interpretó como una advertencia disuasoria, y en cuanto pudo desenganchar a Biscuter de una apasionada discusión con las restantes señoras sobre la homosexualidad en Hollywood, en el fútbol y en la política británica, pretextó la necesidad de madrugar al encuentro del auriga de Delfos para consumir la retirada del último bar abierto en el Plaka.*

Embora Mrs. Coleman se tivesse declarado bastante emancipada para poder **foder**, "**foder**" - disse - "com um homem", selecionava-os segundo sua potência de machos jovens, com consideração especial pelo tamanho ou a eficácia de seu sexo, o que Carvalho interpretou como uma advertência dissuasiva, e quando conseguiu arrancar Biscuter de uma discussão apaixonada com as outras senhoras sobre o homossexualismo em Hollywood, no futebol e na política inglesa, pretextou a necessidade de madrugar para ir ao encontro do auriga de Delfos e consumou a retirada do último bar aberto em Plaka.

*—Es la prostitución más selecta de Estambul, las rusas, algunas ucranianas, yugoslavas, pero sobre todo las rusas, casi todas muchachas muy finas, con carrera y ahora aquí, desplazadas de sus países por los cambios económicos. Se acabó el papaíto Estado y con la música a otra parte. Se sorprenderían ustedes si vieran la cantidad de rusas con estudios artísticos o musicales que se dedican a esto. Lo sorprendente es hallarlas en un local como el que hemos visto, porque lo normal es que ejerzan en night clubs de prestigio o en apartamentos de la mafia de la prostitución. Esa chica, sí, la he visto otras veces, pero actúa de gancho, quiero decir: si pagas, también **follas**, pero sobre todo ejerce como polo de atracción.*

"É a prostituição mais seleta de Istambul, as russas, algumas ucranianas, iugoslavas, mas sobretudo as russas, quase todas moças muito finas, com profissão, e agora aqui, deslocadas de seus países pelas mudanças econômicas. O papaizinho Estado acabou-se, e babau! Vocês se surpreenderiam se vissem a quantidade de russas com estudos artísticos ou musicais que se dedicam a isso. O surpreendente é achá-las num lugar como o que vimos, pois o normal é que trabalhem em boates de prestígio ou em apartamentos da máfia da prostituição. Essa garota, eu vi, sim, outras vezes, mas ela age como chamariz, quer dizer, se você pagar, ela também **fode**, mas funciona sobretudo como pólo de atração."

*—Es curioso, sólo curioso. Pero no hay, ¿cómo le diría yo?, comunicación, aunque la palabra se las tDLE. Tal vez sea por culpa de la humedad y el jabón, pero no he tenido la sensación de estar **follando** con una mujer real. Es como si ella hubiera salido de otro mundo, sin salir.*

"É curioso, só curioso. Mas não há, como eu poderia dizer?, comunicação, embora a palavra dê a entender. Talvez seja por causa da umidade e do sabonete mas não tive a sensação de estar **fodendo** com uma mulher real. É como se ela tivesse saído de outro mundo, sem sair."

*También el momento en el que les dijeron que unos cuantos bujarras habían rodeado al muchacho en la cocina y le estaban diciendo que se lo iban a **follar** e insistieron en **follárselo** cuando llegaron cuatro barbilampiños políticos dispuestos a pacificar la cuestión. De nada valían las argumentaciones sobre seguridad o sobre ética, por lo que uno de los espectadores, el más alto y transitorio jefe de cocina, se enfrentó al cabecilla bujarra y le señaló con un cierto desprecio el cuerpecillo fetoide de Biscuter.*

Lembrou-se também do momento em que lhes disseram que um grupo de fanchões tinha cercado o rapaz na cozinha e prometia **enrabá-lo**, e já estava quase conseguindo quando chegaram quatro presos políticos imberbes mas dispostos a apaziguar o ambiente. De nada valiam as argumentações sobre segurança ou sobre ética, e por isso um dos espectadores, o mais alto e transitório chefe de cozinha, enfrentou o chefe dos fanchões e apontou com certo desprezo o corpinho fetóide de Biscuter.

*—¿Te has fijado tú en este tío? ¿Te quieres tirar a este pedazo de feto? ¿Tan necesitada tienes la polla que la vas a meter en eso? **Follar** es una cosa muy seria, muy seria, y no se puede convertir en una burla. ¿Qué dirán mañana de vosotros los compañeros? Se reirán mientras piensan: «Esos bujarras iban tan calientes que se tiraron hasta al sietemesino de la cocina». Y si sale al exterior, los que sois bujarras pero no maricones e incluso estáis casados y tenéis hijos. ¿Os imagináis cómo os consideraría la familia si alguien señala a Biscuter y dice: «Mirad, mirad, eso es lo que se **folló** tu padre, tu marido o tu hermano»?*

"Está vendo bem esse cara? Você quer foder esse pedaço de feto? A sua pica está assim tão em jejum que você precisa metê-la nisso aí? **Foder** é uma coisa muito seria, muito séria, não pode virar galhofa, não. O que dirão amanhã de vocês os outros presos? Eles vão rolar de rir só de pensar: 'Esses enrustidos estavam com tanto tesão que enrabaram até o setemesinho da cozinha'. E se isso circula lá fora? Vocês, que gostam de comer homem mas não são veados, e são até casados e têm filhos. Já imaginaram como seriam vistos pela família se alguém apontar para Biscuter e disser: 'Olha lá, olha lá, esse aí é que foi **enrabado** pelo seu pai, pelo seu marido, ou pelo seu irmão?'

7. Lexia "Tirarse"

*—¿Te has fijado tú en este tío? ¿Te quieres **tirar a** este pedazo de feto? ¿Tan necesitada tienes la polla que la vas a meter en eso? Follar es una cosa muy seria, muy seria, y no se puede convertir en una burla. ¿Qué dirán mañana de vosotros los compañeros? Se reirán mientras piensan: «Esos bujarras iban tan calientes que **se tiraron hasta al** sietemesino de la cocina». Y si sale al exterior, los que sois bujarras pero no maricones e incluso estáis casados y tenéis hijos. ¿Os imagináis cómo os consideraría la familia si alguien señala a Biscuter y dice: «Mirad, mirad, eso es lo que se **folló** tu padre, tu marido o tu hermano»?*

"Está vendo bem esse cara? Você quer **foder** esse pedaço de feto? A sua pica está assim tão em jejum que você precisa metê-la nisso aí? Foder é uma coisa muito seria, muito séria, não pode virar galhofa, não. O que dirão amanhã de vocês os outros presos? Eles vão rolar de rir só de pensar: 'Esses enrustidos estavam com tanto tesão que **enrabaram** até o setemesinho da cozinha'. E se isso circula lá fora? Vocês, que gostam de comer homem mas não são veados, e são até casados e têm filhos. Já imaginaram como seriam vistos pela família se alguém apontar para Biscuter e disser: 'Olha lá, olha lá, esse aí é que foi enrabado pelo seu pai, pelo seu marido, ou pelo seu irmão?'

—*Yo vi una vez una película muy mala pero muy inquietante. Resulta que los marcianos invaden la Tierra con un procedimiento muy, pero que muy hijo de puta. Se apoderan de cuerpos humanos, con la documentación incluida, con todo, con la familia, es decir, se **tiran a** la mujer por ejemplo del ciudadano sustituido, usurpado, y así poco a poco se van apoderando de Nueva York, creo que era de Nueva York.*

"Uma vez eu vi um filme muito ruim mas muito inquietante. É que os marcianos invadem a Terra de um jeito muito, mas muito filho-da-puta. Eles se apoderam dos corpos humanos, com os documentos inclusive, com tudo, com a família, quer dizer, **trepam** com a mulher do cidadão que foi usurpado, e assim aos poucos vão ficando donos de Nova York, acho que era de Nova York."

8. Lexia "Mear"

*Bajó para **mear** tan copiosamente como lo exigían las proporciones de su cuerpo y volvió al coche, donde preparó dos rodajas de pan untado con margarina, dos pedazos de calabaza, otras dos de salchichón y dos tazas de té que salió humeante del termo.*

Desceu para **mijar** tão copiosamente como exigiam as proporções de seu corpo e voltou para o carro, onde preparou duas fatias de pão untado com margarina, dois pedaços de abóbora cristalizada, outras duas de salsichão e duas taças de chá que saiu fumegante da garrafa.

«¿No ve usted como estrellas o iluminaciones en los ojos? ¿No tiene siempre ganas de **mear**? ¿No estaría comiendo a todas horas? Esto de la diabetes es un cáncer menos valorado por la gente. Mi madre la padeció y su final fue un desastre. Incluso tuvieron que amputarle un pie por culpa de una gangrena».

"O senhor não vê umas estrelas ou luzinhas nos olhos? Não tem sempre vontade de **mijar**? Não estaria comendo a toda hora? Esse negócio de diabetes é um câncer menos valorizado pela gente. Minha mãe sofreu disso e seu final foi um desastre. Tiveram até de amputar um pé dela por causa de uma gangrena".

*Los WC de los vagones estaban llenos de maletas e incluso de pasajeros, que sólo salían para permitir que sus colegas **mearan** o cagaran en solitario, cuando se trataba de adultos, pero si los emisores de aguas mayores no habían cumplido los doce años, no tenían más remedio que hacer sus necesidades con los ojos cerrados, tal vez la única posibilidad de no ser vistos.*

Os banheiros dos vagões estavam cheios de bagagem e até de passageiros, que só saíam para permitir que outros **mijassem** ou cagassem isolados, quando se tratava de adultos,

mas se os emissores de águas maiores tinham menos de doze anos não havia outro jeito senão fazer suas necessidades de olhos fechados, talvez a única possibilidade de não serem vistos.

9. Lexia “Mierda”

*Tanto Irina como yo decidimos que teníamos que marcharnos de aquella **mierda** de país y volver tal vez algún día, cuando hubiera zar y por fin se descubriera quién coño era la princesa Anastasia.*

Tanto Irina como eu resolvemos que tínhamos de ir embora daquela **merda** de país e voltarmos, talvez um dia, quando houvesse um czar e finalmente se descobrisse que porra era essa tal de princesa Anastácia.

*No estaba solo; alguien lo sostenía por las axilas mientras trataba de mantenerse en cuclillas sobre dos pies de porcelana emergentes de un suelo que olía a orines, y oía el ruido de su propia **mierda** al caer en un pocillo lleno de agua oscura, tal vez marrón oscuro, no negra ni verde oscuro.*

Não estava só; alguém o segurava pelas axilas enquanto tentava se manter de cócoras sobre dois pés de porcelana emergidos de um chão que fedia a urina, e ouvia o ruído de sua própria **merda** caindo numa tina cheia de água escura, talvez marrom-escuro, nem preta nem verde-escuro.

*—Todo eso ya no sirve para una puñetera **mierda**, y a usted menos que a nadie. He de colaborar con mi amigo Bocardo y necesitamos saber dónde está la droga. También sería muy necesario saber dónde está Biscuter, aunque quizá él esté donde la droga.*

"Tudo isso já não serve mais para **merda** nenhuma, e para você menos ainda. Tenho de colaborar com o meu amigo Bocardo e precisamos saber onde está a droga. Também seria muito útil saber onde está Biscuter, embora talvez ele esteja onde está a droga."

*—No. No lo he necesitado en más de cuarenta años y mi familia no necesitó hablarlo desde que llegó aquí, a comienzos del siglo XX. Pero entre lo que representó el comunismo y la tentación islámica, de momento el modelo para esta república de **mierda** y para Kazajstán, incluso para Azerbaiyán, aunque no sea geográficamente asiática, es Turquía. Algún día se tendrá que valorar el esfuerzo del ejército soviético para detener a los nuevos bárbaros.*

"Não. Não precisei falar, em mais de quarenta anos, e minha família não precisou falar desde que chegou aqui, no começo do século xx. Mas entre o que representou o comunismo e a tentação islâmica, o modelo para esta república de **merda** e para o Cazaquistão, e até para o Azerbaijão, é por enquanto a Turquia, embora geograficamente ela não seja asiática. Um dia terá de se valorizar o esforço do exército soviético para deter os novos bárbaros."

*El olor a **mierda**, muerte, hierbas aromáticas y especias emanaba como una nube sobre cualquier recorrido entre bazares y cafés donde aparecían como muestrarios, aparentemente desorganizados, de cosas y seres humanos.*

O cheiro de **merda**, morte, ervas aromáticas e especiarias emanava como uma nuvem sobre qualquer caminhada entre bazares e cafés, que pareciam mostruários, aparentemente desorganizados, de coisas e criaturas.

*Carvalho repitió tres veces **mierda**, no por el absurdo cansancio de haber repetido el trayecto de 1982, sino por la repentina evidencia de que Koh Samui ya no podía ser la de hacía veinte años. Biscuter se había estirado casi al completo con los brazos doblados tras el codo y los pies flotantes cerca del respaldo del sillón del conductor, pero no dormía. Sin duda, recordaba todo lo que Carvalho le había contado de Koh Samui y se preparaba para comparar la realidad con el mito.*

Carvalho repetiu três vezes **merda**, não pelo absurdo cansaço de ter repetido o trajeto de 1982, mas pela repentina evidência de que Koh Samui já não podia ser a mesma de vinte anos antes. Biscuter tinha se esticado quase todo, com os braços dobrados na nuca e os pés balançando perto do encosto do assento do motorista, mas não dormia. Sem dúvida, lembrava tudo o que Carvalho havia lhe contado de Koh Samui e se preparava para comparar a realidade com o mito.

*Tomó el pulso en el cuello del vencido y estaba vivo, por lo que volvió a la cocina, donde Biscuter había desatado al niño y le estaba limpiando las **mierdas** con la ayuda del grifo de la cocina.*

—*Estaba cagadito y meado, el pobre.*

Tomou a pulsação do vencido, na artéria do pescoço, e verificou que ele estava vivo; portanto, voltou para a cozinha, onde Biscuter tinha soltado o menino e estava limpando sua **merda** na torneira da cozinha.

"Estava cagadinho e mijado, o pobre."

*El arquitecto que llevaba la voz cantante tuteó a Carvalho desde el primer momento y el detective dudó entre mandarlo a **la mierda** o considerarlo buena señal para la propina final, porque tanta confianza inmotivada tenía un precio.*

O arquiteto que falava cantando chamou Carvalho de "você" desde o primeiro instante e o detetive ficou na dúvida entre mandá-lo **à merda** ou considerar que isso era um bom augúrio para a gorjeta final, pois tanta confiança desmotivada tinha um preço.

—*¡Pero este tío es un pendejo, un fascista de **mierda**!*

Nadie asumió lo que había dicho, ni siquiera Carvalho, a pesar de que el muchacho se fue a por él en busca de complicidad. Dejó que el chico se explicara y sólo lo cortó cuando oyó que lo implicaba en la guerra civil española.

"Mas esse cara é um babaca, um fascista de **merda**!"

Ninguém ratificou o que disse, nem mesmo Carvalho, embora o garoto tivesse se dirigido a ele em busca de cumplicidade. Deixou que o rapaz se explicasse e só o cortou quando ouviu que o implicava na Guerra Civil Espanhola.

*Aunque la travesía era larga y no podían confiar demasiado en la ayuda de otros barcos, la radio era un instrumento magnífico para viajar con confianza, «aunque analizada esa confianza —añadió Oñate—, es una **mierda**.*

Embora a travessia fosse longa e não pudessem confiar demais na ajuda de outros barcos, o rádio era um instrumento magnífico para viajar com confiança, "mesmo se, analisando essa confiança", Oñate acrescentou, "a gente perceba que ele é uma **merda**."

Reclamó a Carvalho para que se hiciera cargo del timón mientras él se iba a comprobar el estado de las velas.

—¿Y si se rompen?

—Tenemos un motor auxiliar que nos permitiría al menos no ir del todo a la deriva mientras termina esta **mierda**. Y, si no termina esta **mierda**, pues vosotros al cielo y yo al infierno.

Pediu que Carvalho se encarregasse do timão enquanto ia verificar o estado das velas.

"E se arrebentarem?"

"Temos um motor auxiliar que nos permitiria pelo menos não ficar totalmente à deriva enquanto essa **merda** não acaba. E se essa **merda** não acabar, pois então vocês irão para o céu e eu para o inferno."

—¿Lo mandará usted a tomar por culo? ¿Será consecuente? Según usted, es el representante del Estado opresor de Euzkadi.

—Es un godo de **mierda**, cierto, pero...

"Vai mandá-lo tomar no cu? Vai ser consecuente? Segundo você, ele é o representante do Estado opressor de Euzkadi."

"Ele é um godo de **merda**, é verdade, mas ..."

10. Lexia "Cagar"

*Los WC de los vagones estaban llenos de maletas e incluso de pasajeros, que sólo salían para permitir que sus colegas mearan o **cagaran** en solitario, cuando se trataba de adultos, pero si los emisores de aguas mayores no habían cumplido los doce años, no tenían más remedio que hacer sus necesidades con los ojos cerrados, tal vez la única posibilidad de no ser vistos.*

Os banheiros dos vagões estavam cheios de bagagem e até de passageiros, que só saíam para permitir que outros mijassem ou **cagassem** isolados, quando se tratava de adultos, mas se os emissores de águas maiores tinham menos de doze anos não havia outro jeito senão fazer suas necessidades de olhos fechados, talvez a única possibilidade de não serem vistos.

*Creía haber vivido horas ligado a una botella de suero colgada junto a la ventanilla de un coche y comunicada con su mismidad mediante una cánula con grifito incrustada en una de sus venas. No recordaba haber comido nada sólido, pero se recordaba a sí mismo **cagando**.*

Imaginava ter vivido horas ligado a um frasco de soro pendurado perto da janela de um carro e que se comunicava com sua identidade por uma cânula com uma pequena válvula, incrustada numa de suas veias. Não se lembrava de ter comido nada sólido, mas se recordava de si mesmo **cagando**.

Tomó el pulso en el cuello del vencido y estaba vivo, por lo que volvió a la cocina, donde Biscuter había desatado al niño y le estaba limpiando las mierdas con la ayuda del grifo de la cocina.

*—Estaba **cagadito** y meado, el pobre.*

Tomou a pulsação do vencido, na artéria do pescoço, e verificou que ele estava vivo; portanto, voltou para a cozinha, onde Biscuter tinha soltado o menino e estava limpando sua merda na torneira da cozinha.

"Estava **cagadinho** e mijado, o pobre."

—Las cosas que te quedan por ver. Debían correr hasta el Queen Guillermina para no perder el empleo que no tenían.

Carvalho sancionó:

*—Al menos el padre no lo atará en la cocina, ni dejará que **se cague** encima.*

—Eso seguro.

—A esa edad, ¿qué más se puede pedir?

"As coisas que você ainda há de ver."

Deviam correr até o *Queen Guillermina* para não perder o emprego que não tinham.

Carvalho sancionou:

"pelo menos o pai não o amarrará na cozinha, nem deixará que ele **se cague** todo."

"Isso não tem dúvida."

"Nessa idade, o que mais se pode pedir?"